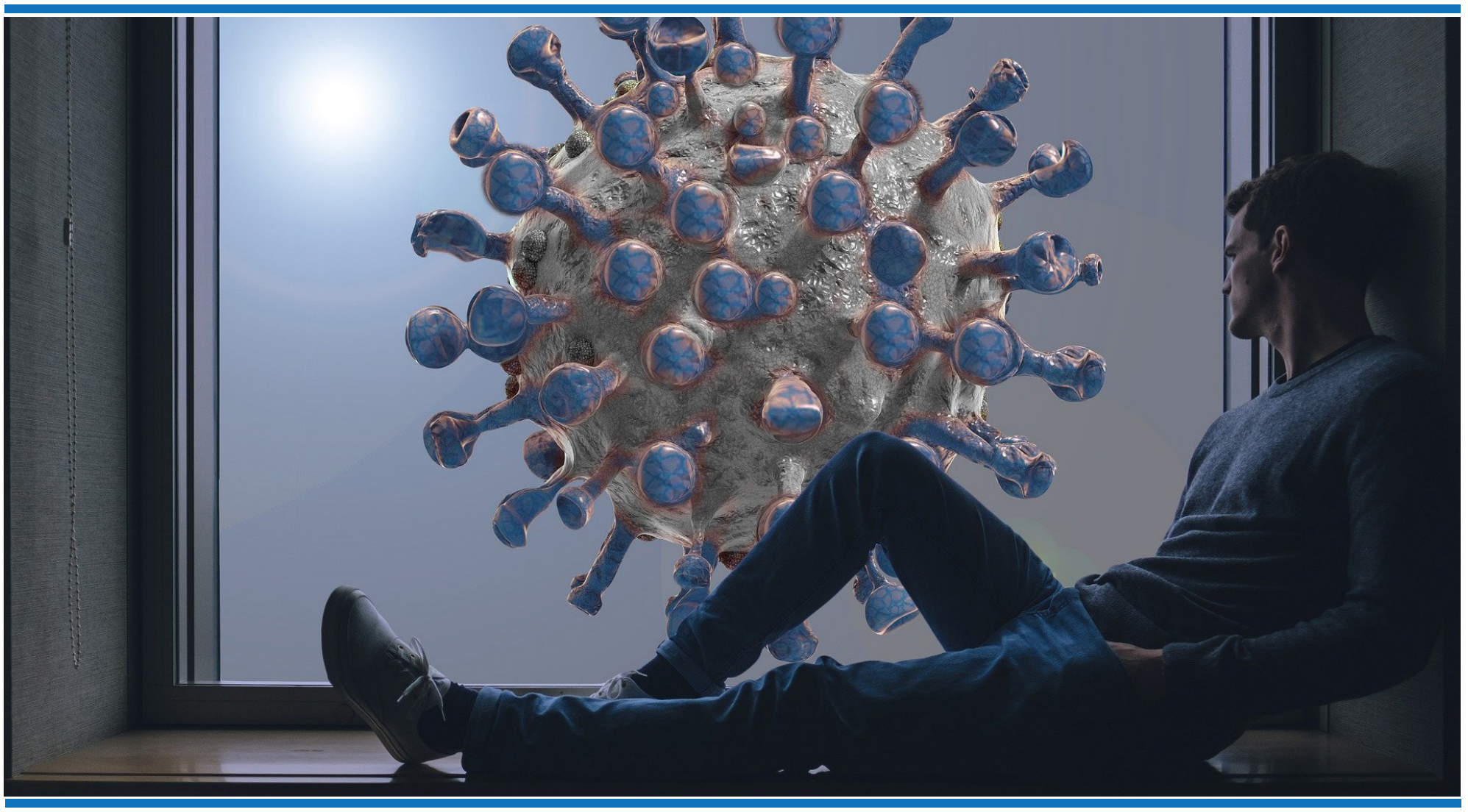
Agrupamento de Escolas Abade de Baçal - Bragança
junho 2021 |
Ano XXXI- Nº 67
www.outrapresenca.com

OP outra Presença

Este número do Outra Presença apresenta-se apenas em edição digital

São jovens, simpáticas e inteligentes. A vitória na primeira fase das Olimpíadas de Química, realizada da escola, escreveu-se no feminino.

Finalmente fez-se luz



Uma nova realidade

Mudou o ano letivo, mas a normalidade não regressou à escola. Salas fixas, trajetos delineados e limitados, carteiras individuais e mais distanciadas, redução do convívio e de novo o confinamento. Esta nova realidade instalou-se e os alunos refletiram sobre as mudanças que ela implementou e o modo como reagiram a elas. A escola mudou-se para a casa de cada um, sendo obrigada a reinventar-se e quando as suas portas se abriram novamente, as alterações que a pandemia e o confonamento a que esta conduziu provocaram podiam nem sempre ser percetíveis, mas estavam lá, em cada sala e dentro de cada um.

Editorial

Novas realidades

Luísa Diz Lopes

Pelo segundo ano consecutivo, o Outra Presença não surge nas salas de aula numa edição impressa, mas mantém atualizado o site e para que todos possam ter uma ideia do que seria a edição deste ano letivo, ela foi paginada e é disponibilizada em PDF do site do jornal.

Este é mais um dos sinais da nova realidade que fomos obrigados a enfrentar. Somou-se a tantos outros que transformaram as vidas pessoais, escolares e profissionais e mostraram com uma certeza inabalável que nada do que temos é definitivo, mas também que a resiliência e a capacidade de adaptação são duas das maiores armas do homem.

E foi graças a elas que o Clube de Jornalismo resistiu. Com reuniões semanais por vídeoconferência, manteve as discussões e a construção de trabalhos, mas perdeu tudo quanto ganhava com o contacto com a realidade das coisas e das pessoas, com a cultura e o desporto, com a sociedade e o lazer. Tudo foi filtrado pelo écrã, desde as entrevistas aos textos que se viam nascer e crescer, mas cujas mãos eram invisíveis. Para compensar, demos mais visibilidade às vozes com a criação da secção "A voz dos Alunos", preenchida com "podcasts".

Durante este percurso o telefone tocou duas vezes e em ambas contribuiu para reavivar a chama de um grupo que teimava em esmorecer. Na primeira, surgiu a informação de mais um prémio conquistado pelo Outra Presença, o de melhor trabalho sobre ciência (também o prazer de participar na sessão de entrega dos prémios foi roubado pela pandemia). Na segunda, veio um convite, prontamente aceite, que reavivou o enorme e rico percurso que o jornal tem feito e as suas potencialidades: a participação no programa em direto "Põe a tua escola no mapa", dinamizado pelo projeto "Público na Escola".

Clube de Jornalismo

Carolina Teixeira, aluna da turma B do nono ano e membro do Clube de Jornalismo pelo segundo ano consecutivo. Nasceu no momento em que os relógios assinalavam as vinte e uma horas e cinco minutos do dia 23 de fevereiro de 2005. As suas paixões atuais são as mesmas de sempre: música, leitura, novas tecnologias, ciclismo, matemática, geometria, física e química. O gosto pela escrita e pela leitura, bem como a experiência vivida no primeiro ano, motivaram o seu ingresso neste ano. Enquanto não sabia ler, contavam-lhe histórias e ela facilmente as memorizava e as imaginava no mundo real. Estuda música desde os seis anos, tendo tocado vários instrumentos. Neste momento, toca baixo elétrico e treina peças musicais de blues, rock, soul e metal.

Sou a **Daniela Hanganu**, tenho 17 anos e estou no estágio final do meu curso de Humanidades aqui na Abade de Baçal. Não tenho jeito para este tipo de apresentações, como podem ver por vocês próprios ao lerem este parágrafo. Nasci na Moldávia, cresci em Torres Vedras e vivo em Bragança. Não sou uma pessoa de um local só, tal como não sou uma pessoa de um só interesse. Tento participar no máximo de atividades possível, daí ter-me juntado à equipa do jornal, para além de que, depois de ter desistido de ser médica aos 9 anos, por ter medo de sangue, decidi que queria ser jornalista, e esse foi o meu sonho durante 3 anos. Hoje, já não é isso que quero para o meu futuro, mas todas as experiências são bem vindas.

Chamo-me **Iolanda Veiga**, nasci há 18 anos em Bragança e sou finalista de 12ºano do curso Ciências e Tecnologias. No meu pouco tempo livre, gosto de ver séries, filmes, de viajar, de ouvir música e de ler. Há 3 anos iniciei a prática de Aeroyoga, uma modalidade pouco conhecida em Portugal derivada do Yoga, na qual são usados tecidos presos ao teto. Entrei para o Clube de Jornalismo pelo gosto que tenho pela escrita e esta experiência tem sido muito enriquecedora e vantajosa, visto que me tem ajudado a desenvolver diferentes capacidades e competências ao nível da escrita, da criatividade e da perceção do mundo que me rodeia. No futuro, desejo ingressar em Medicina e espero que estas aptidões adquiridas me auxiliem no futuro.

Chamo-me **Soraia Silva**, tenho 17 anos e sou aluna do 12º ano do curso de Línguas e Humanidades.

Sempre fui muito interessada pela área da escrita e, por isso, com o horário mais reduzido este ano decidi participar no Clube de Jornalismo.

Apesar de não ter nascido em Bragança, foi aqui que cresci e vivi toda a minha vida, e, por isso, vejo a cidade como a minha zona de conforto. No entanto, adoro viajar, sendo uma das grandes aspirações para a minha vida.

Nos meus tempos livres, gosto de praticar desporto e cozinhar, sendo estas duas as minhas grandes paixões. Sou uma forte defensora dos animais e do meio ambiente, gostando assim de estar envolvida nas causas que os protegem.

O Clube de Jornalismo foi convidado a participar no programa do Público na Escola, "Põe a tua escola no mapa". E aceitou. Durante uma hora, conduzidos por Luísa Gonçalves, uma das responsáveis por este projeto, recuperámos momentos e pessoas, refletimos sobre o percurso deste jornal e o seu lugar na escola e antecipamos receios e projetos.

O programa está disponível aqui: https://www.publico.pt/aovivo/detalhe/boletim-jornal-online-caminho-varios-atalhos-196

"Penso que a participação no programa em questão foi muito profícua e estimulante, uma vez que foi uma experiência vivenciada pela primeira vez e única. Apreciei, de uma forma muito significativa, tanto a participação em tempo real, ou seja, o programa, como também o segmento de preparação, pois aprendi coisas novas sobre o jornal e algumas ferramentas."

Carolina Teixeira

Edição e propriedade do Agrupamento de Escolas Abade de Baçal - Bragança
Tel. - 273322462;
email - outrapresenca@gmail.com;
edição digital-www.outrapresenca.com;
Coordenação - Luísa Diz Lopes I Redação - Clube de Jornalismo I Autor do Logótipo - Rui Garcia I Grafismo e Fotografia - Clube de Jornalismo, Cursos Profissionais de Multimédia I Edição e paginação - Clube de jornalismo, Luísa Diz Lopes I Revisão - Clube de Jornalismo I Projectos em Interacção - Biblioteca/CRE; Desporto Escolar; Grupo de Saúde Escolar
Colaboradores: alunos e professores do agrupamento, ex-alunos (identificados nos textos) - Agradecimento especial a todos os docentes que contribuem para a construção deste jornal enviando trabalhos e motivando os seus alunos a fazê-los.

Testagem massiva nas escolas: um regresso diferente à normalidade

Clube de Jornalismo

Seguindo as orientações do Programa Nacional de Combate à Pandemia, realizou-se, no dia 22 de abril, a testagem massiva dos alunos do secundário no Agrupamento de Escolas Abade de Baçal.

Durante a tarde, quatro dias após o regresso do ensino secundário às aulas, decorreu a testagem dos alunos à Covid 19, não se tendo confirmado nenhum teste positivo. Às 14 horas já se começava a fazer fila e os testes, previstos para as 14:30, tiveram início 15 minutos depois, sendo realizados por dois técnicos de saúde, depois da identificação dos alunos e da entrega dos documentos, que era efeturada por dois técnicos auxiliares do Agrupamento.

Era visível alguma ansiedade nos alunos que aguardavam, já que, para muitos, era a primeira vez que tinham esta experiência, como referiu Telmo Costa, que "apesar de considerar uma boa iniciativa por reduzir as possibilidades de infeção na escola."

Em poucos minutos, era visível a longa fila de discentes que esperava a sua vez, nem sempre cumprindo as normas de segurança definidas no atual estado de emergência em que nos encontramos. Isto foi notado por alguns alunos, que, embora assumindo alguma responsabilidade nesse comportamento, apontaram falhas na organização do evento: "penso que deveria ter sido marcada uma hora para cada turma, para evitar juntar tanta gente no mesmo espaço" (Beatriz Maldonado, 10ºB); "a testagem deveria ser aplicada mais cedo, já que os alunos já estão há uma semana na escola" (Maria Fontes, 10ºB).

Iniciada a testagem, a fila fluiu, no entanto, com relativa rapidez, o que surpreendeu alguns dos presentes que ficaram exasperados quando, ao chegar, se aperceberam da sua dimensão.

Apesar da apreensão perante a situação, era generalizada a satisfação por se encontrarem novamente na escola, como confirmam os depoimentos que recolhemos "É sempre bom voltar. A nível de ensino o presencial é sempre mais eficaz e é bom voltar a confraternizar. De qualquer modo, considero que termos tido a experiência de ensino online no ano passado já nos preparou melhor, lembrando-nos da necessidade de seguir uma rotina, por exemplo. (Soraia Silva, 12ºC);

A descrição de alguns colegas também contribuiu para a sua preocupação, embora muitas vezes o balanço final fosse positivo "Sinceramente, pensei qe a dor fosse maior, mas foi só uma impressão. Nunca pensei não realizar o teste, apesar de algum receio que sentia, pois é uma mais-valia na situação em que nos encontramos (Beatriz Maldonado, 10ºB).

Este evento foi um importante passo na resolução de um problema que afeta a vida das escolas há mais de um ano e que se seguiu à testagem e primeira vacinação dos docentes. Vários alunos referiram ainda que, na sua perspetiva, os colegas mais novos deveriam ser também testados, dado que é visível o pouco cuidado que têm no contacto uns com os outros, como afirmou Soraia Silva, do 12ºC. Esta reflexão resulta em parte pelo facto de a experiência na escola comprovar que o maior número de casos durante o primeiro período ocorreu nos alunos mais novos, o que levou várias turmas ao isolamento, enquanto no ensino secundário isto não se verificou.

Concluindo, a testagem, que foi um sucesso, representou um grande passo no combate à pandemia e no regresso à normalidade desejada por todos.

Fotografias: Tiago Garcia, 12ºACP

Sala saRA: o espaço mais desejado

Carolina Teixeira, 10ºA

Uma sala diferente de todas as demais, a sala saRA (sala de aula de Realidade Aumentada), encontra-se na Escola Básica Augusto Moreno, um dos estabelecimentos de ensino do Agrupamento de Escolas Abade de Baçal, sendo um espaço onde, utilizando as tecnologias digitais, predominantemente a Realidade Aumentada, os alunos dos dois anos iniciais do primeiro ciclo consolidam os conhecimentos adquiridos nas aulas teóricas.

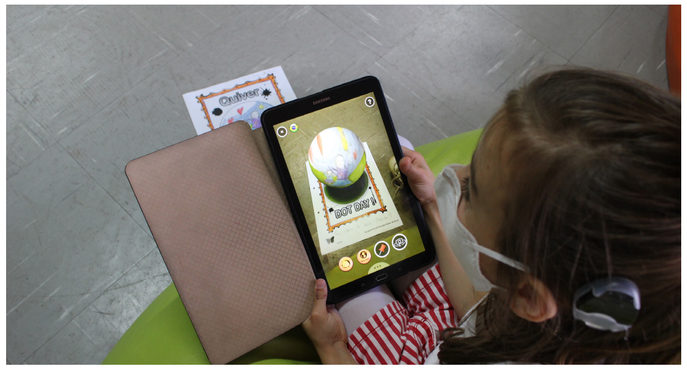
Com efeito, a Fundação Montepio tem vindo a promover anualmente, e desde 2009, o Prémio escolar Montepio, com o objetivo de contribuir para o aumento da qualidade do ensino em Portugal e reconhecer o esforço realizado pelas escolas, ao nível da inovação e qualidade dos projetos educativos e da melhoria dos resultados escolares. Assim, na oitava edição deste concurso, em 2017, o Agrupamento foi um dos cinco vencedores, com o projeto "saRA – Unindo o virtual e o real na sala de aula", idealizado e concretizado pelo professor António Luís Ramos, atualmente diretor do Centro de Formação Bragança Norte. A qualidade do projeto foi recompensada com um prémio, no valor de 6.000 euros, que foi utilizado para a concretização do projeto, nomeadamente na aquisição do equipamento necessário.

Deste modo, tal como se comprova pelos testemunhos dos alunos, os mesmos gostam desta experiência, já que utilizam várias aplicações nos tablets e pintam desenhos, os quais, após a fase de pintura, observam, com recurso a uma aplicação, Quiver, diversos efeitos virtuais, salientando-se a animação de personagens, os sons e as interatividades. Outras das aplicações que se destacam são Game Kids 3 e 5, que proporcionam ao utilizador a ligação entre imagens e respetivas sombras, sopa de letras e outros jogos educativos.

No âmbito do domínio aritmético, evidencia-se o software denominado "Jogos de Matemática", onde os alunos associam a cada operação o respetivo sinal (adição, subtração, multiplicação e divisão) e desenvolvem o cálculo mental. No campo da caligrafia, a utilização da aplicação "Aprende com o Edu" possibilita o treino do desenho das letras, bem como a associação destas a conceitos reais.

Concluindo, a sala saRA, um espaço da Escola Augusto Moreno (na sala 15), proporciona a consolidação e sistematização dos conhecimentos adquiridos nas aulas teóricas. A presença de mobiliário adequado à faixa etária em questão (6-8 anos), nomeadamente "pufs", desperta um maior interesse aos alunos, os quais apreciam, de uma forma muito significativa, estar neste espaço.

"Foi um desafio inovador e que exigiu resiliência, já que, sendo docente do ensino secundário, habilitar alunos de faixas etárias mais precoces com técnicas digitais é uma experiência difícil, mas, simultaneamente, desafiante. Do mesmo modo, ser responsável por um projeto único no país é um estímulo para a continuação deste. Torna-se interessante e emotivo ser apelidada pelos discentes como "professora saRA" e não pelo meu nome"
Helena Teixeira (docente responsável pelo projeto na atualidade)



"Eu gosto de vir para a sala saRA, porque trabalhamos com os tablets e muitas vezes pintamos. Aprecio jogar nos tablets, principalmente o Game Kids 5, que tem vários exercícios para brincar e aprender, tanto palavras, como números. Se me deixassem, vinha para aqui muitas vezes."
Alice Borges (aluna da MO4)

"Eu aprecio a ida para a sala saRA, já que pintamos e jogamos nos tablets, o que gosto mais é colorir. No entanto, nos dispositivos eletrónicos aprecio muito a aplicação Caça Palavras, onde procuro vocábulos e recebo estrelas mediante o tempo que demoro a encontrar. Carolina Gama (aluna da MO4)

E se... fosses estudar para o estrangeiro?

Daniela Hanganu, 12ºC

A ideia surgiu devagar e com pouca solidez, mas rapidamente se foi tornando cada vez mais apelativa e consistente e a Andreia e a Telma puseram mãos ao trabalho e iniciaram o processo de candidatura a uma bolsa para estudar no Reino Unido. E foram bem sucedidas. Em setembro, em vez de iniciarem o último ano na Abade de Baçal, fizeram o "check-in" no aeroporto e rumaram até terras de sua majestade para frequentarem o ano zero, "foundation year" dos cursos de fisioterapia e engenharia aeroespacial. E gostaram da experiência.

Nome: Telma Gonçalves
Interesses: Voleibol, Música, Séries, Desporto
Áreas de interesse: Fisioterapia

O que te levou a participarem neste projeto?
Telma - Desde muito pequena que sempre vi muitos vídeos em inglês e pesquisava intercâmbios. Nos últimos anos, o meu amor pela Inglaterra aumentou, assim como o desejo de viver lá e, desde que entrei no secundário, que meti na cabeça que queria ir viver para lá depois da universidade. Durante o verão, a Andreia descobriu esta oportunidade de fazer o curso no Reino Unido, no início, nem ponderei a oportunidade, só depois, ao acompanhar a Andreia, é que eu pensei que até era uma ótima oportunidade, falei com os meus pais e de um mês para o outro outro comecei a estudar no país com que sempre sonhei.

O que te atrai na área que escolheram?
Fui jogadora federada de voleibol durante 6 anos, portanto, sempre estive muito ligada ao desporto. Há 3 anos comecei a competir nacionalmente e entrei, assim, no mundo das lesões, ao qual não fiquei imune e acabei por me lesionar. Tive sessões de fisioterapia e foi como um clique para o que eu gostava de me ver a fazer no futuro, pesquisei muito e é uma excelente maneira de manter o desporto um pouco na minha vida. Dou muito valor ao toque e a fisioterapia está muito associada ao toque, estudar o corpo humano é algo que me fascina e que estou a adorar conhecer.

Quais foram os procedimentos de candidatura e requisitos?
O processo de candidatura parece muito mais fácil do que na realidade é. É muito enfadonho, pois há toda a burocracia normal no que diz respeito a uma candidatura universitária e ainda mais visto que é noutro país, nomeadamente, num que está a atravessar uma fase instável visto estar a sair da União Europeia. No geral, o requisito envolve o currículo, uma carta de motivação para o reitor, exame a inglês e notas consideradas boas.

Sentiste dificuldades em relação à língua?
Eu tenho familiares a viver no Reino Unido que se encontram casados com nativos, sempre comuniquei com eles, logo não tive aquele choque da língua. Mas confesso que foi estranho começar simplesmente a ouvir sempre inglês à minha volta, quando estava habituada ao português.

Quais as principais diferenças entre Portugal e Inglaterra?
Gastronomia e Meteorologia. Não há nada melhor como a comida e o tempo de Portugal e bastou-me apenas uma semana para chegar a essa conclusão. A Inglaterra tem menos luz que Portugal e menos horas de luz também, está constantemente a chover ou nublado e a carne e o peixe, nomeadamente, não têm nada a ver com o que se come em Portugal.

Como têm sido as aulas? O sistema educativo é muito diferente?
Não acho que o sistema educativo em si seja diferente, o sistema encontra-se muito dividido entre partes teóricas e práticas, mas os ingleses dão muito mais valor a trabalhos. Também acho que os professores são muito mais amigáveis e compreensivos com os alunos. Pela minha experiência, retiro uma compreensão e alegria gigante por parte dos professores, nota-se que adoram ensinar e estão sempre muito atentos aos alunos para ver se têm dificuldades para os ajudar a ultrapassá-las, mas não lhes retirando autonomia.

Como é que as pessoas te têm tratado?
Até agora são muito simpáticas, ajudam-nos em tudo, principalmente pessoal da universidade, são impecáveis e estão sempre a perguntar-nos como estamos. Como vivemos numa cidade universitária, acho que as pessoas que residem aqui acabam por perceber que há muitos alunos internacionais, sendo assim muito mais compreensivos.

Gostas de viver numa residência?
Eu estou a viver numa casa partilhada para universitárias e tem sido fantástico, sou a mais nova da casa, sendo assim vista como a bebé, mas estar a viver com pessoas de diversas partes do mundo está a ensinar-me bastante. Como passamos muito tempo juntas, acabo por aprender coisas novas todos os dias. Ao estar a viver numa casa, sinto-me mais "em casa", mas passo muito tempo com a Andreia na residência, que tem excelentes condições.

Como é que caracterizas a experiência até agora?
Está ser uma experiência única e estou muito grata por estar a vivenciá-la. Ir viver com apenas 17 anos para outro país foi um choque, mas não me arrependo nada, e só posso agradecer aos meus pais por me proporcionarem uma experiência assim. Estou a conhecer pessoas de diversos países, a divertir-me imenso e a fazer amizades incríveis
Do que sentem mais saudades?
Do sol de Portugal, da comida da minha mãe, de não ter de tratar de lavandaria, de serem 5 horas da tarde e eu não estar a pensar no que vou fazer para o jantar. E também de não ter tantas responsabilidades, mas, mais tarde ou mais cedo, este momento ia chegar.

Nome: Andreia Teixeira
Interesses: viajar, fotografia, futebol, ler, séries
Áreas de interesse formativo: Engenharia aeroespacial

O que te levou a participar neste programa?
Sempre gostei de ler artigos e ver vídeos sobre jovens que tiveram experiências no estrangeiro e, por isso, me envolvi em vários projetos Erasmus. Nunca pensei em ir estudar definitivamente para outro país, mas, no final do 11º ano, comecei a pensar como poderia atingir o meu objetivo de estudar Engenharia Aeroespacial e o meu pai referiu a possibilidade de poder estudar no estrangeiro em países como a Espanha. Como nunca estudei espanhol, comecei a ver outras opções e surgiu Inglaterra. Tendo em conta que em 2021 o Reino Unido sairia da União Europeia, deixariam de existir propinas financiadas e, por isso, esta era a última oportunidade.

O que te atrai na área que escolheste?
Inicialmente, fui atraída para esta área pelo desafio que representaria conseguir entrar neste curso em Portugal, com o tempo fui pesquisando e conhecendo a área. A minha paixão e capacidade para entender física e matemática foram também impulsionadoras na minha escolha, já para não falar da descoberta de líderes da área, como Elon Musk.
Fala-nos dos procedimentos de candidatura...
A candidatura pode ser feita pelo aluno, mas como foi um processo tão rápido achei preferível ter ajuda de uma Agência que tratou de tudo. Precisei do meu boletim de notas de secundário, de uma carta de recomendação de uma professora, no meu caso, pedi à minha professora de física e química a quem agradeço imenso pelo gesto, e uma carta de motivação escrita por mim, onde enunciei os motivos pelos quais deveria ser aceite, os meus interesses, atividades extracurriculares e tudo aquilo que achei necessário para os impressionar.

Sentiste dificuldade na adaptação à língua?
No geral, não, é fácil de entender até porque estudei inglês, o que mais complicou a adaptação foram as máscaras e as aulas online, onde era mais difícil entender as pessoas, sobretudo devido a alguns sotaques de colegas de outros países, mas aos quais, com o tempo, nos vamos habituando. O facto de viver com três portugueses e conviver com muitos mais fez-me continuar a usar muito a língua portuguesa, o que resulta muitas vezes numa dificuldade em me expressar nas duas línguas.

Qual a principal diferença entre Portugal e Hatfield?
A principal diferença é o tempo, ou está a chover ou está nublado e nos poucos momentos em que faz sol, estamos em casa, por causa do estado de emergência. O que mais me fez confusão foi o facto de anoitecer muito cedo, às 4 da tarde já era de noite.

E quanto às aulas e sistema educativo?
O facto de ter mudado para ensino universitário e para o sistema educativo inglês revelou-se uma grande mais valia para mim, pois a carga horária semanal é de 16 horas o que me dá muito tempo para estudar por iniciativa própria. Em Portugal, sentia-me muitas vezes desmotivada pela carga horária e de trabalho. Tivemos tanto aulas presenciais, como online e as duas ao mesmo tempo todas de duas horas de duração. Estar num Foundation Year, semelhante ao ano zero da universidade em Portugal, tem-nos dado a vantagem de estar rodeadas de pessoas na mesma situação que nós, de os professores serem muito acessíveis e de muita da matéria já ter sido dada no secundário, só precisamos de associar o que já foi aprendido a uma nova língua.
Como é o alojamento?
De momento, vivo na residência da universidade. Nos primeiros dias só eramos duas pessoas no meu "flat" e senti-me mais sozinha, mas pouco demorou para que começassem a chegar pessoas, desde portugueses apresentados pela empresa que tratou da minha candidatura, que por obra do acaso acabaram a viver comigo, a alunos internacionais e ingleses que são meus vizinhos.
Estar rodeada de alunos é, sem dúvida, o melhor de viver no campus, pelo espírito que nos rodeia, apesar da pandemia vivida, acabamos por nunca nos sentir sós. O pior é sem dúvida a confusão. Como companhia nunca falta, essa é a melhor e pior característica de viver no campus.
Como caracterizas de forma geral a experiência?
Estou a gostar muito de estudar em Inglaterra. Tenho saudades da minha família, dos meus amigos e da comida portuguesa. Apesar disso, estou a estudar para tornar o meu sonho realidade, estou a aprender mais sobre a língua inglesa e Inglaterra, a fazer novas amizades com alunos de todas as partes do mundo e, sobretudo, a aprender mais sobre mim mesma.
Não posso, por isso, deixar de agradecer aos meus pais, pois sem eles não poderia estar aqui. Estudar no estrangeiro tem os seus desafios, mas os bons momentos e as aprendizagens têm até agora superado todas as vicissitudes.

FOX vence eleições e coloca Vítor Pinto ao leme da AE

Clube de Jornalismo

Nas eleições mais renhidas de sempre, num contexto completamente diferente e adverso a qualquer campanha e mobilização dos estudantes, a lista FOX conseguiu os 7 votos de diferença que lhe deram a vitória e deram a Vitor Pinto o leme desta viagem.

Porquê Fox?
Além de ser fácil de memorizar, o facto de as raposas serem referidas como um sinónimo de astúcia, também foi decisivo.

O que vos motivou para esta candidatura?
A maioria de nós já tinha alguma experiência de outros anos na participação das atividades das listas e associações. No entanto, no ano passado decidimos que, no nosso último ano, seríamos mais do que meros espetadores e contribuiríamos para proporcionar aos nossos colegas o melhor ambiente escolar possível. Foi com esse objetivo, que nós e muitos dos nossos companheiros tínhamos em comum, que nos decidimos candidatar à associação de estudantes para o ano de 2020/2021.

Que avaliação global fazem desta Escola?
Gostamos muito da nossa escola, aqui passámos muitos dos nossos melhores anos e criámos relações e memórias inesquecíveis. Como queremos continuar esse legado, para as gerações futuras, pretendemos melhorar aquilo que deve ser melhorado, e preservar o que deve ser preservado. Pensamos que um dos mais importantes pontos fortes da nossa escola, que nós pretendemos privilegiar, é a estreita ligação entre todos os elementos. Não estamos a falar só do corpo estudantil, mas também de todos os docentes e funcionários, que nos acolheram e que fazem da Escola Secundária Abade de Baçal uma segunda casa para todos nós.

Quais os constrangimentos que sentiram durante todo este processo?
Para além da habitual competitividade que existe no decorrer do processo de candidatura e tudo o que envolve a associação, este ano, ambas as listas se defrontaram com uma nova realidade. Tivemos de fazer muitos reajustes, visto que o processo não pôde correr como originalmente planeado. Para além da situação relativa à pandemia, tivemos de ultrapassar outras situações que poderiam ser consideradas desencorajantes, como a falta de confiança de algumas pessoas em nós, que nos trataram até com certo desprezo e nos menosprezaram Por outro lado, este foi mais um motivo para trabalharmos com mais afinco, provando que nós, enquanto equipa e com os objetivos certos, somos mais que qualificados para a posição que agora ocupamos.

No geral, conseguimos ultrapassar todas estas provações e estamos muito orgulhosos do trabalho de todos, não podendo deixar de felicitar a lista concorrente pelo trabalho desenvolvido, tal como o nosso próprio trabalho, e claro, o das pessoas que nos apoiaram e acreditaram em nós.

Que meios usaram para comunicar?
Este ano, devido à situação já referida, tivemos de alterar o nosso método de trabalhar e de reunir.

Utilizámos os grupos nas redes sociais para falarmos todos em grupo, e, no que tocou ao trabalho, dividimos tarefas individuais ou que pudessem ser realizadas em pequenos grupos.

E quanto às atividades desenvolvidas? O que mudou?
Em termos de atividades fomos também, claro, condicionados pela situação e regras a seguir devido ao vírus. Não pudemos realizar a receção aos caloiros nem as outras atividades que envolveriam um grande número de pessoas que gostaríamos de ter desenvolvido. Foi uma pena, porque, de facto, estas atividades teriam possibilitado o convívio entre os alunos mais novos com os que já frequentam a escola há algum tempo, proporcionando ocasiões para se criarem laços entre todos.

No entanto, tivemos de optar por atividades maioritariamente via redes sociais e que não pusessem em risco a saúde dos

alunos, cujo bem-estar é sempre a prioridade.

Houve momentos decisivos que, na vossa opinião, terão determinado a vitória?
Honestamente, não foi o mais fácil dos percursos. Houve lugar para a discórdia, mesmo entre nós. O mais importante, e foi provavelmente o fator mais importante que nos conduziu à vitória, foi conseguirmos colocar essas emoções e discussões de parte, porque todos tínhamos os mesmos objetivos. Foi o nosso trabalho, as discussões, o suor, as lágrimas e as noites mal dormidas que levaram ao sucesso.

Mudariam algo neste percurso se o reiniciassem agora?
Olhando para trás, há sempre pequenos detalhes que, com toda a certeza, tentaríamos melhorar, mas, olhando para a grande imagem, não mudaríamos nada de significativo. Há sempre espaço para a melhoria, mas mudanças drásticas e decisivas não, até porque foi o conjunto de todas as decisões e acontecimentos que levaram a este resultado.

Como descreveriam o momento da vitória?
Os momentos anteriores ao anúncio do vencedor foram tão tensos. Não conseguíamos fazer uma previsão de quem iria ganhar, todos sabíamos que ia ser bastante renhido, como se veio a provar pela diferença de 7 votos. Quando soubemos, nem acreditávamos. Foi um momento de alegria, de êxtase, de lágrimas, de abraços, e de empatia. Apesar de tudo, a lista H fez um trabalho espetacular e merecem os nossos mais sinceros parabéns. No final, somos todos Abade.

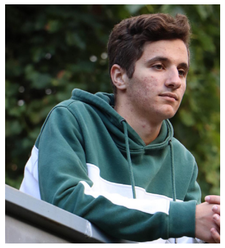
Quais são agora as vossas expectativas?
Temos um pouco de tudo.

Há uma lista de objetivos que queremos cumprir, e estamos animados com a possibilidade que nos foi concedida para o fazer. Queremos provar a todos, e a nós mesmos, aquilo de que somos capazes. Esperamos deixar aqui a nossa marca, o nosso legado, incentivando outros a tomar a mesma decisão.

Programa

- **Yearbook**
- **Festas temáticas ao longo do ano**
- **Criação de plataformas de apoio ao aluno**
- **Torneios desportivos**
- **Dinamizar a AE nas redes sociais**
- **Palestras informativas**
- **Caixa de propostas**
- **Óscares (Abade de Ouro)**
- **Aquisição de uma máquina de água filtrada**
- **Trazer de volta a rádio da escola, e consequentemente um Open Day, em que os alunos possam visitar a rádio e passar músicas**
- **Recolha de bens e de Brinquedos durante o mês de dezembro para doar a instituições de caridade**
- **Comemoração do dia de S. Valentim, Carnaval e outros dias festivos**
- **Comemoração de dias mundiais e internacionais**
- **Campanhas de angariação de alimentos e roupas para pessoas carenciadas na nossa comunidade**
- **Realização de uma festa no final do ano letivo**
- **Representar e defender os interesses dos alunos através de debates com a direção, projetando os problemas da comunidade estudantil**
- **Organização de projeções cinematográficas**
- **Concurso Miss e Mister Abade de Baçal**

Vítor Pinto, 18 anos *Presidente da Associação de Estudantes*
Curso Profissional Técnico de Multimédia
Disciplina favorita:
Aplicações Multimédia
Experiência prévia associativa:
Presidente da Rádio
Definição numa Palavra/Expressão: "Surpreende quando menos se espera"
Ocupação nos tempos livres:
Fotografia amadora
Personalidade de Referência:
Daniela Hanganu



Cláudio Azevedo, 18 anos - *Vice-Presidente*
Curso Profissional Técnico de MultimédiaDisciplina favorita: Desenvolvimento Web
Aspirações profissionais:
Militar/Construção Civil
Definição numa Palavra/Expressão:
esforço/dedicação

Tatiana Sernadela, 18 anos - *Vice-presidente*
Curso de formação: Curso Profissional Técnico de Multimédia
Área/Disciplina favorita: Aplicações de Multimédia
Aspirações profissionais: Corpo de Intervenção e construção civil
Definição numa palavra/expressão: resiliente, determinada
Ocupação nos tempos livres: Fotografia

Rodrigo Gonçalves, 17 anos - *Secretário*
Curso de formação:
Curso de Ciências e Tecnologias
Disciplina favorita: Matemática
Aspirações profissionais: Engenharia Mecânica
Experiência prévia associativa: Vogal da Rádio
Definição numa palavra/expressão:
"Vive o dia como se fosse o último"
Ocupação nos tempos livres:
Jogar futebol e andar de bicicleta
Personalidade de referência:
Cristiano Ronaldo

Daniela Hanganu, 17 - *Secretária*
Curso de Formação: Línguas e Humanidades
Disciplina favorita: Filosofia
Aspirações Profissionais: Relações Internacionais
Experiência Prévia Associativa:
Presidente da Assembleia
Definição numa palavra/expressão:
"This too shall pass."
Ocupação nos tempos livres:
Jogar voleibol, expandir o meu conhecimento com factos inúteis
Personalidade de referência:
Rowan Blanchard, Elon Musk

Diogo Branco, 17 anos
Vogal
Curso de Formação:
Ciências e Tecnologias
Disciplina favorita: Matemática
Aspirações Profissionais:
Engenharia Informática
Definição numa palavra/expressão: Dinâmico
Ocupação nos tempos livres: Sair com amigosPersonalidade de referência: Travis Scott

Uma campanha diferente

Daniela Hanganu, 12ºC

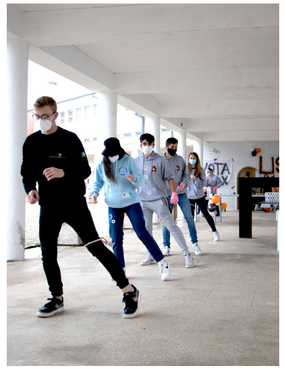
No dia 23 de outubro, realizaram-se as campanhas das listas propostas para a Associação de Estudantes da nossa escola, para este ano letivo. Devido às circunstâncias do momento em que vivemos, tiveram se ser feitas certas alterações relativamente às atividades que são habituais neste dia. Em que consistiram essas mudanças?

Tudo começou nas atividades pré-campanha. Ambas as listas enfrentaram uma nova realidade, que impediu a realização de certos eventos, importantes por diversos motivos, como o convívio entre os alunos, crucial à reunião de apoiantes, ou até mesmo para a reunião de fundos com que cada uma das listas pretende desenvolver as suas atividades futuras. Em anos anteriores, foram realizados eventos como festas na piscina, festas em bares e até noites de cinema, abertas a qualquer um que estivesse disposto a pagar pela entrada.

Este ano, no entanto, a maioria destas atividades teve de ser realizada de forma a que não fossem criados ajuntamentos, tendo predominado os torneios de jogos online. Aliás, foi online que se passou grande parte da ação das listas antes da campanha. As redes sociais foram fundamentais para a divulgação das atividades, vendas de blusões e a partilha das ideias de cada uma das concorrentes.

Compreensivelmente, estas imposições criaram algumas dificuldades para ambas as listas, que foram impedidas de realizar a campanha de forma normal. Para a lista FOX, a lista vencedora, a principal dificuldade foi arranjar formas de interagir com o corpo estudantil sem comprometer a segurança de ninguém. Investiram nas atividades que não exigissem a presença dos alunos, mas aperceberam-se de que existia um limite de torneios e jogos online que se podiam fazer, antes de se tornarem demasiado repetitivos.

No dia da campanha, as mudanças também se fizeram sentir. A agitação



habitual, causada em grande parte pela música nos intervalos e pelos artistas convidados, não se fez sentir. Fez-se uma distribuição de brindes, de forma segura, com a utilização de luvas e sem grande número de alunos reunidos no mesmo espaço. A distribuição de comida durante a manhã também foi permitida, mas foram tomadas as devidas precauções, incluindo a imposição de uma distância segura nas filas.

Durante a tarde, não se realizou o desfile habitual, embora a lista Fox tenha tido a iniciativa de fazer um desfile diferente, que se realizou online, através do Instagram, no qual os concorrentes apresentavam o seu melhor visual, e mais criativo, utilizando o blusão da lista, demonstrando desta forma o seu apoio. De acordo com o cronograma habitual, seguir-se-ia o debate. Este decorreu na mesma, mas teve de sofrer ajustamentos. O debate teve local no auditório da escola, e estiveram presentes dois representantes de cada lista como oradores, tendo sido a lista O representada pela sua presidente, Lara Silva, e pela presidente da assembleia geral, Maria Freitas, e a lista F, representado pelo presidente Vítor Pinto, e pela secretária da presidência, Daniela Hanganu. O moderador do debate foi Humberto Fernandes, professor e representante da direção da escola. Foi permitida ainda a presença de 10 apoiantes de cada lista, que transmitiram o debate em direto através das redes sociais, e tiveram o direito de fazer perguntas no final das apresentações dos programas de cada lista. O debate decorreu de forma pacífica, clara e objetiva, demonstrando o respeito mútuo por parte dos membros de ambas as listas.

Assim, as duas candidaturas estiveram de parabéns pela forma como conduziram as suas atividades neste ano atípico, tendo sido obrigadas a reorganizarem-se e a fazer várias mudanças ao programa normal com que decorreria a época de campanha, de forma a protegerem a integridade sanitária da escola e do seu corpo estudantil.

O outro lado da história

Faltaram 7 votos para a Lista O concretizar o sonho de liderar a Associação de Estudantes, sentindo pela segunda vez o desalento no final de um intenso dia de eleições. O OP quis conhecer dar a palavra a estes jovens para saber quem são, como reagiram e como interpretam o percurso que fizeram.

Lara Silva, 12ºC

Inês Brás, CQ12

Beatriz Sá CQ12

Rodrigo Faria 11ºB

Beatriz Morais 11ºC

João Paçó 12ºB

Alguns dos membros da vossa lista integravam o projeto para a Associação de Estudantes do ano letivo anterior que foi derrotado. Que motivos estão na base da vossa recandidatura?

Desde a nossa entrada na escola Abade de Baçal que ambicionávamos fazer parte da Associação de Estudantes.

As listas sempre fizeram parte da nossa vida estudantil e, como alunos do agrupamento há mais de 8 anos, pretendíamos, um dia, poder realizar tudo o que vivenciámos enquanto "caloiros" aos novos e passar este espírito para os futuros alunos, para que os dias memoráveis da campanha, as atividades divertidas do ano letivo e as mudanças realizadas por esse grupo de alunos continuasse a fazer parte da vida escolar dos alunos do agrupamento.

Assim, após a derrota do ano letivo passado, considerámos pertinente lutar pelo objetivo não alcançado novamente para que pudéssemos realizar esse sonho. Mesmas ambições, temática diferente e com uma pandemia que nos forçava a ser mais criativos e responsáveis.

Como justificam a pequeníssima desvantagem que tiveram em relação à lista adversária?

Consideramos que não houve desvantagens relativamente à lista Fox. Durante toda a campanha eleitoral demonstrámos união, originalidade e vontade de trabalhar, mas sabemos também que, apesar de todo o trabalho demonstrado, nem sempre o mesmo é recompensado. Sentimo-nos satisfeitos com todo o trabalho realizado e acabamos esta fase da nossa vida com orgulho do percurso feito e agradecidos ao agrupamento que nos acolheu e que foi a nossa segunda casa.

Por que razão deveriam ter vencido? Que diferenças traria a vossa lista à dinâmica escolar?

Deveríamos ter vencido, pois o grupo representante da nossa lista, a Lista O, sempre interveio, através de alguns dos membros, nas listas anteriores e em algumas associações de estudantes durante todos os anos escolares e sempre ambicionámos um papel mais ativo nas mesmas. Pretendíamos realizar tudo o que tinha sido antes prometido por várias listas ao longo dos anos, implementar mais campanhas de sensibilização, dinamizar palestras com o intuito de ajudar os alunos a decidirem quais os ramos profissionais a seguir, assinalar todas as atividades festivas, sabendo que nos conseguiríamos adaptar à realidade vivida na atualidade.

Não eram apenas meras promessas, pois sermos representantes da Associação de Estudantes era algo muito desejado pelos alunos mais ativos da Lista O.

Mudariam alguma coisa no percurso que fizeram?

Tal como já referimos, sentimo-nos orgulhosos e realizados com todo o nosso percurso, tanto na Lista O, como na lista do ano letivo passado, Lista H. Fizemos tudo o que estava ao nosso alcance, e, por esse motivo, não mudaríamos nada no grande percurso que realizamos. A escolha foi feita e, para nós, acima de tudo está a comunidade escolar em si. Por isso, esperamos que a Associação de Estudantes nos represente a todos e que realize tudo o que é necessário para melhorar o ambiente escolar.

O que sentiram quando souberam o resultado?

Quando recebemos a informação de que o nosso sonho ficou perdido por causa de uma diferença de 7 votos foi muito angustiante, principalmente, por saber que este será o nosso último ano como alunos na escola Abade de Baçal e não conseguimos atingir a realização total que se completaria com a vitória das eleições da Associação de estudantes. Foi algo que nos entristeceu, pois consideráramos que tínhamos conseguido passar a nossa mensagem à maioria dos votantes.

Como caracterizam o universo de votantes da escola?

Com uma urna diferente para os alunos do 12º ano fomos informados, no fim das eleições, de que a maioria dos votos desse ano foram a favor da lista O, o que ajuda a provar o nosso ponto de vista. Recordamos que já fomos alunos do ensino básico e que, nessa altura, votávamos na Lista que trouxesse melhores artistas, que tivesse mais brindes, ou que simplesmente fosse mais simpática para nós. Por isso, consideramos que os votos feitos pelos mais novos são de certa forma mais inconscientes. Podemos comprovar isso porque, durante o dia de campanha, muitos alunos do secundário nos abordaram para nos questionar acerca das propostas feitas por nós, enquanto que os mais novos nos abordavam para receber brindes ou apenas para diversão.

Gostariam de deixar uma mensagem à lista vencedora?

A mensagem que queremos deixar à lista vencedora é: "Esperamos que realizem um bom trabalho, que possamos acabar este nosso percurso de uma maneira agradável e que tudo o que tenha sido por vós prometido seja realizado."

Finalmente, queremos agradecer a oportunidade de podermos falar um pouco mais acerca deste nosso projeto e de dizer a toda a comunidade estudantil que esperemos que este espírito nunca evapore, que os futuros alunos deste agrupamento possam vivenciar o que nós vivenciamos e que ficará sempre na nossa memória.

Sessões de mérito e valor em tempos de pandemia

Nos dias 30 de setembro e 16 de novembro, decorreram as sessões de entrega dos prémios de mérito e excelência aos alunos do Agrupamento, marcadas pelas contingências decorrentes da "nova realidade" que as escolas vivem.

Clube de Jornalismo

A primeira sessão teve lugar no auditório da escola-sede, na qual participaram os alunos do terceiro ciclo e do secundário, que receberam os diplomas e prémios entregues pela diretora do Agrupamento, Teresa Sá Pires, e do assessor da direção, Humberto Fernandes, depois de algumas palavras de felicitação pelo empenho que colocaram no seu percurso e por terem consigo manter as suas expectativas, apesar das adversidades e desafios que o final do ano letivo anterior lhes trouxera. Faltaram ao evento os alunos que terminaram o 12º ano, que receberam os diplomas e prémios por correio, evitando, assim, deslocações e ajuntamentos desnecessários, mas estiveram presentes nas felicitações que lhes foram dirigidas no referido discurso.

A segunda sessão decorreu na Escola Augusto Moreno, na qual estiveram presentes os coordenadores de estabelecimento, Vítor Gomes e Maria da Luz, e a diretora da escola, para felicitar e premiar os alunos dos restantes ciclos de ensino.

Apesar da contenção que caracterizou ambos os eventos, das máscaras que escondiam os sorrisos, dos gestos contidos que evitavam reduzir o distanciamento entre os participantes, o orgulho de estar ali foi evidente no olhar que percorria a sala e se fixava ora nos colegas, ora nos professores ora no diploma que tinham na mão. Ficou também a promessa de um contínuo empenho no percurso de aprendizagem que não termina com a escola.

No próximo ano, espera-se, será diferente e o diploma e as palavras serão enriquecidos pelos gestos de afeto mais próximo que marcam as relações numa comunidade unida.

Lista dos alunos

1º ciclo: António José Gonçalves; Catarina Carvalho Borges; Gabriel Bernardo Veigas; Inês Manso Santos; João Augusto Sá; Maria Nunes Cortinhas; Martim Francisco Camões; Rafaela Fernandes Oliveira; Tiago Afonso Alves.

5º ano: Bruna Filipa Fernandes Reigadas; Ana Meirinho; David Correia; Pedro Fernandes; José Pedro Costa; Lara lourinho Vila; Maria Inês Mandim; Maria Leonor Amado; Nuno Miguel Pereira; João Sernadela; João Lima; Maria Leonor Pires; Pedro Costa.

6º ano: Beatriz Rodrigues Sotto Mayor; Isabel patrícia Alcamiro dos Santos; Rafaela Filipa Freixo Cavaleiro; Tiago Fraga Jorge; Dinis de Queirós Batista; Francisco Rodrigues de Freitas; João Francisco Ferreira Rodrigues Cepeda Cordeiro; João Francisco Matias Martins; Nuno André Rodrigues Ferreira; Sofia Alexandra Dinis Fernandes.

7º ano: Carlos Sousa Alves Lourenço Casimiro; Ana Helena Ferreira Rodrigues Cepeda Cordeiro; Inês Azevedo Melgo; Lia Pascoal Meireles.

8º ano: Ana Beatriz Pires; Carlos Miguel Veiga.

9º ano: Andreia Filipa Veigas Gonçalves; Carolina Isabel Rodrigues Teixeira; João Pedro Antão Venâncio; Beatriz Fernandes Batanete Maldonado; Helena Alves A. Pereira.

10º ano: Ana Fernandes Vicente; Lucas Pedro Afonso Batista; Mariana Merinhos Torrão; Rodrigo Miguel Rodrigues Faria; Francisco Alexandre Andrade Madureira.

11º ano: Iolanda Patrícia Pires Veiga; Telmo Pires; Aníbal Eduardo Fernandes do Fundo; Marta Sofia Ventura Marques.

12º ano: Anaísa Fernandes Moreira; Constança Santos Almeida Cabral; João Eduardo Vicente Sabença Feliciano; João Miguel Esteves Pires; Ângela Maria de Castro Rodrigues; Beatriz Ester Marques Preto; José Miguel de Barros Neves; Sara Morais de Azevedo;

Érica Geraldes Pires; Matilde Cristina Costa de Sousa Gomes; Artur Emanuel Lima de Castro; Cláudia Sofia Neiva Gonçalves; Rafaela Alexandra Lousinha Santos; Sónia Liu Chen.

Ensino profissional - 10º: José Branco Pires, Clara Patrícia Gonçalves Gomes; 11º: Tiago José Luís Garcia; 12º: Tânia Isabel Barreiras Palorca.

Quadro de Mérito:
Carolina Isabel Rodrigues Teixeira e Daniela Hanganu.

Fazedores de Mudança

| Dina Pinto

Somos fazedores de mudança!/ Os embaixadores da mudança!

Nos meses de novembro e dezembro de 2020, uma equipa de 12 alunos do ensino secundário participaram no projeto piloto Time4Change. A iniciativa partiu da disciplina de EMRC e, longo de 8 sessões online, estes jovens foram descobrindo formas de criar, inovar e alertar para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) com a equipa gestora do referido projeto. A partir de uma metodologia ativa e dinâmica, estes jovens "changers", problematizaram situações, debateram propostas e conheceram pessoas inspiradoras. No final das sessões, cada um dos jovens ficou incumbido de, a partir de um ODS, elaborar um propósito e colocá-lo em ação, procurando sensibilizar outros a olhar para a realidade e a fazer a diferença. Juntos somos os "fazedores da mudança"!

Encontros imediatos

No dia 21 de maio, realizou-se um Encontro Nacional/concerto falado do artista Fernando Daniel com alunos de EMRC de todas as Dioceses do País. O nosso Agrupamento também marcou presença.

Um testemunho incrível de quem reconhece a importância que a Disciplina de EMRC teve na sua vida. Vale a pena ver em: https://www.youtube.com/watch?v=Uai61IcIDI8

Alunos de EMRC finalistas recebem carta e bênção especial do Papa Francisco

Os alunos de EMRC finalistas do 12.ºano receberam uma Carta especial do Papa Francisco, na qual o Santo Padre confia o percurso percorrido por cada um destes finalistas a Nossa Senhora, desejando que cada um construa "uma vida na Amizade d'Ele (Jesus Cristo), que lhe permitirá transformar o mundo a partir de dentro, como fez Nossa Senhora (...)".

Cada um deles recebeu ainda um pergaminho com a Benção Apostólica personalizada, a qual ficará como lembrança do percurso concluído. A todos: Muitos Parabéns e votos das maiores Felicidades!!

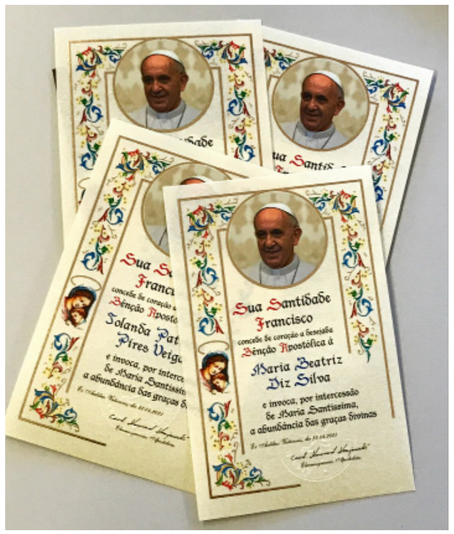
SECRETARIA STATUS

SUA SANTIDADE
O PAPA FRANCISCO

envia uma cordial saudação **aos finalistas do 12º Ano com a Prof.ª de EMRC Dina Maria Pinto**, desejando-lhes aquela serenidade e confiança que brotam da certeza de termos, no Céu, um Pai paciente que nos ama a ponto de nos dar Jesus, «a Luz verdadeira que ilumina todo o homem» (*Jo* 1, 9). Na verdade, «não é a mesma coisa ter conhecido Jesus ou não O conhecer, não é a mesma coisa caminhar com Ele ou caminhar tateando, não é a mesma coisa poder escutá-Lo ou ignorar a sua Palavra, não é a mesma coisa poder contemplá-Lo, adorá-Lo, descansar n'Ele ou não o poder fazer. Sabemos bem que a vida com Jesus se torna muito mais plena e, com Ele, é mais fácil encontrar o sentido para cada coisa» (Exort. apost. *A Alegria do Evangelho*, 266). Garantindo, por experiência própria, que Cristo é a resposta do Céu a todas as nossas súplicas, o Santo Padre almeja a cada um dos referidos alunos e alunas uma vida na amizade d'Ele, que lhe permitirá transformar o mundo a partir de dentro como fez Nossa Senhora, a Quem os entrega, todos, ao conceder-lhes a Bênção Apostólica, que estende à respetiva família, aos professores, colegas e todo o pessoal trabalhador do Agrupamento de Escolas Abade de Baçal em Bragança.

Vaticano, 29 de abril de 2021.

Mons. Luigi Roberto
Assessor para os Assuntos Gerais
na Secretaria de Estado de Sua Santidade



Diálogo(s) EMRC: Ciência, Religião e Cultura na construção da Sociedade

| Dina Pinto, professora de EMR

De modo a aprofundar o diálogo que a disciplina de EMRC estabelece com os vários domínios da existência humana, na busca de conhecimento e na resposta às grandes interrogações, realizou-se no Agrupamento de Escolas Abade de Baçal (via zoom) uma Palestra conduzida por um brilhante investigador em história da ciência na Universidade John Hopkins sobre o diálogo entre a fé e a ciência – caminhos distintos, mas complementares, de uma mesma busca humana – compreender a plenitude da existência humana (em resposta ao como, ao porquê e ao para quê dessa mesma existência) – que não se excluem, mas antes se equilibram, como duas asas de um mesmo voo.

Complementares na Cidadania

pelos Direitos Humanos, a dignidade humana e a inclusão social

Partir do humano e refletir sobre o humano tendo como chave uma matriz específica de valores é o objetivo da disciplina de EMRC. Como afirmava S. Exupery "O essencial é invisível aos olhos, só se vê bem com o coração", expressão que nos convida a compreender e a manter o foco naquilo que é verdadeiramente fundamental e ao qual devemos entregar-nos de coração. Promover o reconhecimento da dignidade humana enquanto valor estruturante, que situação alguma poderá reduzir, é uma das missões desta disciplina, sendo esse o valor primordial para a defesa dos Direitos Humanos e a Inclusão Social. Ao longo deste ano letivo, diversas iniciativas tiveram como foco este mesmo tema dos Direitos Humanos, Dignidade Humana e Inclusão Social (ver

Careto da autoria de Ana Lúcia do 6.ºE

Projeto Solidário EMRC "A solidariedade torna-nos irmãos"

"Todos irmãos" é a frase eleita pelo Papa Francisco para sublinhar o desafio de todos participarmos na construção de uma só humanidade. Uma humanidade na qual, valorizando a diversidade e os contributos de todos em prol do bem comum e de um bem maior, nos sintamos responsáveis uns pelos outros para que "ninguém fique para trás".

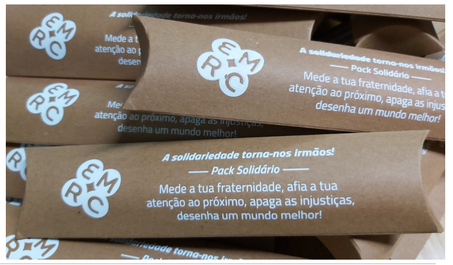
De forma a atenuar os efeitos colaterais que a pandemia veio deixar em algumas famílias, a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC) do Agrupamento de Escolas Abade de Baçal, em Bragança, levou a cabo (ao longo deste ano letivo) a campanha "A solidariedade torna-nos irmãos!".

Através da aquisição de um pack solidário que continha 1 régua, 2 lápis, 1 borracha e 1 afia, pelo valor simbólico de 1€, cada um contribuiu para criar um fundo solidário destinado à aquisição de bens essenciais que foram entregues, em forma de cabaz, a cada uma das famílias identificadas.

Na linha das mensagens do Papa Francisco sobre a Ecologia (natural e humana) e a Fraternidade e Amizade Social, bem como dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (aprofundados na disciplina de Cidadania e Desenvolvimento), esta iniciativa aliou a justiça e a solidariedade, nomeadamente:

- ao estabelecer laços de proximidade entre pessoas (alunos que ajudam alunos e famílias que ajudam famílias),
- ao alimentar uma justa preocupação pelo bem-comum (de um modo especial os que, por força das circunstâncias, se encontram em situação de maior fragilidade),
- ao fazer pedagogia da fraternidade, pois somos de facto membros de uma única família humana, que deve aprimorar o olhar numa ótica de cuidado (cuidar uns dos outros como um outro rosto de nós mesmos),
- ao cultivar gestos de promoção humana, de reconhecimento do outro e da sua dignidade,
- ao contribuir para compreender no simbolismo de cada material escolar que, com poucas coisas, mas com muita criatividade e força de vontade podemos mudar o mundo,
- ao criar condições para que, na promoção de todos e de cada um, seja dada também uma atenção especial ao cuidado da casa comum (por isso os pack eram 100% ecológicos),
- ao revelar que esta fraternidade e amizade social pode tornar vizinhas pessoas que vivem a 500 km de distância, pela vontade de um mecenas que decidiu encomendar 200 packs para oferecer de presente às crianças da sua comunidade e com isto sensibilizá-las para uma ética do cuidado.

Esta campanha provou ainda que, na linha da sobriedade e da essencialidade, um simples pack poderá ser o presente perfeito que ensine cada criança a valorizar o seu futuro, cada família a viver com o essencial e, todos juntos, aprendamos um modo de viver mais simples e ecológico, sem esquecer que o maior presente da vida é estar presente na vida uns dos outros.



Os lugares mais escuros do universo

"Buracos negros: os lugares mais secretos do Universo" foi o tema escolhido por Francisco Lobo para apresentar, através do sistema de videoconferência, ao 12ºB do Agrupamento de Escolas Abade de Baçal, no dia 28 de outubro.

Tiago Pino, 12ºB

O palestrante, Doutorado e investigador no Instituto de Astrofísica (IA) e Ciências do Espaço da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa (FCUL), após uma breve apresentação, deu início à sessão fazendo referência aos vencedores do Prémio Nobel da Física de 2020, em virtude de ter desenvolvido trabalhos no âmbito dos Buracos Negros, tema que iria desenvolver. Fez ainda uma breve análise aos prémios Nobel da Física de 2017 pela descoberta de "Ondas Gravitacionais", o que demonstra a importância do ramo da Física moderna.

Definiu Buraco Negro como sendo "um objeto altamente curvo com uma certa curvatura muito elevada e negro porque a luz não escapa". Seguidamente, passou a uma breve abordagem sobre a história dos Buracos Negros, que começou em 1915 com Albert Einstein, quando propôs a Teoria da Relatividade Geral e subjacente a esta teoria uma equação: a equação de Einstein extremamente complexa. Em 1916, Karrl Schwarzschild ,em condições de guerra e apenas passados dois meses, encontrou a solução: solução de um buraco negro estático, que foi rejeitada. Em 1939, com Robert Oppenheimer e Hartland Snyder, resolveram as equações de Einstein para um colapso de uma estrela, mas não perceberam muito bem a solução. Só na década de 60 conseguiram perceber estas equações. No Ocidente falava-se numa "estrela colapsada" e na antiga URSS tinha o nome de "estrela congelada". Em 1963, Roy Kerr encontrou a solução de um buraco negro em rotação, mas a designação popular "Buraco Negro" só surgiu em 1963. Em 1964, Roger Pensrose descobriu o Teorema da Singularidade, que prova que no interior destes buracos existe uma singularidade. Na década de 70, surgiram as primeiras evidências observacionais: são descobertos objetos compactos que emitem raios X e objetos de discos de rotação de acreção (matéria que roda em torno de um buraco negro e que emite radiação), jactos, etc.

Após esta retrospetiva histórica, passou para a abordagem do tema dos Quasares definindo-os.

Quasar 3C 273 – objeto quase estelar que emite uma enorme quantidade de energia – fonte de energia gravitacional, incluindo ondas de rádio. Atualmente tem como fonte um buraco negro supermassivo que se encontra no centro desta galáxia.

Os Buracos Negros foram classificados de acordo com a sua massa:

Buracos Negros Supermassivos – existem no centro das galáxias, com massa de milhares de milhões;

Buracos Negros Estelares – resultam do colapso de uma estrela, com massa de dez vezes a massa do Sol; resulta numa estrela de neutrões.

Buracos Negros Intermédios – são os do meio.

Devido à órbita das estrelas, existe um buraco Negro Supermassivo - em que a fonte de rádio conhecida é "Sagittarius A*", que se encontra no núcleo da Via Láctea.

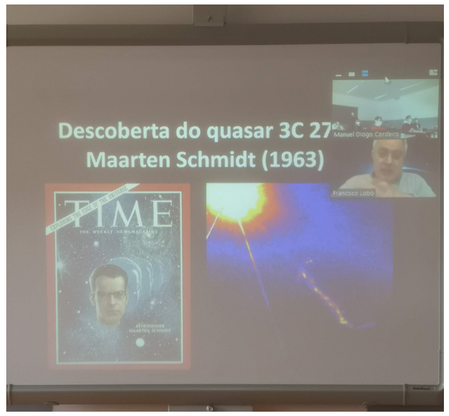
Atualmente podemos definir Buracos Negros como regiões extremas do Espaço e do Tempo; tendo em conta a Teoria da Relatividade Geral: Gravitação de Einstein, que se traduz por: geometria = matéria.

Equação de Einstein

O palestrante fez uma analogia entre uma bola de ténis e um berlinde em que "A matéria diz ao espaço como se deve encurvar e o espaço curvo diz à matéria como se mover", sendo esta a dinâmica subjacente à equação de Einstein.

Da analogia da curvatura do Espaço-Tempo definiu Buracos Negros como sendo uma região extremamente curva com o tecido rasgado que está envolvido por uma singularidade que é um véu chamado horizonte de acontecimentos em que tudo o que entra não consegue sair, independentemente do objeto.

Referiu ainda os efeitos:



No Espaço - Para Buracos Negros com massa dez vezes a massa do Sol qualquer que seja o objeto que se aproxima sente Forças de Maré muito intensas e morre – e no Tempo: também sofre deformação próximo do Buracos Negros.

Seguidamente, mostrou ainda o Diagrama de Penrose sobre a solução da equação de Einstein, que Schwarzschild elaborou, onde aborda o tema dos Buracos Brancos, considerando os Buracos Negros como sendo um túnel de onde não é possível sair, e

mostrou como se obtém uma imgem de um Buraco Negro através de um disco de acreção, tendo sido observadas algumas simulações em várias perspetivas.

Abordou, ainda, o tema dos Projetos em desenvolvimento para explorar o nosso Cosmos, em quatro observatórios de ondas Gravitacionais por Interferômetro Laser como:

LIGO: (Laser Interferometer Gravitational) Ondas Gravitacionais - que tem como missão medir as ondas Espaço-Tempo. Após análise concluiu-se que os Buracos Negros quando colidem emitem grandes radiações e fundem, emitem uma enorme quantidade de energia e ondas gravitacionais.

VIRGO (PISA) outro detetor de ondas - já detetou dez colisões de binários de Buracos Negros.

LISA: (Laser Interferometer Space Ant) – vai ser lançado para o espaço.

Espectro: ondas eletromagneticas - permitem explorar o lado visível.

Espectro: ondas Gravitacionais – permitem explorar o lado escuro, o próprio nascimento.

Concluindo, os LIGO podem vir a revolucionar o conhecimento sobre o Cosmos.

Em Memória de DANIELA FERNANDES

Intérpretes (por ordem alfabética): Ana Vicente - Antígona; Beatriz Alves - Cassandra; Beatriz Sobral - Medeia; Catarina Aires - Medusa; Daniela Hanganu - Eurídice; Daniela Monteiro - Atena; Helena Pereira - Dafne; Lara Silva - Énio; Maria Silva - Ceres; Mariana Brites - Juno; Mariana Torrão - Pandora; Paulo Fernandes - Eros
Soraia Silva - Circe ; Vanessa Lemos - Psique
Texto e direção artística – Paula Romão
Captação de imagem – Vítor Pinto, Tiago Garcia, Rodrigo Pires
Edição de imagem, captação e edição de áudio – Vítor Pinto
Animação e grafismo – Vítor Pinto
Professor auxiliar – Elza Simão

"O que dizer sobre este teatro? Sobre esta equipa? Sobre esta professora que sempre nos acompanhou?

Bem, não há palavras suficientes que descrevam todos os sentimentos que tenho dentro de mim, que me enchem o coração e a alma. Confesso que não apreciava muito teatro, mas decidi embarcar nesta aventura, ter uma experiência nova, e desde já afirmo que foi a melhor "viagem" que fiz. Assim, diverti-me imenso, todos os ensaios eram diferentes, únicos, sempre aparecia algo para ficarmos a conhecer coisas novas.

Por conseguinte, depois de ter começado a participar nunca mais queria terminar, queria sempre fazer parte do teatro, mas a realidade é que este é o meu último ano nesta escola e as saudades já apertam, mas vou feliz por ter feito parte deste projeto e só há uma coisa de que me arrependo que é não ter aceitado fazer parte do teatro logo no meu décimo ano.

Concluindo, não podia deixar de dirigir algumas palavras aos meus colegas que partilharam comigo momentos únicos, inesquecíveis e muito, muito divertidos. Para além disso, tenho de agradecer à professora Paula Romão por se dedicar a este teatro, e não só, com todas as suas forças e energias, por estar sempre com um sorriso na cara, por nos ensinar sempre mais e mais. É uma senhora humilde, dedicada, simpática, carinhosa e que gosta imenso das suas catorze " criaturas", as quais também têm um enorme apreço por ela. Deixo-lhe uma mensagem pessoal, porque me acompanha desde o décimo ano e foi e é uma excelente professora de quem vou ter imensas saudades.

Obrigada a todos, orgulho-me imensuravelmente de ter sido a "Ceres"."

Maria Silva, 12ºA (intérprete de Ceres)

"Estou imensamente grata pela oportunidade de participar neste fantástico projeto. Foi, sem dúvida, muitíssimo enriquecedor. Apesar de todas as restrições e obstáculos, considero que realizamos um excelente trabalho. Espero que no próximo ano letivo consigamos mais e melhor com uma representação ao vivo. "

Mariana Torrão, 11º A (intérprete de Pandora)

Finalmente fez-se luz

“Acende essa luz para não ficarmos surdos”

Paula Romão

Num fim de tarde, sete alunas juntam-se num recanto da Escola. As aulas já terminaram e elas estão descontraídas, discutindo ideias e trocando impressões sobre a vida…

Subitamente, chega a oitava jovem. Vem perturbada, ansiosa, certa de que algo terrível está para acontecer. Chama-se Cassandra e, tal como a jovem princesa de Tróia que previa o futuro, ninguém acredita nela.

No entanto, os seus receios irão concretizar-se, quando um grupo de delinquentes as aprisiona, tornando-as reféns…

Assim começa esta história…

E a outra história terminou para nós quando a primavera começava. Corria o ano de 2019, era o mês de março, e um brutal acidente deixou-nos desamparados, na saudade da nossa querida Daniela Fernandes, personagem de Eurídice, a quem Cacilda Ferreira, Antígona, acompanhava.

Um ano mais tarde, foi a pandemia quem se impôs e dispôs, secando muitos percursos e levando-nos de novo a aprazar, sem prazo, este Projeto, que já estava ferido de tristeza.

Em 2021, a esperança foi resposta, o trabalho retomado e a alegria recuperada.

E assim concretizámos a realização da peça “Acende essa luz para não ficarmos surdos”, na qual treze alunas e um aluno demonstraram a sua enorme generosidade e talento na forma como se entregaram ao texto e à produção do projeto, que pedia esforço da sua parte. Inicialmente, superarem as dificuldades de ensaiarem com máscara e, depois, enfrentaram a distância, com as limitações intrínsecas a todas as incertezas do contexto pandémico…

Muito obrigada a estas maravilhosas catorze criaturas – e, como eu costumo dizer, quem não for “criatura” que o faça saber –, que provaram que não há receios nem constrangimentos que impeçam a vontade de crescer e de dar o melhor de si, para que em cada pessoa floresça tudo o que de bom existir.

Muito obrigada ao aluno Vítor Pinto, pela sua resiliência e espírito de sacrifício, e à professora Elza Simão. Muito obrigada aos professores João Ortega e António Sá, que teriam assumido a responsabilidade da conceção e criação do cenário se as circunstâncias tivessem sido distintas. E aqui aproveitamos para lembrar o quanto sentiremos a falta de Tó Sá, que encerrou esta etapa da sua vida…

Muito obrigada, também, aos Pais e Encarregados de Educação por inerência associados a este projeto; a todos os elementos desta Comunidade Educativa que souberam acarinhá-lo; ao Jornal “Outra Presença, infatigável e generoso; à Câmara Municipal de Bragança e ao Teatro Municipal de Bragança, parceiros desta atividade; e à Direção do Agrupamento de Escolas Abade de Baçal, que desde sempre nos abriu os braços e soube compreender-nos.

Até já, até para o ano, até sempre. E que saibamos encontrar a luz, para nos ouvirmos cada vez melhor…

“Entrei no Teatro Escolar no meu décimo ano, motivada pelas excelentes peças que tinha visto anteriormente.

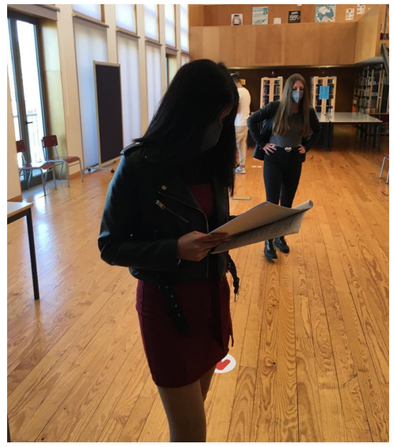
Esta experiência mostrou-se, desde logo, enriquecedora e além disso muito divertida.

No meio da pressão que a escola pode provocar a um aluno, o teatro escolar foi para mim um refúgio dessa mesma tensão, um momento de descontração, apesar de ter sido sempre algo em que me empenhei de corpo e alma.

Sem qualquer grande experiência na representação (exceto uma pequena peça em que fiz de árvore e a minha única fala era imitar o vento), o teatro escolar apresentou-me ao “mundo da representação”.

Agora, no décimo segundo ano, prestes a terminar esta fase da minha vida, quando pensar no meu percurso escolar, vou relembrar sempre o Teatro Escolar e a Professora Paula Romão com muito carinho.”

Soraia Silva, 12º C (intérprete de Circe)



Beatriz Sobral, 11º A (intérprete de Medeia)

Ter participado no teatro da escola não estava nos meus planos, mas quando a professora Paula Romão foi à sala perguntar se alguém queria inscrever-se, senti que era algo que devia fazer, algo que devia tentar. E assim fiz e posso dizer que foi uma experiência incrível. Ter tido a oportunidade de entrar numa personagem e de a trazer para a vida foi especial. Foi completamente mágico. E as pessoas a quem tenho de agradecer são a própria professora e toda a equipa que se empenhou e trabalhou para partilhar esta magia com todos.

“Foi esta a primeira vez que participei no Teatro Escolar, mas sinto que deveria ter embarcado nesta aventura mais cedo.

Com efeito, o teatro permite-nos ser livres, sem nos preocuparmos com opiniões alheias. Afinal de contas, estamos a encarnar uma personagem, portanto, ela que fique com a vergonha e as responsabilidades, sendo esta uma maneira de percebemos como as pessoas reagem à nossa forma de agir.

Além disso, esta experiência ajudou-me a ganhar autoconfiança, o que se refletiu nas minhas práticas letivas, sobretudo no que diz respeito às apresentações orais. Assim, adquiri uma maior capacidade para falar em público, o que me será muito útil no futuro.

Por fim, reitero que esta experiência ficará guardada na minha memória até ao dia do “juízo final”, tendo-me fornecido muitas competências em diversos níveis.”

Paulo Fernandes, 12º A (intérprete de Eros)

O teatro sempre me provocou um grande fascínio, e as peças que vi do teatro escolar fizeram-me considerar entrar para o grupo. Estes três anos foram o florir de um gosto que ainda não tinha descoberto, e afirmo que aprendi muito enquanto aluna e enquanto interpretei a Énio. É uma experiência que voltaria a repetir.

Lara Silva, 12º C (intérprete de Énio)

Peça de teatro filmada, em difusão permanente nas plataformas Youtube e Facebook da Câmara Municipal de Bragança

A astrofísica na ficção científica
Nem tudo o que parece é

Tiago Pino, 12ºB

No âmbito da disciplina de Física, assisti a uma palestra sobre o tema: "A Astrofísica na fição científica". Esta decorreu online em presença da turma do 12º ano de Física e foi presidida por Santiago González Gaitán, Pós-Doutorado - FCT.

O orador iniciou a palestra referindo que iria abordar erros em termos Físicos em três filmes. Os filmes escolhidos foram "Avatar" de 2009, "Gravidade" de 2013 e "Interestellar" de 2014.

O orador começou por mencionar um erro que considerou curioso no filme "Avatar". Este consistia no facto de a estrela Alfa Centauri A aparecer estática. No filme aparecem os planetas a orbitar em volta desta estrela, como se de um sistema unisolar se tratasse. Em relação a isto, o palestrante Santiago Gaitán revelou que, na realidade, a estrela Alfa Centauri A orbita com a estrela Alfa Centauri B, não sendo, por isso, estática. Deste modo, deveria ter sido apresentado um período de tempo onde toda a superfície dos Planetas e as respetivas Luas estivessem iluminadas.

Em relação a este filme, deveria ter aparecido uma das Luas de "Polifemo", a Lua "Pandora", com momentos em que toda ela está iluminada e outros em que está totalmente às escuras.

Após explicar este erro, o orador mencionou um outro no filme "Gravidade". Segundo ele, este erro consistiu no facto de, após um dos astronautas do filme se agarrar a um referencial ("Estação Espacial Internacional") e de se desprender deste objeto, ter descrito um movimento no sentido negativo do referencial quando a sua posição em relação a este não se deveria alterar. Enquanto apresentou esse facto, explicou também que o conceito de órbita consiste num movimento de perpétua queda livre.

Por último, Santiago Gaitán revelou um erro no filme "Interestellar", sendo este o facto de o cabelo dos Astronautas não se movimentar para todo o lado, mas sim apenas para um. Em relação a este filme, fez também referência ao processo de formação dos buracos negros bem como à relatividade temporal por eles criada e ainda ao processo das ondas dos nossos mares e oceanos em comparação com as de um dos planetas deste último filme.

Concluindo, com esta palestra fiquei mais esclarecido sobre como detetar erros científicos nos filmes e em quaisquer outras animações, enriquecendo assim os meus conhecimentos científicos.

"Avatar", James cameron
https://images.app.goo.gl/aNeWYe6HzUk9bye56

"Gravidade", de Alfonso Cuarón
http://lounge.obviousmag.org/revesguette/2013/11/gravidade-solidao.html

"Interstellar", Christopher Nolan
https://time.com/3545770/interstellar-movie-review/

Atividade Robótica na EB Izeda

Ana Afonso, docente de TIC

No dia 10 de dezembro, realizou-se a atividade de Robótica, na Escola Básica de Izeda. Esta atividade decorreu em duas sessões de trabalho, pelo facto de nos encontrarmos com medidas de contenção, devido à pandemia do Covid-19. O público-alvo inicial era os alunos do 2.º ciclo do 6.º ano, por fazer parte dos conteúdos programáticos da disciplina, mas alargou-se aos alunos que frequentam o 5.º e o 9.º anos.

Os objetivos principais centraram-se na necessidade de preparar os alunos na utilização de ambientes de programação, para interagir com robots e outros artefactos tangíveis. Não esquecendo o estimular da curiosidade pela robótica, da exploração de ideias e do desenvolvimento do pensamento computacional, levando à descoberta de conceitos da robótica, de forma intuitiva.

As sessões foram iniciadas de forma a colocar os alunos a pensar e refletir sobre as ações e sequências de uma determinada tarefa. Pretendeu-se, desta forma, desenvolver o seu estado cognitivo, o pensamento crítico e criativo. Os alunos mostraram-se deveras muito interessados, participativos, colaborativos e empenhados. Por conseguinte, no "ar" uma nova sessão para final de fevereiro, para que estes possam utilizar ambientes de programação para interagir com robots. Desta forma, pode promover-se a articulação com conteúdos abordados, nas áreas curriculares de TIC e/ou nas áreas transversais.

Para que esta atividade fosse realizada e todos estes objetivos concretizados, foi solicitado ao Centro de Competências TIC (CCTIC) da ESE/IPB apoio e colaboração, tendo este, se prontificado de imediato e do qual ficamos extremadamente gratos.

O resultado final foi atingido e foram superadas todas as expetativas. Aguardamos com entusiasmo a próxima sessão.

Concurso Nacional de Leitura

Livros e leitores juntos numa tela

Carolina Teixeira, 10ºA

No dia oito de março decorreu a Fase Municipal do Concurso Nacional de Leitura num modelo totalmente remoto, adaptado à realidade da pandemia que atravessamos, com a participação dos vinte e quatro alunos vencedores da Fase Escolar dos Agrupamentos do concelho brigantino. Esta sessão foi organizada pelo Município de Bragança, numa iniciativa do Plano Nacional de Leitura, em articulação com a Direção Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas e a Rede de Bibliotecas Escolares. Em cada nível de ensino foram apurados quatro vencedores, os quais irão representar o Concelho de Bragança na Fase Intermunicipal em Vila Flor no dia 22 de abril.

Nesta fase municipal, cada participante teve de ler previamente uma obra: no primeiro ciclo, "A Manta do José" de Miguel Gouveia; no segundo, "O Barco das Crianças" de Mário Vargas Llosa; no terceiro, "O país das laranjas" de Rosário Alçada Araújo.

Segundo José Costa, aluno do segundo ciclo, o autor do livro que leu é "um escritor que dispensa apresentações", que foi laureado em 2010 com o Prémio Nobel da Literatura. Na obra que li está patente a narrativa de um menino que encontra, todos os dias antes de ir para a escola, um idoso sentado num banco a observar o mar como que à espera que algo de especial aconteça."

O livro escolhido para o terceiro ciclo, no qual está presente a história de dois irmãos austríacos, adotados, depois da segunda guerra mundial, por duas famílias portuguesas, uma residente na aldeia do Romeu, Mirandela, e a outra residente na Covilhã, Serra da Estrela, é, para João Cordeiro, do 7ºC, "um livro muito interessante que sugiro que leiam".

No âmbito do ensino secundário, os participantes leram "O Caderno dos Sonhos" de Julien Sandrel, que, segundo Iolanda veiga, do 12ºA, é "um livro que contém uma história muito emotiva que nos enche de esperança e que nos permite refletir acerca de muitos aspetos do nosso quotidiano, coisas sobre as quais não pensamos fortemente, como é o caso da importância das relações humanas, a mudança que os acontecimentos trágicos trazem para a nossa vida e forma de viver, a necessidade de aproveitar cada momento, relembrando-nos, portanto, do que realmente importa na vida."

Assim, a prova era constituída por duas partes, teórica e oral. A prova oral decorria mediante o apuramento da fase teórica. A estrutura da prova no primeiro ciclo diferenciou-se das restantes, as quais eram muito similares. No nível mais precoce, o primeiro momento era composto por um conjunto de perguntas, seguido da leitura de um excerto da obra lida. Por último, o último segmento consistiu na questão do júri para a enumeração dos argumentos convincentes para a leitura do livro lido. Nas restantes categorias, o campo teórico encontrava-se dividido, sendo o primeiro momento composto por perguntas de escolha múltipla e o segundo pela redação de um texto, no caso do secundário, argumentativo sobre as relações humanas (tema relacionado com a obra). Na oral os participantes escolheram uma fotografia, relativa ao livro lido, por trás da qual havia uma pergunta a que responderam oralmente perante o jurado.

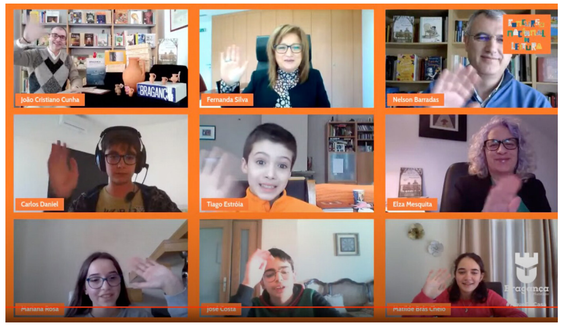
Após a realização de todas as provas, foram anunciados os escolhidos para a representação do concelho na Fase Intermunicipal, destacando-se, no nosso Agrupamento, Ana Lia João, da turma MO8 do quarto ano, José Costa, da turma D do sexto ano, João Francisco Cordeiro, da turma C do sétimo ano e Iolanda Veiga, da turma A do décimo segundo da Escola Secundária Abade de Baçal.

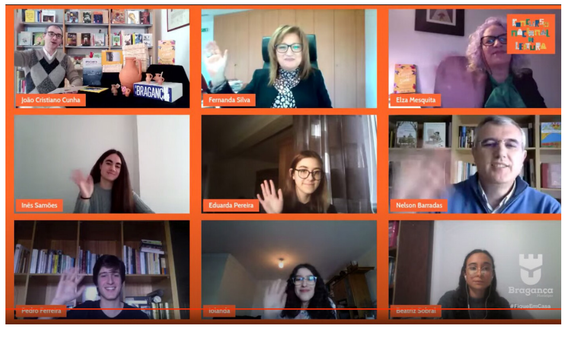
Para os participantes supramencionados correu tudo como esperado, apesar de apontarem alguns constrangimentos. Para a Ana João houve algum receio inicial com a entrada na plataforma StreamYard, mas concluiu que a adesão foi fácil. O José Costa apenas referiu que a fase oral foi, para si, uma completa novidade.

Relativamente a possíveis mudanças na estrutura, os dois mais jovens referiram que gostariam que fosse presencial, mas, atendendo à situação de pandemia vivenciada, era impossível a realização noutro formato. A Ana João acrescentou que preferia ter tido um período de tempo maior para a leitura. Os discentes do terceiro ciclo e do secundário não mudariam qualquer aspeto, apontando que o concurso foi bem estruturado e coerente.

Posto isto, todos os jovens apreciaram a participação no concurso. Para a Ana João, o mesmo "foi divertido", tendo avaliado o conhecimento da obra e a leitura da mesma. Do ponto de vista do José Costa, estas iniciativas são na sua totalidade positivas, "já que são experiências enriquecedoras, mesmo não alcançando os objetivos, ou seja, passar à fase seguinte". Para a mente do João Cordeiro, estas competições são importantes, "pois promovem a leitura e também desenvolvem as capacidades de argumentação e de superação do nervosismo habitual nestas circunstâncias, melhorando a capacidade de falar para um público vasto". Por último, para a Iolanda Veiga, o concurso em questão promove a leitura, auxiliando os participantes a "desenvolver a escrita, nomeadamente argumentativa", bem como a parte oral.

Na Fase Intermunicipal, os livros escolhidos são: "A cidade que deixou de sorrir" de Milu Loureiro no primeiro ciclo, "O rapaz e o robô" de Luísa Ducla Soares, no segundo ciclo, "O homem que plantava árvores" de Jean Giono, no terceiro ciclo, e "Léxico familiar" de Natália Ginzburg, no ensino secundário. Concluindo, este é um concurso que tem como objetivo estimular o gosto e o prazer da leitura para melhorar o domínio da língua portuguesa, a compreensão leitora e os hábitos de leitura. Simultaneamente, a participação dos alunos nestas iniciativas é sempre relevante e importante.



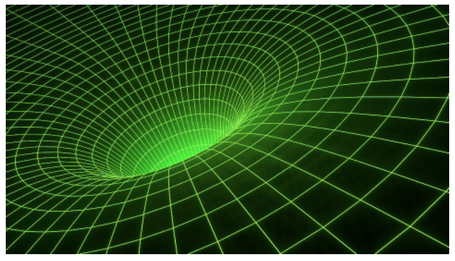


Buracos negros e ondas gravitacionais

No âmbito da disciplina de Física tive oportunidade de assistir a uma palestra sobre o tema "A ERA DOS BURACOS NEGROS E DAS ONDAS GRAVITACIONAIS", que decorreu on-line com a presença dos alunos que escolheram como disciplina opcional Física no 12º Ano e que foi presidida por um aluno de doutoramento, Nelson Eiró.

Tiago Pino, 12ºB

Depois da apresentação, o orador iniciou a mesma com uma explicação sobre o modo como as ondas gravitacionais podem interferir no deslocamento da luz. Para o comprovar, mostrou uma imagem construída em 3D que descreve como a



O tecido do universo: espaço-tempo (imagem de Johnson Martin in https://universoracionalista.org/o-que-e-espaco-tempo/

luz pode e é dobrada/desviada da sua rota original quando é sujeita a ondas gravitacionais muito fortes.

O orador da palestra deu-nos o exemplo da radiação emitida por uma estrela situada do lado oposto do nosso Sol. Nesta situação, a radiação ao passar perto do Sol, onde se dobra dando a perceção, a quem está a observar na Terra, de que a estrela se situa numa posição diferente da real. Deste modo o espaço e o tempo tornam-se relativos, pois também estes se dobram na presença de corpos massivos e ondas gravitacionais. Neste sentido, o orador Nelson Eiró explicou que as ondas gravitacionais existentes dependem da massa dos objetos presentes. Quanto maior for a massa dos corpos que colidem, maiores serão as ondas gravitacionais por eles criadas e maior a deformarão do espaço/ tempo. Para além disto, o orador estabeleceu uma relação entre a massa do objeto que cria as ondas gravitacionais e a sua energia, referindo que se estabelece uma proporcionalidade direta (E = mc2).

Depois de explicar toda esta interação que os corpos criam no espaço/tempo, o palestrante

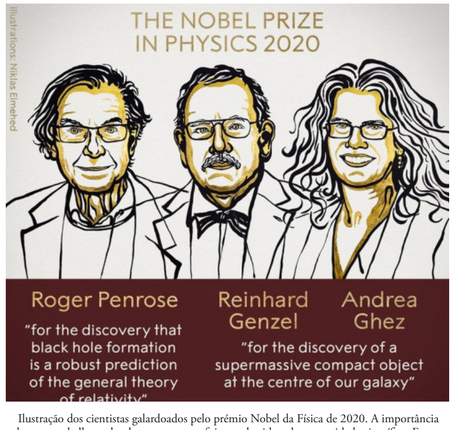


Ilustração dos cientistas galardoados pelo prémio Nobel da Física de 2020. A importância dos seus trabalhos sobre buracos negros, foi reconhecida pela comunidade científica. Fonte: Academia Nobel.

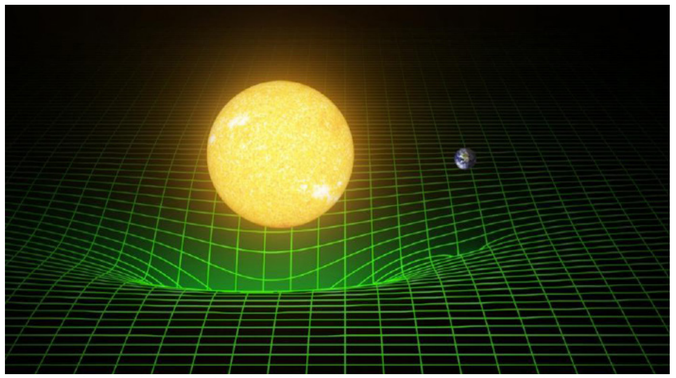


Imagem de uma simulação computacional sobre a deformação do espaço-tempo, criada por um corpo massivo (imagem de T. Pyle in https://universoracionalista.org/o-que-e-espaco-tempo/)

passou ao tema dos "Buracos Negros".

Acerca deste tema, começou por referir a forma como os buracos negros surgem. Esclareceu que resultam do colapso de estrelas com cerca de dez vezes a massa do Sol do nosso Sistema Solar, que no final da sua vida explodem e logo de seguida começam a colapsar absorvendo tudo o que se aproxima (incluindo a luz), por isso é um sugar de matéria e luz. O buraco negro é um corpo celeste muito denso, pois é formado por muita matéria concentrada num volume muito pequeno.

Neste sentido, o orador revelou várias propriedades dos buracos negros. Uma delas é a de que nenhuma das leis da Física (Leis de Newton) se aplica num buraco negro, este possui uma gravidade muito elevada que aumenta com a aproximação ao mesmo, e sendo ele de uma densidade elevada distorce, tal como outros corpos, o espaço-tempo. Revelou, ainda, que só se conseguem identificar os buracos negros quando estes captam algo que brilha, definindo o seu horizonte de eventos, o seu disco de acreção e respetivo jato de energia.

Para além das singularidades em relação a buracos negros "que rodam", visto que os buracos negros "com carga" e os buracos negros "com carga e que rodam" ainda não foram muito estudados, mostrou que esta interação consiste na aproximação de dois buracos negros que rodam, pois pela atração de ambos começam a rodar um à volta do outro, aproximando-se e emitindo ondas gravitacionais até a um ponto de colapso onde os dois se fundem num único maior emitindo as últimas ondas gravitacionais mais fortes, que três laboratórios instalados na Terra captam para estudo.

Para além disso, o orador, Nelson Eiró, apresentou uma fórmula que permite determinar o raio até ao horizonte de eventos de um buraco negro, (raio de Schwarzschild) relacionando a constante de gravitação com a massa do buraco negro com o quadrado da velocidade da luz no vácuo dando origem à fórmula (rs = 2Gm/C2).

Depois disto o orador revelou que as leis de Newton, só explicam parcialmente a órbita de Mercúrio. Contudo, usando a teoria da relatividade de Einstein, a órbita de mercúrio é perfeitamente compreendida. Outro exemplo mencionado, que afeta o nosso quotidiano, foi o acerto que é necessário fazer ao sinal dos satélites do sistema GPS, para garantir que não há desvios de quilómetros, quando nos propomos fazer uma viagem e inserimos a direção que queremos seguir.

Por fim, o palestrante abordou o tema do Prémio Nobel de Física de 2020, atribuído a três cientistas pelos seus trabalhos em física dos buracos negros e dos segredos mais obscuros do Universo.

Nas perguntas finais questionou-se a relatividade quanto ao tempo nos buracos negros, sendo explicado que nestes, dada a sua velocidade e densidade, o tempo decorre muito mais devagar do que o que o conhecemos e que quanto maior a velocidade mais devagar o tempo passa.

Concluindo, os buracos negros ainda são uma incógnita, mas cada vez mais os cientistas têm vindo a conseguir desvendar os seus mistérios.

O Tempo marca

O Mundo é um infinito de possibilidades. Encontra-as.

Rafaela Santos (ex-aluna do clube)

Como antiga aluna desta escola, foi-me pedido que deixasse o meu testemunho, a minha experiência neste primeiro ano, atípico, de universidade.

Terminei o 12º ano em 2020, concorri à Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto para o curso de Arquitetura. Depois de muita pesquisa na internet e de tanto ouvir "se queres arquitetura, a melhor faculdade é a do Porto", e apesar de achar a media muito alta e de ter medo de não conseguir, estava bastante segura de que esta tinha sido a melhor decisão da minha vida.

Ou seja, fiquei muito satisfeita quando recebi a confirmação de que tinha entrado na minha primeira opção. Assim, do dia para a noite, a minha vida sofreu uma grande reviravolta, cidade nova, casa nova, pessoas novas, escola nova e isto tudo no meio de uma pandemia, não vou dizer que foi fácil, mas encontrei apoio nos meus amigos, na minha família e sobre tudo na forma carinhosa como fui recebida na minha nova escola. Sendo que não tive outra experiência para além desta, sinto que a pandemia não afetou a integração. Conhecemo-nos todos, apesar de, como era de esperar, não nos podermos juntar depois das aulas, não haver os famosos churrascos da FAUP, não haver saídas à noite e muito menos semanas académicas ou praxes. Por isso, este ano provou que não são necessárias estas coisas para fazer amizades, no entanto, estamos todos à espera que isto acabe para podermos voltar a fazer essas atividades.

Apesar disto, durante estes quatro meses nesta aventura, senti-me muitas vezes perdida sem saber

se estava no curso certo, sem saber se era isto que queria para o meu futuro, mas, com o passar do tempo, percebi que tinha escolhido bem, comecei a ganhar um gosto inexplicável, algo que me prende ao curso. Assim, apesar da quantidade de trabalho, que, por vezes, parece interminável, das noites mal dormidas e de ter o quarto cheio de eferovite, é reconfortante ver os meus trabalhos feitos, olhar para o princípio e ver que aprendi tanto em tão pouco tempo.

Assim sendo, se, quando setembro chegar e estiveres no curso que escolheste, não tiveres a certeza do que queres, não há problema! E se não te identificares com o curso, muda, se não te sentires bem naquilo que escolheste, muda! Muda as vezes que forem precisas até te sentires bem e certo da tua escolha. Tenta encontra o lugar no qual te encaixes e que te realize.

Portanto, se está a chegar a tua vez de concorrer, aconselho-te a pesquisar, decide o que for melhor para ti. Esta é uma decisão que é só tua, é o teu futuro, independentemente de quereres ir para uma Universidade pública, privada, um Instituto Politécnico, ou até mesmo ficar um ano sem estudar. O que realmente importa é que, independentemente do sítio onde estiveres, te esforces sempre para colocar o melhor de ti em tudo o que fizeres. O Mundo é um infinito de possibilidades, só precisamos de lutar por isso.

Boa sorte.

Exegese Universitária

Tenho no meu espírito muito de catastrofista. Feito o aviso, passemos ao texto.

Não gosto do sítio onde estou, não sei se existe algum sítio onde gostaria de estar, mas não gosto do sítio onde estou. Finalizei o secundário, acabei (esperemos que para sempre) os exames e obtive a minha colocação. Enquanto os outros celebravam nas redes sociais, eu sentia uma angústia a que mesmo hoje só consigo associar a uma perda de liberdade que brevemente me parecera existir. Sou muito dado a sinais e símbolos, mas costumo escolher ignorá-los para a minha sanidade mental. Mesmo quando vi a FEUP pela primeira vez, descarnada e tolhida de qualquer coloração para além daquela que a intempérie lhe entranhou à força nas fachadas, tentei não julgar um livro pela capa.

E os primeiros dias correram bem ou, pelo menos, não correram mal. Tive a apresentação do curso, onde eu e os meus duzentos e tal camaradas levámos com o balde de água fria, a que se juntavam lama, gelo sólido e acredito que algum gás lacrimogéneo, das oito horas de estudo diárias. Pois é, caros leitores, acabou-se aquele estudo à última da hora e memória a curto prazo que, de uma maneira ou doutra, todos desenvolvemos para minimamente sobreviver. Aqui é a exaustão que governa, juntamente com a incessante rotina teórica (a que se alia a pandemia, um fator secundário). A menos que possuas uma força sobre-humana, acabarão por se concretizar os seguintes pontos:

- A perda total ou quase total da curiosidade com que pousaste pé no ensino superior. Tudo começará maravilhosamente, é novidade, os edifícios por explorar, gente nova para conhecer, matéria estranha e excitante para aprender, as questões da aula atropelam-se umas a seguir às outras. Passados dois ou três meses, já ninguém tem dúvidas, já ninguém quer saber para onde se desloca o x, já todos fazem o esforço hercúleo para prestar atenção ao ecrã ou ao quadro. Melhor analogia não há do que a passagem da primária para o básico, onde se denota a industrialização do ensino, onde a aula de ciências afinal consiste em cópia em vez de experiência ou interação.

- A completa quebra de fé no sistema educativo português (que já vinha abalada dos anos anteriores). Estamos num sítio em que um dez é considerado uma nota excelente, um oito um "nada mau", estamos num meio em que a proximidade humana entre docentes e alunos é um termo raro e, por vezes, inexistente (cada um com o seu feitio, mas mesmo assim…).

O pináculo da apresentação foram as fotos dos alunos que chegaram ao topo (como se na vida houvesse um topo, como se algum de nós soubesse porque aqui anda), que, através de uma mistela de esforço, talento e criatividade conseguiram alcançar posições invejáveis nas empresas mundiais. "Têm que ser assim" pareciam dizer, de sorriso congelado na cara, "Compitam", "Trabalhem no duro".

Não há mal em dizer que odeio tudo isto. E reiteradamente o digo, odeio tudo isto. A especialização necessária para me vender ao mundo capitalista lixou-me a vida. E eu que gosto de aprender tanta coisa… Chamem-me marxista utópico ou idealista (sei que isso por aí é um insulto), mas considero que o espírito, o cérebro e o corpo humano não foram feitos para aguentar tais imposições. Digam à vontade que só quero é boa vida. O que eu quero mesmo é viver bem, de forma minimamente suportável e de acordo com o meu carácter, por muito defeituoso que seja.

Finalizando, se têm inevitavelmente de passar por aqui, caros leitores, fiquem ao menos avisados da morte da novidade e da esperança do diferente. Se algum conselho tenho é o seguinte: arranjem tempo para vocês, para as vossas paixões e para a vossa verdadeira aprendizagem, é a única maneira de continuarem a ser quem são.

Uma história de coragem e um olhar sobre o holocausto

Dina Pinto,

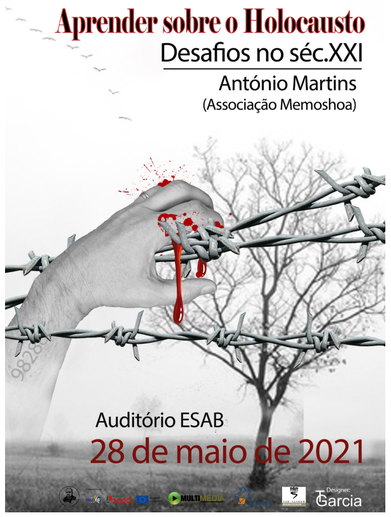
No dia 28 de maio de 2021 realizaram-se, a convite da disciplina de EMRC, duas palestras sobre o tema da shoá (holocausto) dirigidas a alunos do 6.º, 8.º, 9.ºanos e ensino secundário.

Durante as diversas palestras realizadas, António Martins, orador convidado, conduziu os alunos numa viagem pela história, ilustrou conceitos, relacionou acontecimentos e respondeu a algumas questões colocadas pelos alunos, esclarecendo-os sobre a importância do ensino sobre o Holocausto e o contributo da Associação Memoshoa nesta urgentíssima missão.

Uma história de coragem ("Queria Voar como uma borboleta") e um olhar sobre o holocausto em 27 imagens, foram o mote para uma verdadeira lição acerca do "Ser Pessoa" e da "Dignidade Humana" (temas tão caros à referida disciplina) e uma oportunidade para desafiar os alunos à reflexão sobre o mundo que podemos, queremos e devemos construir.

Avivar a memória e despertar a consciência daquilo que somos ou que podemos ser e do que nos (des)humaniza enquanto pessoas é não só um dever moral, mas sobretudo um imperativo pedagógico.

Se é urgente impedir que a história se repita naquilo que tem de mais indigno, é igualmente crucial que cada pessoa, em cada contexto em que se movimenta, procure fazer sua a causa comum da humanidade – por uma ética do cuidado – que não permita que continuem a acontecer outros holocaustos, mas cada um se sinta responsável por salvar o seu próximo da falta de compaixão, do egoísmo e da indiferença, lembrando a célebre frase do Talmud Judaico de que "quem salva uma vida salva o mundo inteiro".



a voz dos alunos

O ano de 2021 marca o início de uma nova secção no Público online, a dos podcasts. Deste modo, pretende-se dar voz aos alunos, incentivando a participação daqueles que preferem o oral ou que querem diversificar a sua modalidade de expressão. É mais uma forma de estimular o espírito crítico e a participação cívica que devem integrar qualquer cidadão e que a escola tem obrigaçao de promover.

Conscientes de que existe um importante caminho a percorrer na cocretização e edição destes documentos áudio, agradecemos os conselhos que dois jornalistas do Público nos deram e fica o compromisso de no próximo ano darmos continuidade a esta rubrica e melhorarmos a sua qualidade.

Apresentam-se os primeiros a abraçar este desafio e espera-se que o seu exemplo seja uma inspiração para os próximos.

Hidromáscaras

Carolina Teixeira, 10ºA

Importância do diálogo

Carolina Teixeira, 10ºB

Namoro sem amor

Raquel Domingues, 12ºC

Violência no namoro

Soraia Silva, 10.ºB

Violência não é amor. É crime.

Marta Marques, 12ºC

Prevenir, Educar, Consciencializar e Não banalizar

Anibal Fundo, 12.ºB

Violência no Namoro

Daniela Hanganu, 12.ºC

O amor não é violência

Tiago Pino, 12ºB

Portugal e o Idioma Trocado

Beatriz Maldonado, 10ºB

Iniciar o ensino superior em tempos de pandemia

Sara Morais de Azevedo (ex-aluna da escola e do clube de jornalismo

Este ano letivo entrei numa nova fase da minha vida a qual há muito aguardava: o ensino superior, nomeadamente a entrada no curso de medicina na Faculdade de Medicina da Universidade do Porto.

Há vários anos que sonhava com o meu ano de caloira: com todas as saídas com amigos, as festas, as aulas presenciais todos os dias com todos os meus 250 colegas num único anfiteatro a falar dos casais sensação a meio de uma aula teórica de anatomia; tudo isto e muito mais era o que ambicionava para o meu primeiro ano no curso com o qual sempre sonhei. No entanto, tal não foi possível e deparei-me com um ensino superior completamente diferente do que os meus colegas de outros anos tiveram quando chegaram à faculdade.

De facto, encontrei-me numa nova cidade, sozinha, fechada num quarto o dia todo sem ver ninguém, a ter a maioria das minhas aulas por zoom, no caso das práticas, ou por vídeos previamente disponibilizados por parte dos docentes, no caso das teóricas, e a ir simplesmente uma vez por semana à faculdade para ter teste de anatomia no teatro anatómico com apenas mais cinco colegas na mesma sala que eu.

Isto aliado ao facto de não ter havido um ponto de rutura entre secundário e faculdade que me fizesse sentir que estava a terminar um ciclo e a começar outro fez com que não me tivesse sentido integrada neste novo mundo universitário e tivesse sentido que a faculdade era apenas a continuação do secundário, mas com mais matéria e novas caras. Neste sentido, faltou-me a integração e o sentimento de pertença à faculdade, na medida em que passei os últimos 3 meses a sentir que estava a aprender medicina através de vídeos no Youtube. Estes fatores levaram à falta de sentimento de responsabilidade e rigor comigo própria, o que dificultou o cumprimento de horários e planos de estudo.

Na minha opinião, ainda que o ensino à distância seja, sem dúvida, um dos pilares para conter a pandemia não é de todo benéfico para os estudantes e traz consequências, quer a curto, quer a longo prazo. Para além do óbvio decréscimo da atenção dos alunos nas aulas, vêm associados outros problemas como a dificuldade em criar um método e uma rotina diária de trabalho eficazes, hábitos de sono constantes e até assegurar a saúde mental dos estudantes.

No meu curso, concretamente, torna-se muito difícil acompanhar a matéria e conseguir adquirir conhecimentos sem aulas presenciais. Neste segundo semestre, ao contrário do primeiro, não temos aulas práticas de anatomia presenciais, tendo-nos sido privado o contacto com o material cadavérico no teatro anatómico que é, sem margem de dúvidas, o nosso principal instrumento de estudo.

Há quem diga que temos mais tempo para estudar, o que não deixa de ser verdade, no entanto, a falta de rotina, da correria de sair de casa de café na mão para não chegar atrasada faz mesmo muita falta, embora não pareça.

Assim sendo, tendo tanta matéria para acompanhar, sempre a acumular-se no Moodle, aliado ao facto de estarmos confinados, sem podermos sair de casa, conviver com outras pessoas ou até viajar para quebrar a rotina, conseguir manter a sanidade mental torna-se um dos maiores desafios. Não obstante estar no curso que quero e estar só no primeiro ano e ter ainda alguns anos pela frente para viver estas e muitas mais experiências, a verdade é que se torna muito difícil não ir abaixo com todas estas circunstâncias.

No entanto, a pandemia não foi, de todo, impeditiva para criar novas amizades que acredito que sejam para a vida.

Ao contrário do que pensava, inicialmente quando escolhi a FMUP não me deparei com uma competitividade tóxica, mas sim com um espírito de equipa no qual há partilha de material de estudo, o que faz sentido até porque no futuro iremos todos trabalhar em equipa e, nesta área em particular, a partilha de conhecimento é a chave para o sucesso, já que todos procuramos saber cada vez mais e melhor para tratar todas as pessoas que colocarem a sua vida nas nossas mãos.

Concluindo, ainda que a minha experiência de ensino superior não esteja a ser a que sempre sonhei, já me fez crescer, conhecer novos ambientes, criar novos laços e contactar com novas realidades. Portanto, para que esta seja completa espero que em breve possamos todos voltar à nossa "vida normal" e que as aulas passem a ser presenciais para que o ensino médico não perca qualidade e mantenha a excelência pela qual é conhecido até aqui.

> "tendo tanta matéria para acompanhar, sempre a acumular-se no Moodle, aliado ao facto de estarmos confinados, sem podermos sair de casa, conviver com outras pessoas ou até viajar para quebrar a rotina, conseguir manter a sanidade mental torna-se um dos maiores desafios."

> "faltou-me a integração e o sentimento de pertença à faculdade, na medida em que passei os últimos 3 meses a sentir que estava a aprender medicina através de vídeos no Youtube"

Exames e acesso ao ensino superior

Mudam-se os tempos, mudam-se as regras

Daniela Manganu, 12ºC

No mês de Dezembro, no Jornal Público, referiu-se que o presidente do Instituto de Avaliação Educativa, Luís Pereira dos Santos, teria mostrado a necessidade de combater a inflação de notas, como a que se viu em 2020, ficando no ar a hipótese de que seria aumentado o grau de dificuldade das questões.

Esta subida nos resultados deveu-se, em grande parte, à estratégia implementada para os exames, como forma de combater as dificuldades que a Covid-19 veio a criar no ensino. Foi adotado um novo modelo nos exames, cuja principal novidade terá sido a criação de um grupo de perguntas opcionais. Destas perguntas opcionais, que eram várias, apenas eram selecionadas as que obtinham melhor resultado, dependendo o número de respostas a selecionar dos critérios de cada prova em específico. De acordo com o Ministério da Educação, estes facilitismos deverão ser evitados este ano.

Mas o que significa isto para os estudantes? Especialmente aqueles que pretendem realizar provas no presente ano escolar? Estes alunos foram também afetados pelo confinamento do ano anterior e estão a ser afetados pelo deste ano. Se o Ministério e o IAVE pretendem realizar provas com um nível de dificuldade superior às do ano passado, não estarão a colocar em desvantagem os estudantes deste ano?

A subida nos resultados das provas levou, como era de esperar, a um aumento das médias para acesso ao ensino superior, o que dificultou a entrada de muitos alunos, que ,mesmo com bons resultados, não conseguiram ingressar no curso que queriam. Com a possibilidade de se voltarem a candidatar este ano e com um número limitado de vagas, estes alunos estarão em vantagem relativamente àqueles que pretendem realizar as provas este ano, já que estas terão, provavelmente, um nível de dificuldade superior.

Considerando estes factos, e ainda o de os alunos que frequentam o ensino secundário nos anos de realização de exames, no ano de 2020/2021 terem sido afetados por dois confinamentos, a decisão mais justa no que toca às provas, seria, a ver de muitos, enveredar pelo mesmo caminho que o ano passado, mantendo a mesma estrutura da prova, e possibilitar a realização dos exames apenas enquanto prova de ingresso no ensino superior.

Por enquanto, apesar das recomendações por parte da Comissão Nacional de Acesso ao Ensino Superior (CNAES) para a realização dos exames como prova de candidatura, o Ministério da Educação ainda não afirmou a sua decisão final relativa ao tema, o que tem aumentado os níveis de ansiedade dos estudantes, que já não são baixos fruto de toda a situação pandémica e de confinamento em que se encontram, bem como a já habitual decorrente de um ano em que está em causa um lugar na universidade pelo qual tem lutado nos últimos anos.

ttps://uniarea.com/sobre-exames-nacionais-dificuldade-das-questoes-e-notas/

http://www.vozprof.com/iave-quer-travar-notas-demasiado-elevadas-nos-exames-nacionais/

https://expresso.pt/revista-de-imprensa/2021-02-16-Exames-nacionais-deverao-ser-limitados-a-disciplinas-que-dao-acesso-a-cursos

Imagem de Firmbee por Pixabay

Daniela Manganu, 12ºC

As circunstâncias em que decorreu a maior parte do segundo período deste ano letivo foram inesperadas. Foi instituída primeiramente uma pausa letiva com a duração de 15 dias, que se terá iniciado no dia 22 de Janeiro, mas que se desenvolveu para algo muito mais prolongado, tendo-se substituído o modelo de aulas presenciais para um modelo de aulas online.

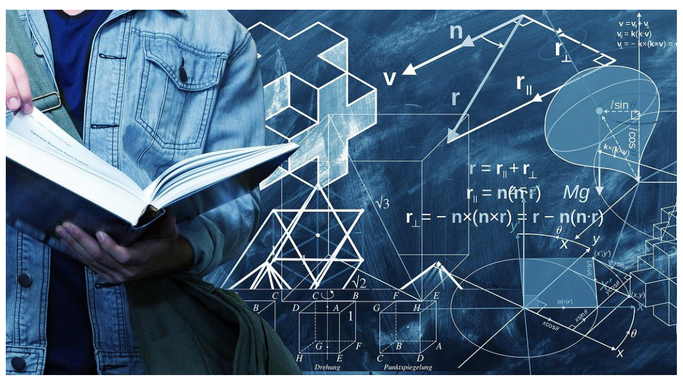
As mudanças que se fizeram sentir não foram poucas, tanto para alunos como para docentes. As aulas e a forma como elas foram lecionadas viram-se forçadas a mudar, procurando atender às características do tempo presente que se enfrenta. Mas o que significa isto em termos de avaliações para este período?

É certo que as dificuldades para avaliar um aluno foram acrescidas, uma vez que os professores não têm forma de ter plena noção do trabalho que os alunos terão feito de forma completamente honesta e autónoma. Tentaram, decerto, adaptar os tipos de trabalhos para estas situações, mas a verdade é que nem sempre isto se verificou.

No entanto, a verdade é que o segundo período é muitas vezes considerado o mais importante em termos de subidas de notas. Se a avaliação não fosse feita, os alunos estariam a ser privados da maior hipótese de melhoria de resultados. Enquanto que, como decerto se verificou, alguns alunos não terão sido completamente honestos nos trabalhos que apresentaram, outros ter-se-ão esforçado muito, e o seu trabalho não deve ser deixado passar em branco.

Este tipo de ensino teve, como era de esperar, efeitos diversos nos alunos. Alguns mostraram-se mais desmotivados, mostrando maior dificuldade em manter a concentração, enquanto que, por oposição, outros alunos mostraram ser mais produtivos que nunca, tendo melhorado a sua participação nas aulas, e, tirando proveito das condições desta nova forma de ensino, melhoraram a qualidade dos seus trabalhos. Nesta situação, não há nada mais gratificante para um aluno que ver o seu trabalho reconhecido e recompensado.

Tendo em conta estes aspetos, e apesar das sérias dificuldades que os docentes terão em atribuir uma nota quantitativa que exprima tudo o que os alunos terão feito até agora, o trabalho que foi desenvolvido neste período extenso de tempo que estivemos em casa, cerca de dois meses, não deverá ser esquecido, sendo que, na minha opinião, o mais certo seria fazer uma avaliação com base nos resultados demonstrados nos primeiro e segundo períodos, e não apenas manter as notas do primeiro.



Inspiring future reinventa-se e chega à escolas

O futuro começa hoje

Iolanda Veiga, 12ºA

No dia 15 de março de 2021, foi realizada uma sessão de esclarecimento virtual, via Zoom, que em anos transatos costumava decorrer presencialmente, para os alunos do décimo segundo ano das escolas secundárias Alfredo da Silva e Abade de Baçal, do centro e do norte de Portugal, respetivamente.

Esta foi dinamizada pelas formadoras Inês Pequicho e Carolina da Inspiring Future, uma associação juvenil sem fins lucrativos, e teve como objetivos apresentar o projeto Inspiring Future. Além disso, pretendeu, ainda, informar acerca dos passos e processos do Acesso e Candidatura ao Ensino Superior, promover e divulgar a Feira Virtual de Ensino Superior da Inspiring Future e esclarecer possíveis dúvidas dos estudantes que se pretendem candidatar ao ensino superior no presente ano letivo.

Neste sentido, foram realizadas atividades dinâmicas adequadas ao contexto em que nos encontrávamos, que tinham como objetivo perceber se os alunos sabiam qual o curso que pretendiam tirar no ensino superior e mostrar como funciona o processo de candidatura.

Além disso, foram apresentadas as diferentes opções que existem após a conclusão do Ensino Secundário ou Profissional, como as Licenciaturas com Mestrado Integrado, o CTeSP (Curso Curso Técnico Superior Profissional), Gap Year (ano de pausa que pode ser utilizado para viajar, fazer voluntariado, trabalhar e que serve para os alunos se encontrarem interiormente e definirem de forma mais clara o percurso que gostariam de seguir) e o ingresso no mercado de trabalho.

Posteriormente, foi apresentado o projeto Inspiring Future, bem como o seu site (www.inspiringfuture.pt). Este contém informações sobre tudo aquilo que tenha a ver com o Ensino Superior, uma ferramenta para o cálculo da média e a listagem dos cursos por área, curso e instituição, onde é possível consultar a nota do último colocado e os pré-requisitos necessários para o respetivo curso.

No decorrer da sessão, os estudantes colocaram várias questões sobre diversos tópicos que foram prontamente esclarecidas pelas formadoras.

Finalmente, decorrente do facto de as feiras de educação terem sido canceladas devido à pandemia da Covid-19, esta organização criou uma feira virtual, uma espécie de jogo SIMS, que foi divulgada na sessão e que permite aos visitantes percorrerem 6 pavilhões divididos por áreas de estudo, onde podem encontrar diversas instituições do ensino superior, com as quais é possível contactar via livechat ou agendar uma sessão por videochamada, dois auditórios, que apresentam workshops (Sessão de Acesso ao Ensino Superior e Tomada de Decisão) e pequenos vídeos com testemunhos acerca de determinado curso e instituição, respetivamente. Além disso, completando missões na feira, podemos ganhar prémios (cadernos, canetas, porta-chaves, cursos de línguas e airpods).

Concluindo, a sessão foi muito esclarecedora e informativa, proporcionando aos jovens que pretendem ingressar no Ensino Superior uma visão mais abrangente acerca das opções que possuem ao nível de cursos e universidades, bem como do processo de candidatura e das ferramentas necessárias ao mesmo.

O 25 de abril

Ana Ferreira

E tudo começou hoje. Foi-nos restituída a liberdade roubada, mutilada e assassinada, a liberdade que todos ansiávamos como se de repente se desatasse aquele nó na garganta. Abandonámos códigos e deixámos de nos manifestar nas entrelinhas. Pelo meio ficaram anos e anos de submissão a uma ditadura dura e silenciada que os mais velhos não recordam com saudade.

Pela parte que me toca, eu cresci com o 25 de abril, com um cravo vermelho, flor de um mundo a descobrir, um mundo por inventar. Os anos que se seguiram permitiram a redação de uma Constituição plasmados que se encontravam nela os direitos e deveres dos cidadãos, eleições livres, formação de forças partidárias e sindicais, curiosamente com vínculo à esquerda e, sobretudo, o sentimento de pertença que permitia ao cidadão ver-se e sentir-se representado nos seus anseios e aspirações.

Vivíamos então em democracia. Alguém disse que este pode não ser o regime perfeito, porém viver fora dele pode transformar-se num inferno. Verdade. Todos conhecemos um número significativo de países que vivem, ou melhor, sobrevivem nesta amargura.

Vivíamos então em democracia. Neste regime democrático, a Assembleia inundou-se de políticos de carreira e de outros que vieram de carreirinha, dos mais variados quadrantes, uns honestos e militantes, outros pouco sérios e inconstantes. Nos primeiros anos desta experiência inesquecível que foi a transposição para a democracia, os portugueses revelaram-se interventivos, atentos, reivindicativos na defesa dos seus direitos sendo o recurso à greve uma constante sempre que as circunstâncias o determinavam. As tertúlias enchiam as noites onde intelectuais e artistas incendiavam o céu que era já da cor do cravo. A liberdade tornava-se, assim, o valor maior, a maior das conquistas.

Aos pouquinhos, sem darmos muito por isso, os tais valores da democracia foram-se perdendo. Paulatinamente, entrámos num processo de falência, de indiferença e até de cedência às ideias mais mirabolantes que entretanto foram surgindo. Em suma, deixámos de acreditar na democracia, na política e nos políticos. A democracia falhou. Daí, um pouco por todo o lado, o nascimento de forças partidárias radicalizadas, hegemónicas, de extrema esquerda ou direita. São a contrapartida da boa esperança, do discurso inflamado, o que grita as palavras, a mensagem que se faz retórica, que aponta o dedo, que incita e corrói.

E tudo começou hoje. Não podemos, não devemos esquecer. Liberdade. Esta liberdade que erguemos como um troféu ao qual puxamos insistentemente o brilho todos os dias da nossa vida.

Apesar de todas as vicissitudes a liberdade é ainda uma estrela no firmamento.

A Peste Negra e a Covid-19: As mais negras das pandemias

Falar sobre a Peste Negra (ou "a mãe de todas as pestes") e o Covid-19 nos dias de hoje faz todo o sentido. Principalmente, quando a história ainda se faz no presente. A partir das suas causas e consequências, tentamos encontrar pontos comuns com a "nova realidade" em que vivemos. Falamos de duas Pandemias sem precedentes num mundo a desmoronar-se. Até agora a mais mortífera das Pandemias foi a Peste Negra. Vinda da Ásia, na idade média, através da rota da seda- rota comercial entre a China e o Mediterrâneo, apareceu na Europa em 1348 e em pouco tempo provocou a morte a cerca de um terço da população europeia. A doença foi causada pela bactéria Yersinia pestis e espalhou- se graças ao contacto com pulgas e roedores infetados. Esta Pandemia durou cerca de cem anos.

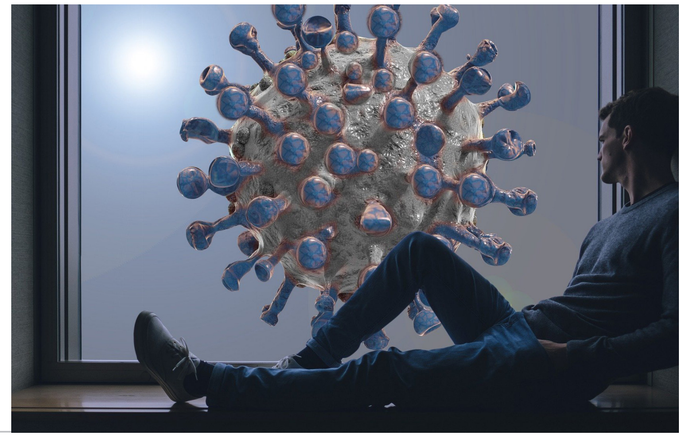
Como é do nosso conhecimento, os cuidados de higiene e saúde pública na idade média eram quase nulos em relação aos que existem hoje. Isto originava não só o aparecimento de doenças como também a sua propagação. Foi o aparecimento da Peste Negra que fez com que as autoridades olhassem de forma mais crítica e atenta para as zonas urbanas, ou seja, citadinas, com maior densidade populacional, onde eram acumulados lixos e dejetos de humanos e animais.

Tal como atualmente na Pandemia Covid-19, as primeiras medidas a serem adotadas foram a desinfeção do espaço, uso obrigatório de máscara e a adoção de medidas de isolamento para travar o contágio. Nas duas Pandemias referidas aquilo que contrasta, pensando nos dias, de hoje, é que uma Pandemia causada por um vírus só pode ser eficaz se o processo de vacinação for bem conseguido para, assim, atingirmos a imunidade de grupo.

Apesar da Pandemia da Peste Negra ter acontecido há centenas de anos, em que as condições de higiene, saúde e tecnológicas eram muito diferentes e desiguais das que temos hoje, há um fator que se sobrepõe nas duas Pandemias, quer na Peste Negra, quer no Covid-19, as reações das pessoas a algo que não entendem, ao desconhecido e à morte excessiva que os rodeia.

Trabalho realizado pelos alunos do 5ºC e 6º D sob a orientação das professoras Ana Ferreira e Maria João Veiga

Imagem de Gerd Altmann por Pixabay



Impacto da pandemia no quotidiano e na mente

Iolanda Veiga, 12ºA

A pandemia da covid-19 levou a uma mudança drástica ao nível dos nossos hábitos. O facto de termos de passar mais tempo em casa e de utilizarmos o mesmo espaço para trabalhar, estudar, ter aulas, fazer exercício físico e relaxar levou a população a ter de se reinventar e adaptar.

Nesse sentido, os números de visualizações de vários canais de Youtube e sites de exercício físico durante o período de confinamento aumentaram exponencialmente. Em todo mundo muitas pessoas apostaram neste método para se manterem em forma, libertarem o stress e combaterem o sedentarismo. Assim, começaram a assistir aos diretos ou aos vídeos publicados por ginásios, bem como por youtubers como a Pamela Reif, a MadFit e a Chloe Ting.

Além disso, para passar o tempo, a população aderiu a vários movimentos e desafios que se tornaram virais, como, por exemplo, o desafio do papel higiénico, que nasceu em Espanha com um ex-jogador do Benfica, Joan Capdevilla, e o fabrico de pão caseiro, os quais fizeram esgotar o papel higiénico, o fermento e a farinha em vários supermercados.

Houve uma maior dedicação à culinária por parte das pessoas, visto que estas começaram a confecionar novos pratos doces e salgados que deliciaram os mais gulosos, como, por exemplo, pão de queijo, dalgona coffee, entre outros.

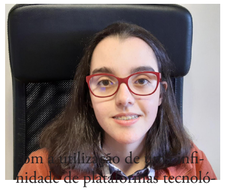
Os serviços de entrega ao domicílio aumentaram, tendo várias empresas nacionais e multinacionais alargado a sua zona de ação por vários pontos do país, quer ao nível das entregas de comida preparada quer de compras online de roupa ou produtos de supermercado.

Como forma de entretenimento, comunicação e interação com o outro, foram várias as pessoas que procuraram, mesmo à distância, novas plataformas. É o caso de redes sociais como o TikTok e a House Party e das plataformas de streaming, como a Netflix e a HBO. Também os diretos realizados no Instagram e no Youtube por vários famosos e os concertos à janela, que tiveram como objetivo distrair a população e agradecer aos profissionais de saúde, respetivamente, foram uma constante.

Finalmente, o isolamento devido a este período pandémico provocou imensa ansiedade, que causou consequências ao nível mental, já que a população se viu obrigada a ficar em casa e a alterar os seus hábitos diários. Nesse sentido, a análise das vendas mostrou que a compra de antidepressivos aumentou durante a pandemia comparativamente com períodos anteriores. Um estudo realizado pela Mind - Instituto de Psicologia Clínica e Forense, que contou com a colaboração do Centro de Investigação em Psicologia da Universidade Autónoma de Lisboa e do Departamento de Educação e Psicologia da Universidade de Aveiro concluiu que, numa fase inicial da pandemia, quase metade dos portugueses (49,2%) sentiu um impacto psicológico "moderado a severo", experimentando depressão, ansiedade e stress. Naturalmente, os mais afetados são os que pertencem a grupos de risco ou mais debilitados. As reações das pessoas diferem, mas evidenciam o impacto que esta situação tem na sua vida quotidiana e mental: o receio de infeção faz com que se estejam continuamente a desinfetar a si e aos objetos à sua volta com medo de ficarem doentes, com que se afastem dos outros mais do que o previsto, que prejudiquem o trabalho, evitando deslocar-se a esse local ou tocar nos objetos que lá estão. A pandemia condiciona-os todos os dias, o que levou o psiquiatra Vítor Cotovio a dizer que a sociedade está a viver atualmente "uma angústia existencial pandémica", o que agrava também a situação daqueles que já sofriam de qualquer transtorno: "Uma vez que a pandemia traz a ideia de contaminação, uma pessoa que tenha uma perturbação obsessiva compulsiva pode sofrer um aumento dos sintomas. E o mesmo acontece com alguém que tinha a doença controlada há anos."

#pandemia #fique em casa#proteja-se #vacina #Covid-19

Um anúncio que mudou tudo



Com a utilização de [illegible] nidade de plataformas tecnológicas. Deste modo, esta aproximou-se mais da sociedade do século XXI, na qual a componente digital desempenha um papel fundamental, preparando melhor os alunos para a sua integração plena nesse mundo.

Carolina Teixeira - 10ºA

No dia doze de março, após um conselho de ministros, o primeiro-ministro português, António Costa, anunciou o fecho das escolas a partir da segunda-feira seguinte, dia dezasseis, por um período de duas semanas, ou seja, até à pausa letiva da Páscoa.

Com efeito, este momento provocou um misto de emoções, mas também uma corrida às plataformas digitais para a continuação das atividades letivas, no intuito de os alunos continuarem a aprender os conteúdos. Um novo comunicado, do Conselho de Ministros do dia nove de abril, transmitiu que se manteriam suspensas as atividades letivas presenciais nas escolas, bem como o facto de o ensino básico e o décimo ano de escolaridade permanecerem até ao final do ano letivo no modelo de ensino não presencial. Ao contrário destes anos de ensino, os décimos primeiro e segundo anos iriam regressar às escolas, o que ocorreu no dia dezoito de maio.

Portanto, os professores multiplicaram-se na exploração de plataformas digitais, tanto para videoconferências como para realização de tarefas, ou seja, aulas síncronas e assíncronas. Durante o confinamento, tanto os docentes como os discentes conheceram um vasto universo tecnológico, nomeadamente Zoom, várias ferramentas Google (Classroom, Forms) e Microsoft (Teams, Forms), Socrative e Nearpod, algumas já eram utilizadas no contexto de sala de aula, no entanto, houve uma maior utilização das mesmas. De facto, inclusive algumas empresas lançaram novas plataformas e/ou melhoraram as já existentes.

Além disto, algumas destas funcionalidades continuam a ser complemento ao ensino presencial. Um grande número de professores continua a utilizar as plataformas digitais, tanto para a disponibilização de materiais, como para a realização de tarefas, com especial destaque para a plataforma Microsoft Teams.

Eu penso que esta nova realidade mudará as escolas digital e tecnologicamente, haverá melhores ferramentas tecnológicas e o governo português, através do Plano de Transição Digital, pretende intervir nas escolas dotando todos os alunos e professores com equipamentos e competências tecnológicas, estado já em curso a disponibilização dos computadores e periféricos necessários e a formação dos formadores que contribuirão para a operacionalização deste programa, que contempla, ainda, ações de formação de professores, que terão início provável em janeiro do próximo ano.

Em virtude desta pandemia, preveem-se novos cenários para a aprendizagem, destacando-se a responsabilidade digital, o pensamento computacional e o trabalho colaborativo, a nível da educação.

Por último, a crescente utilização das novas tecnologias fez com que alguns elementos da comunidade escolar, não só docentes como também discentes, que não estavam familiarizados com a informática ou que não demonstravam interesse, tivessem de utilizar o meio digital, aprendendo a usá-lo da forma mais correta e eficaz possível e criando em todos a necessidade de adquirir mais competências nesta área. Alguns continuam a usufruir das plataformas digitais com diversos fins, destacando-se a comunicação.

Concluindo, com o confinamento, a escola tornou-se mais digital, o que teve consequências imediatas, mas também no novo ano letivo

Morrer na praia

Ninguém gosta de morrer na praia. É como se tivéssemos conquistado tudo e, de repente, deitássemos esse tudo a perder.

Ana Ferreira

Por outro lado, cumprir regras também não é a nossa praia, embora desta vez tenhamos alcançado uma proeza qual surfista que enfrenta uma onda gélida e gigante. Nas ruas não se vê uma criatura sem máscara, nenhum português fintou a proibição de circular entre concelhos, não houve nenhuma festa ilegal com dezenas e dezenas de convivas, em suma, os portugueses estiveram à altura das exigências solicitadas. Cada um cumpriu o seu papel e se era para o bem de todos, o sacrifício valia a pena…

Curiosamente, assistimos a uma situação deveras caricata. Quando a maioria dos países da Europa ganhavam já uma certa folga e viviam um desconfinamento embora parcial, Portugal apresentava-se como o pior país, tanto em número de infetados diariamente como no número de óbitos e doentes nos cuidados intensivos.

Subitamente, e sem que se desse muito por isso, a curva inverteu-se. Mandaram-se encerrar as escolas, as lojas, os restaurantes, os cafés, os cabeleireiros e os barbeiros. Só não mandaram encerrar as ruas porque ir de Drone para o emprego implicava uma licença de condução. E resultou. Quando boa parte dos países europeus voltou a confinar com restrições apertadas na vida dos cidadãos devido à segunda, terceira ou quarta vaga, não sei bem, as variantes impiedosas e cruéis fizeram subir os números meteoricamente.

Portugal, agora sim, eleito o melhor país, com um número reduzido de casos, com uma testagem massiva mas com uma vacinação atropelada, pouco convincente e com uma percentagem pouco representativa.

Conseguimos! Mas há sempre um mas e mais vale prevenir do que remediar. Cautela e prevenção são agora as palavras de ordem. Nada é dado como adquirido. Nada é definitivo. As palavras do Primeiro Ministro foram certeiras e inequívocas. "Se for necessário recuar, nós recuamos". E agora estamos todos aflitos com medo de bater no carro de trás ou de darmos sem querer um encontrão a alguém que não tenha ainda pelo menos a primeira toma da vacina. Enfim, à espera que a espuma dos dias nos traga a certeza do que quer que seja e que esta certeza seja eterna enquanto dure.

O milagre português

Ana Ferreira

De certo modo, estou contente. Já não precisei de ir a Fátima. Feitas as contas estiveram lá cerca de 3000 peregrinos, todos à espera de um milagre: o milagre da transformação das rosas em pão porque este é o alimento da alma, o milagre de D. Fuas Roupinho, uma vez que andamos todos à procura de uma capa, seguindo o provérbio "quem tem capa sempre escapa" e, ainda, o milagre da multiplicação dos peixes que talvez dê para uma dourada e dois carapaus, bem pesadinhos... No momento da decisão pesou o facto de uma qualquer cidade por mais cosmopolita que seja até à

aldeia mais recôndita erguida no cume ou no pico de uma montanha, poderiam cumprir o desígnio. Por falar em pico, e no que concerne à pandemia, agradeci as palavras alpinistas da diretora da DGS que refere não saber o tamanho da montanha nem o seu pico pois não tem tido tempo para se deslocar até lá a medi-la nem tem na sua posse os apetrechos necessários para a escalar . Sabe também ela que esta é uma maratona sem fim, com muitas ondas e curvas. Esta imagem lembra uma voltinha na montanha russa na feira popular agora fechada a todas as nacionalidades.

Pois bem, fomos apelidados de "milagre português" talvez pelo nosso sistema de saúde não ter colapsado perante tanta incompetência das autoridades. Agora é que sim, não colapsa mesmo. Estamos melhor preparados, avisados, dotados e aviados a engrossar o número de infeções, de camas não disponíveis, de ventiladores e a empurrar novamente os doutores para o mundo da pandemia. Mamma Mia! Os nossos parceiros, Espanha e Itália foram os primeiros a dar-nos os parabéns pois são os que se encontram mais perto de nós e em correio azul é um tirinho...

Segundo o nosso Presidente da República o "Milagre Português" é fruto do sacrifício dos portugueses, da forma como Portugal está a lidar com a pandemia.E adianta "se isto é um milagre, o milagre chama-se Portugal". Agora sim, acredito. Para quê tanto cumprimento de regras, tantas restrições, tantos confinamentos, máscaras e desinfeções? Para nada. O milagre dar-se-ia na mesma. Milagre é milagre! Mas atenção. Apesar de estarmos a ganhar 2-1, a segunda fase de combate é a mais difícil tendo em conta que uns quantos já foram ao tapete.

Agora a preocupação reside nos lares de idosos que ainda precisam de mais tempo para estabilizar. Talvez deitadinhos numa cama sem mexerem um único dedo pois esse levado ao nariz pode ser fatal. O mais difícil é também o número diário de internamentos que são divulgados e pouco fiáveis devido ao elevado número de máscaras que adulteram e baralham todo o processo. Por fim, a reabertura da sociedade e da economia. Neste campo e, como falamos de um milagre, assistiremos a uma forte explosão social com origem nos Himalaias, vincada na restauração e outros setores relevantes da sociedade, que podem continuar a espreitar pelo buraco da fechadura à espera de melhores dias. O melhor ainda está para vir! E para ver! O nosso Presidente da República deixou e dirigiu mensagens de ânimo, força e coragem a todo este "Portugal Milagreiro". Assim. Aos velhos, com doenças mais graves, desejou-lhes não terem receio pois ninguém os quer encerrar num gueto. Mas então alguém pensou o contrário? O aviso, digamos, conselho, de permanecerem em casa é apenas um exercício de retórica. Nada mais. E termina. Aos mais novos admiro a capacidade de reagir ao maior choque das suas vidas. É verdade. Eles já não sabem por onde andam, com quem andam e a fazer o quê.

Contudo, vão para a escola com o mesmo intuito de sempre, aprender, renovarem-se e descobrirem-se. Este é que é o verdadeiro "Milagre Português".

Papá, mamã, quando me vindes buscar?

Ana Ferreira

E eles vêm, tarde, mas vêm. Porém, apresentam-se logo pela manhãzinha. Quase de madrugada, diria eu. Ainda por cima dizem sem o mínimo pudor que não têm tempo para os filhos. É que entretanto já ficaram em ameno cavaqueira com a colega de trabalho a dar conta das últimas do dia, já foram em peregrinação a uma grande superfície, ao cabeleireiro, a pôr gelinho nas unhas e por aí adiante. Foi então que se lembraram que tinham um filho que havia ter sido transferido para um auditório a olhar para uma parede que emite desenhos animados guardados por professores, esses, muito pouco animados pela tarefa que lhes coube em sorte. Eu estive lá. Ontem. Olhei para aquelas carinhas que não vi e senti o peso da fatura que estas crianças pagam. Não brincam, não correm, em suma, não se mexem. Estão imóveis a olhar não para os desenhos animados que teimam em mostrar-se no plasma, mas sim para o infinito, para uma linha bem distante que os seus olhos já não alcançam.

Chama-se a isto "prolongamento de horário", tal como no futebol mas para mais. Mais umas horinhas para cada lado. Muito bom!

Quando é que estas crianças chegam a casa? E, já agora, terão mais uma sessão de desenhos animados à sua espera? E será que é à escola que lhe compete cumprir este prolongamento? Estas são apenas algumas questões cujas razões não conheço. Nem reconheço. O que eu vi ontem bastou-me para me inundar de tristeza. Estes pequenos "heróis" aguardam sem perguntas, sem porquês, que os venham tirar daquele filme, enfim, daquele desalento.

De manhã à noite, estas crianças, passam literalmente o dia na escola que se tornou, num ápice, a sua casa gratificados por terem um teto. Por terem professores que os acompanham nesta odisseia. De sol a sol como nas vindimas ou na colheita da fruta.

O hoje já está meio cumprido mas o amanhã repetir-se à com a cadência e o ritmo próprio de uma voz que se anuncia "Pedro, está ali a tua mãe!"

Cultura reinventa-se, mas não rima com pandemia

Iolanda Veiga- 12ºA

Com a chegada da pandemia de COVID-19 houve a necessidade de diversas mudanças. O mundo teve de se reinventar e encontrar soluções inovadoras das mais variadas formas, nomeadamente ao nível da cultura.

Nesse sentido, como resposta ao isolamento social, os artistas e produtores culturais souberam tirar partido da tecnologia para criar pontes, passando a apostar em espetáculos, bem como visitas a museus virtuais, que ganharam destaque.

Por conseguinte, este surto não impediu a comemoração do Dia Mundial do Teatro no dia 27 de março, destacando-se as iniciativas dos teatros D. Maria II, com a representação teatral de "A Origem da Espécies", "Sopro" e "Frei Luís de Sousa", São João, com uma visita guiada digital pelo monumento nacional e a exposição da peça "Castro", do Teatro Experimental de Cascais, com a exibição de "Auto da Índia", entre outros.

Esta programação especial estendeu-se e levou ao surgimento de diversas iniciativas como "D. Maria II em Casa", organizado pelo Teatro Nacional D. Maria II, um serviço que pretendia levar o teatro ao domicílio enquanto as salas se encontrassem fechadas, estreando todas as sextas e sábados um novo espetáculo. Além disso, este teatro apelou aos espetadores que se juntassem ao movimento, publicando nas redes sociais conteúdos relacionados com esta arte com as "hashtags" #dmariaiiemcasa, #teatroemcasa ou #ficoemcasa para estimular o consumo da arte durante a quarentena. Os melhores vídeos foram partilhados pelo TNDMII nas suas plataformas, e compensados com entradas gratuitas para futuros espetáculos.

Paralelamente, a Câmara Municipal da Amadora criou a iniciativa "Teatro ao Telefone" a qual pretendia chegar às camadas da população que não tinham acesso às atividades virtuais, nomeadamente aos idosos que vivem sozinhos.

Além disso, diversos museus realizaram visitas online, como o Museu Calouste Gulbenkian, o Museu Nacional dos Coches, o Museu Nacional do Azulejo, o Panteão Nacional, Museu do Dinheiro, entre outros.

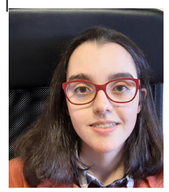
Também os concertos foram realizados online através de diretos pelas redes sociais. Assim, foi criada a iniciativa "Festival Eu Fico em Casa" que une artistas portugueses, editoras (discográficas) e agências, num movimento cultural inédito no nosso país e que foi apoiado pelos meios de comunicação. As peças musicais foram transmitidas entre os dias 17 e 22 de março segundo horário estabelecido em cartaz através do Instagram de cada um dos artistas que se associaram ao projeto.

No entanto, esta situação também trouxe impactos negativos para a cultura, na medida em que os espetáculos realizados não foram pagos, o que dificultou a sobrevivência dos artistas e dos colaboradores do teatro.

Concluindo, os meios de comunicação revelaram ter uma grande importância na vida atual, pois possibilitaram a realização de inúmeras atividades virtuais na pandemia, o que demonstrou a existência de um mundo que até então era pouco explorado pela sociedade.

Ascensão do digital

Carolina Teixeira - 10ºA



Atualmente, têm-se verificado uma rápida ascensão do digital, em virtude das consequências da pandemia da COVID-19 que estamos a atravessar. Deste modo, as novas tecnologias auxiliaram no dia a dia, permitindo uma melhor adaptação às novas condições.

Com efeito, ao longo do ano 2020, várias empresas do mundo tecnológico aumentaram os seus lucros e a fortuna dos seus proprietários cresceu significativamente. Por exemplo, o património de Jeff Bezos, CEO da Amazon, foi avaliado, no final de 2020, em 188 mil milhões de dólares, mais 73 mil milhões comparativamente ao ano transato. Este acontecimento pode ser explicado pelo aumento de compras online, já que grande quantidade das lojas físicas permaneceu fechada durante um longo período.

Além disso, no âmbito do setor da saúde, a utilização de teleconsultas e de assistentes virtuais, com a utilização da inteligência artificial, assistiu a um crescimento exponencial devido ao cancelamento de vários cuidados de saúde não urgentes, em virtude da pandemia, e a apreensão das pessoas que as fazia evitar recorrer aos estabelecimentos de saúde. Salienta-se a história da iLof, com um centro de biotecnologia no Porto e sede em Oxford, no Reino Unido, que começou no combate à doença de Alzheimer, meio em segredo, no início de 2019, no entanto, após dois anos, o uso da tecnologia foi alargado, encontrando uma forma de a utilizar também no combate à Covid-19.

Por último, com as restrições aplicadas pelos governos, os horários de funcionamento dos estabelecimentos da restauração foram alterados, limitando as refeições aos sistemas de take-away e entregas ao domicílio, o que levou à criação de novas plataformas para este fim e ao reforço das equipas que já o realizavam.

Concluindo, com a pandemia da Covid-19, houve uma clara e exponencial ascensão do digital na totalidade dos setores, entre os quais destaquei três, influenciando a vida humana a curto e longo prazo.

As pontes que as redes constroem

Daniela Hanganu - 12ºC

A pandemia trouxe várias alterações na forma como as pessoas constroem as suas relações interpessoais, sendo uma delas o aumento do uso das redes sociais como forma de comunicação.

As redes sociais foram cruciais durante o período de distanciamento, apresentando-se como uma das poucas formas seguras de ter contacto com outras pessoas. Foi assim que se fez o contacto com os familiares, e foi assim que ocorreu a maioria da partilha das experiências durante esta altura. Noutras situações, as redes sociais foram mesmo o único meio para falar com algumas pessoas. Tendo em conta que os idosos são a população de maior risco, os lares tiveram de ter cuidados redobrados, pelo que as visitas pessoais se tornaram impossíveis. Assim, a única forma de ter novidades dos residentes deste tipo de instituições, foi através deste tipo de comunicação.

Por outro lado ainda, a comunicação social mostrou-se ainda relevante no que toca à partilha de informação, que estava em constante atualização, sobre situação do país, a propagação do vírus e das medidas que estavam a ser implementadas.

Este incremento não ocorreu só a nível pessoal, mas também as organizações, os grupos de pessoas ou indivíduos recorreram às redes sociais para espalhar notícias ou apelar ao apoio de certas causas.

Um dos grandes exemplos, que teve mais impacto durante a época de confinamento, foi o movimento "Black Lives Matter" (BLM). Este movimento teve o objetivo de chamar a atenção para as diferenças que existem entre as pessoas privilegiadas (maioritariamente caucasianas) e aqueles cujos direitos não são respeitados. A necessidade deste movimento revolucionário surgiu quando se observaram várias situações de injustiça com as pessoas de cor, incluindo a violência policial, dando principal destaque à morte do George Floyd. Esta situação chamou a atenção de milhares de pessoas à volta do mundo, tal como celebridades que se juntaram ao movimento, apoiando-o mesmo com meios monetários e ajudando a fomentar a causa. O movimento levou a uma série de protestos, alguns até violentos, que levaram ao descrédito da causa. No entanto, as redes sociais também foram cruciais para o apoio desse movimento. A "blackout Tuesday", foi uma forma de protesto, contra as injustiças cometidas contra as pessoas negras, ficou para a história como uma das maiores revoluções nos "media". Aderiram milhares de pessoas e as redes sociais não seguiram o seu rumo normal.

Desde então, seguindo o exemplo do BLM, várias causas têm sido divulgadas nas redes sociais, maioritariamente causas humanitárias. Entre estas encontram-se: a divulgação dos campos de concentração de muçulmanos (Uyghurs) na China; a ditadura militar que foi implantada na Tailândia há 6 anos; a legislação que o governo da Indonésia tem vindo a publicar que desrespeita os direitos humanos, e mesmo a falta de legislação que o país tem no que diz respeito aos abusos sexuais, que não podem ser punidos, porque tecnicamente não são ilegais.

Assim, as redes sociais não têm sido utilizadas para divulgar apenas as informações, mas também para orientar as pessoas para aquilo que se pode fazer, divulgando petições e partilhando os factos, de forma a que estes possam chegar ao máximo de pessoas possíveis, e as autoridades competentes não os possam ignorar.

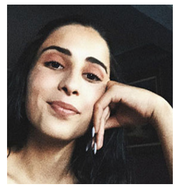
Concluindo, reforço que as redes sociais foram palco de muita da comunicação diferente que teve de ocorrer durante o confinamento, mas aparentemente, algumas dessas alterações vieram para ficar.

Petições:

https://www.freedomunited.org/advocate/free-uyghurs/ (Acabar com os campos de concentração de muçulmanos)

O ambiente em tempos de pandemia

Soraia Silva - 12ºC



Não é novidade que esta nova realidade veio alterar inúmeros aspetos da sociedade, desde a economia aos nossos hábitos, e o ambiente não ficou de fora deste panorama.

Com os cuidados que precisamos de tomar, com uso de máscaras, luvas e material de proteção de uso único, o recurso ao plástico aumentou de forma exponencial, e, desta forma, este vírus tornou-se um desafio para a Sustentabilidade Ambiental.

Segundo Ana Luísa Silva e Joana Prata, investigadoras do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar, são necessárias mensalmente 129 mil milhões de máscaras e 65 mil milhões de luvas. Tudo isto acaba no lixo indiferenciado, sem margem para reutilização.

Desde o início da pandemia os resíduos residenciais aumentaram significativamente, o que é compreensível, uma vez que passamos mais tempo em casa e, consequentemente, produzimos mais lixo residencial. Já o aumento dos resíduos hospitalares deveu-se, naturalmente, à necessidade de utilização de material de proteção pelos agentes de saúde. Tudo isto veio provocar efeitos negativos no ambiente.

No entanto, nem tudo são más notícias. Segundo a Sociedade Ponto Verde, durante o isolamento social, os portugueses reciclaram 5% mais do que durante o mesmo período do ano passado: a reciclagem de papel e cartão aumentou 7%, a de vidro 4% e a de plástico 3%.

Para além disso, quando falamos da poluição do ar verificou-se uma redução das emissões de gases poluentes durante o período de confinamento, na China, por exemplo, reduziram 25% com a redução da produção industrial, e também na Península Ibérica se registou uma queda abrupta de gases poluentes. Quanto à poluição das águas, temos o exemplo de Veneza, que teve uma redução extrema de poluição nos canais, que regressaram às águas límpidas.

Porém, no que diz respeito à sustentabilidade ambiental, tudo indica que estes aspetos sejam uma "bonança" antes da "tempestade" que está para vir, fazendo parecer que o vírus terá mais aspetos negativos que positivos para o ambiente.

Mas porquê? Pois bem, como já é muito comum, a sustentabilidade ambiental não é um tema "prioritário" para os governos, sendo que com as crises económicas que o corona vírus tem vindo a provocar, os governos terão que reorganizar prioridades, sendo elas, o relançamento da economia, o equilíbrio da balança comercial, a diminuição do défice orçamental e por isso políticas ambientais serão deixadas para último plano, adiando o combate às alterações climáticas.

Para além disso, como comprova a análise feita pelo "The Washington Post", a seguir a uma redução de emissões poluentes causada por crises económicas, segue-se a recuperação económica que origina aumentos acentuados de emissão de gases poluentes, como aconteceu depois da gripe espanhola (1918), da crise de petróleo da década de 70 e muitas outras crises mundiais, fazendo com que a redução que se verificou durante a Pandemia não seja uma mudança muito significativa, e muito menos uma mudança permanente.

Desta forma, não é com a redução da poluição que se resolve o problema da sustentabilidade ambiental, sendo por isso necessário fazer a recuperação económica de forma sustentável, e ter em atenção que as pessoas não se podem deixar "dormir à sombra da bananeira" agora que se verificaram melhorias ambientais.

Há ainda um longo caminho a percorrer para um mundo mais sustentável e cada um de nós desempenha um papel fundamental para que isso seja possível, pois pequenas ações podem, de facto, mudar o mundo.

Fontes:

https://observador.pt/especiais/nao-a-pandemia-nao-e-boa-para-o-ambiente-mas-pode-deixar-pistas-para-um-futuro-sustentavel/

https://www.tsf.pt/portugal/sociedade/pandemia-trouxe-aumento-da-reciclagem-a-portugal-12520032.html

https://www.jn.pt/nacional/pandemia-gerou-aumento-exponencial-de-lixo-12777502.html

Dia Mundial da Higiene das Mãos: a história e a ciência de um gesto banal

Beatriz Sobral, Daniel Crisóstomo, Juliana, Lucas Batista - 11ºA

No âmbito do Dia Mundial de Higiene das Mãos, é de proveito abordar a descoberta da importância dessa medida, quem a fez, bem como a relevância que apresenta para a sociedade do século XXI. Além disso, recomendar-se-ão algumas práticas de higiene diária, de especial importância no atual contexto de pandemia mundial. Finalmente, apresentar-se-á o preço de venda de uma solução antisséptica em frasco de 250 cm3.

Quem descobriu a importância de lavar as mãos?

O responsável pela descoberta da importância da higiene das mãos foi o médico húngaro Ignaz Semmelweis. Na Primeira Clínica Obstétrica, na maternidade do Hospital de Viena, onde trabalhava, a mortalidade das mulheres que davam à luz era muito elevada: em média, uma em cada seis puérperas falecia. Por isso, procedeu à investigação da origem da febre puerperal. Depois de um colega se ter lesionado com um bisturi de uma autópsia, acabando por falecer, Ignaz percebeu as semelhanças dos sintomas do colega com os das vítimas de febre puerperal e que a causa da morte do colega não tinha sido a ferida, mas, sim, a contaminação devido ao contacto com material de cadáver. Assim, entendeu que, relativamente às parturientes, a causa de morte deveria ser a mesma. Autopsiando o colega, confirmou o que presumira e percebeu que a causa da doença poderia ser a circulação de médicos com material de cadáveres pelo hospital. O médico húngaro formulou a solução: higienizar as mãos. Agindo de acordo com a sua descoberta, implementou no hospital um procedimento de lavagem das mãos com uma solução aquosa de cloreto de cálcio, à entrada, e com água e sabão, no interior. A mortalidade das puérperas passou de entre 12 e 18% a 1 e 2,5%.

Feito antes dos trabalhos de Koch e Pasteur

A descoberta de Ignaz Semmelweis é tida como tão essencial e é-lhe dado tanto mérito devido a ter sido realizada anteriormente aos trabalhos de Pasteur e Koch. Ambos foram fundamentais para o estabelecimento e aceitação da teoria da microbiologia da doença, identificaram a causa microbiana de várias doenças. Mas, note-se que, apesar de estas descobertas ainda não terem tido lugar, Semmelweis descobriu uma peça fundamental para a prevenção dessas doenças, mesmo não sabendo o que estava na sua origem.

Relação com a atualidade

Esta descoberta contribuiu de uma maneira muito relevante para a atualidade. Ou seja, o conhecimento de que lavar as mãos é a maneira mais simples e económica de prevenir infeções permitiu o maior uso da técnica no nosso dia-a-dia e, consequentemente, a redução de muitas infeções. Esta redução pode-se explicar devido ao facto de que as nossas mãos contactam constantemente com diferentes superfícies, que são portadoras de microrganismos que podem afetar negativamente o nosso organismo, como foi já referido anteriormente. Assim, lavar as mãos regularmente reduz o risco de contaminação entre pessoas e superfícies.

Concluindo, esta descoberta possibilitou um maior cuidado ao nível da higiene de cada um, alertando toda a atualidade de que a mais básica forma de prevenir ou reduzir o risco de infeções é lavar as mãos.

Procedimentos a implementar para combater a presente pandemia

Atualmente, encontramo-nos perante uma situação de extra cuidado pessoal, já que enfrentamos um indivíduo que pouco sabemos sobre ele. Este é vulgarmente conhecido como "Covid-19" ou ainda "Coronavírus", sendo o seu nome científico SARS-CoV-2. Este vírus teve origem em dezembro de 2019, na cidade de Wuhan, na China, espalhando-se por todo o mundo devido à fácil transmissão que apresenta: pode transmitir-se por contacto próximo com pessoas infetadas, sendo assim uma transmissão direta, ou através do contacto com superfícies contaminadas, denominada transmissão indireta. Deste modo, este vírus já se encontra em todos os continentes do planeta, sendo essencial encontrar uma maneira de o combater. Contudo, este é algo novo para os cientistas e, assim, ainda não existe uma vacina eficaz contra este vírus.

Por conseguinte, e como este se alastra pelo contacto, temos que aumentar as medidas de proteção individual, tendo como principal objetivo a não contaminação ou redução do número de contaminações por SARS-CoV-2. Estas medidas baseiam-se em ações preventivas que devem ser aplicadas diariamente.

Assim, com vista à higiene pessoal de cada um devemos implementar algumas medidas:

- A regular higienização das mãos, sendo esta a mais salientada. Esta deve ser feita com água e sabão ou com álcool, seguindo alguns passos como os referidos na imagem 1. Esta, como foi referido ao longo do trabalho, reduz visivelmente as recorrentes infeções, não sendo as infeções por "Covid-19" diferentes;
- A etiqueta respiratória. Esta consiste nos cuidados a ter quando se tosse e/ou espirra, sendo aconselhável tapar o nariz e a boca com um lenço ou com o antebraço (imagem 2);
- A utilização de equipamento de proteção individual, como máscaras faciais ou viseiras e luvas, deitadas fora após a utilização (Imagem 3);
- O distanciamento social, mantendo a distância de um metro com os outros;
- Evitar levar as mãos à cara, especialmente boca, nariz e olhos;
- Evitar a partilha de objetos, como garrafas de água.

Em suma, para fazer frente a este novo vírus devemos ter em atenção os nossos comportamentos de higiene pessoal, uma vez que, ainda não possuímos uma cura para as infeções de SARS-CoV-2, que originaram já uma pandemia. Conclui-se, portanto, que o mais importante a fazer é implementar medidas de higiene diária, tais como as referidas anteriormente.

Componentes de uma solução antissética de base alcoólica

Reagentes/Quantidade

Álcool- 96% - 4.04 euros 1L

Peróxido de hidrogénio- 3% - 9.06 euros 1L

Glicerol- 98% - 0.50 euros 1L

Água fria destilada ou fervida estéril 6.88 euros 1L

Nota:

•Glicerol- utilizado como humectante, pois diminui a toxicidade e não promove alergia.

•Peróxido de hidrogénio- usado para desativar esporos bacterianos contaminantes na solução, não é uma substância para antissepsia da mão.

•Qualquer outro reagente utilizado deve ser rotulado e não ser tóxico em caso de ingestão acidental.

Processo de fabrico para 250 mL

1)Colocar, dentro de um recipiente 20.8 ml de Álcool-96%, 12.5 ml de peróxido de hidrogénio, 4.16 ml de Glicerol- 98% e 25 ml de água fria destilada ou fervida estéril.

2)Misturar bem.

3)Colocar a mistura dentro de frascos dispensadores.

Preço da solução final em frascos de 250 cm3

Reagentes Preços Quantidade

Álcool- 96% - 0.05 euros 208 mL - 208 cm3

Peróxido de hidrogénio- 3% - 0.04 euros - 12.5 mL - 12.5 cm3

Glicerol- 98% - 0.01 euros - 25 mL – 25 cm3

Água fria destilada ou fervida estéril 1.43 euros

Preço da solução final: 1.43 + 0.05 + 0.04 + 0.01 = 1.53 euros

Preço de venda da solução final em frascos de 250 cm3

A venda deste produto seria feita a 2.49 euros para ser possível obter lucro com a venda do produto, sendo o IVA 6% por cada frasco de 250 cm3. Assim a taxa de lucro será 53%

Fontes

- https://www.atlasdasaude.pt/artigos/sera-que-sabe-lavar-corretamente-maos
- https://covid19.min-saude.pt/
- https://www.jb.pt/2020/03/teremos-de-ir-avaliando-e-adotando-medidas-que-nos-permitam-combater-a-epidemia-em-portugal/
- https://www.dgs.pt/documentos-e-publicacoes/plano-nacional-de-preparacao-e-resposta-para-a-doenca-por-novo-coronavirus-covid-19-pdf.aspx
- https://sol.sapo.pt/artigo/695397/dia-mundial-da-higiene-das-maos-a-historia-do-medico-que-descobriu-uma-das-mais-importantes-medidas-de-saude-p-blica-
https://pt.qwe.wiki/wiki/Koch%E2%80%93Pasteur_rivalry
https://pt.wikipedia.org/wiki/Louis_Pasteur

Olimpíadas de Língua e Literatura

Alunos do 3º ciclo e secundário testam conhecimentos

Francisco Madureira, Paulo Rodrigues e Iolanda Veiga, da turma A do 12.º ano, e João Martins e Nuno Ferreira, do 7ºC, foram os vencedores da edição das Olímpiadas nos escalões correspondentes, respetivamente, ao terceiro ciclo e secundário, que decorreu no dia 16 de junho na Biblioteca da escola sede do Agrupamento de Escolas Abade de Baçal.

Depois do interregno forçado pela pandemia no ano letivo anterior, o Departamento de Português do Agrupamento de Escolas Abade de Baçal retomou a realização das Olimpíadas de Língua Portuguesa e Literatura, registando-se uma adesão inferior à de anos letivos anteriores.

Os alunos presentes empenharam-se na realização da prova constituída por 35 questões de escolha múltipla que tinha como tempo limite 35 minutos. Para a realização da prova, que se encontrava alojada numa aplicação eletrónica, os discentes, organizados em pares ou grupos de três, usaram os seus equipamentos e tinham autorização para efetuar as pesquisas necessárias à concretização da mesma.

Apesar de estar prevista a realização de uma segunda prova para apurar vencedores em situação de empate, a mesma não foi aplicada, já que o primeiro lugar foi apurado após a realização da primeira etapa.

A equipa do secundário que obteve o primeiro lugar conseguiu 84% das respostas corretas, enquanto a do terceiro ciclo apresentou um resultado de 80%.

A observação do desempenho dos alunos permitiu analisar o modo como se empenharam na realização do teste, como discutiam as questões gramaticais, mobilizando os conhecimentos adquiridos e confrontando-os com os colegas da equipa. Permitiu também concluir que eram as questões de Literatura que os levavam a efetuar pesquisas na internet e que estas eram responsáveis por algum atraso na resolução.

As docentes responsáveis pela organização do evento, Esmeralda Gonçalves, Luísa Diz Lopes e Paula Romão, mostraram-se agradadas com o decurso e resultado da iniciativa e assumiram o compromisso de manter este evento no Plano de Atividades do Departamento, por considerarem que "é uma iniciativa que se inscreve diretamente nos conteúdos da disciplina, promove a cooperação entre os alunos, desenvolve as suas técnicas de pesquisa e exemplifica um dos muitos usos didáticos que os dispositivos móveis podem ter".

Alguns dos alunos presentes neste evento inscreveram-se também nas Olimpíadas que decorreram no mês anterior a nível nacional, uma organização conjunto da Direção-Geral da Educação (DGE), do Agrupamento de Escolas Aurélia de Sousa, do Plano Nacional de Leitura, da Direção-Geral da Administração Escolar, a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e da Escola Secundária de Camões, e apesar de não terem sido selecionados para a fase seguinte, o que exigiria uma classificação mínima de 18 valores, consideraram que o tempo dispendido neste concursos é sempre enriquecedor, pelos diferentes desafios que colocam.

Estará a Química entre nós?

Carolina Teixeira - 10ºA

No dia 25 de maio, decorreram as semifinais das Olimpíadas de Química da categoria Mais, na qual, por diversos anos consecutivos, a Escola Secundária Abade de Baçal participou. As Olimpíadas da Química+ dirigem-se a alunos do 10º e 11.º anos e com este concurso a Sociedade Portuguesa de Química tem como objetivo fomentar o gosto por esta ciência e apurar os alunos que representarão Portugal em competições internacionais.

Assim, pelas dezasseis horas e trinta minutos, no Laboratório de Física, deu-se início à participação pela equipa composta por três discentes, Carolina Teixeira do 10.ºA, Ana Fernandes Vicente e Mariana Meirinhos Torrão, ambas do 11.ºA, sob a presença dos docentes Maria Teresa Teixeira Pereira e Manuel Diogo Rodrigues Cepeda Cordeiro. A prova era constituída por diversas questões de escolha múltipla em formato digital, as quais foram acedidas mediante um link disponibilizado pela organização da prova, neste caso, a Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Bragança (ESTiG) pertencente ao Instituto Politécnico de Bragança (IPB).

Por último, a avaliação feita pelas participantes foi muito profícua, considerando que este desafio fomenta a troca de ideias e o trabalho em equipa. Do mesmo modo, após o conhecimento dos resultados, verificou-se que esta equipa se classificou para a fase final, ainda sem data prevista, ao ter ficado em primeiro lugar, o que motivou um sentimento de regozijo por todos os envolvidos.

Carolina Teixeira, Mariana Torrão, Ana Vicente

O "BIG BROTHER" e as suas relações de pitoresco

Ana Ferreira

Sinto-me cada vez mais recompensada no meu saber. Abençoados programas que tanto nos ensinam, que promovem a nossa cultura. e nos acrescentam em valores e cívicos comportamentos. Vamos por partes. Há um grupo de pessoas com características muito especiais, eu diria mesmo, muito espaciais, que se reúne numa casa onde supostamente "jogam" rumo ao prémio final. Todas as semanas, religiosamente, a Endemol, deposita uns generosos euros no IBAN dos participantes escolhidinhos a dedo e dignos de uma prestação imaculada. O império TVI subsiste e sobrevive graças a este programa, girando quase a totalidade da programação à sua volta, com um alinhamento repetitivo e desgastado mas, inesperadamente, com uma fórmula que ainda convence. Deste modo, os acionistas cantam vitória e aquela senhora nascida e criada na Malveira e os seus respetivos amigos, permitem-se viajar de iate em iate à procura de destinos paradisíacos.

Dizia eu, vamos por partes. Efetivamente, sinto-me recompensada no meu saber. Só a título de exemplo, já aprendi que D. Sancho II foi diagnosticado rei de Portugal em 1232 e que um filósofo é um homem que estuda as estrelas. Mas há mais, muito mais… Estas criaturas que proferem sem qualquer pudor estas afirmações têm uma legião de fãs nas redes sociais que os seguem cegamente, estes sim, devidamente diagnosticados, alimentando e difundindo esta incompetência gritante e esta ignorância atroz.

Não posso deixar de partilhar uma situação que me aconteceu há cinco, seis anos, quando os concorrentes dos reality shows faziam presenças em bares e discotecas. Bastava apenas mostrarem a sua carinha laroca ou não para arrecadarem um punhado de euros sorrateiramente. Pois então. Na primeira aula de Português da manhã reparei numa aluna completamente ensonada e tapando a boca de segundo em segundo. Quando a confrontei com aquela postura, ela depressa me confessou ter estado acordada até às quatro da manhã à espera de um autógrafo de um desses participantes desse concurso. Não, não é surreal. É bem real. Imbuída de toda a ironia de que fui capaz retorqui que, sendo eu sua professora de Português, e estando todos os dias disponível à sua frente, nunca me pedira um autógrafo. A resposta veio certeira e cito-a para que não restem dúvidas: "Porque a senhora não é famosa!" Pois não. Ela tinha razão. Eu não passava os dias refastelada no sofá, emboligada numa manta, tudo ao molho e fé em Deus, a proferir insultos e ataques gratuitos. A pugnar pela violência e pela agressividade. Tudo isto em nome de um falso jogo pois, na minha perspetiva, o jogo tem um cariz lúdico e pedagógico, o que não é o caso. Nesta parafernália de simulação da vida real são todos convidados a jogar, a participar e a ligar para o concorrente que quer manter no jogo, qual avançado que faz golos permanentemente porque o guarda-redes é anão. Ou então, chutar para canto o jogador que assim fica no banco mas que a qualquer momento pode voltar a entrar.

É isto que temos. As multinacionais esfregam as mãos de contentes amealhando lucros descomunais repartidos por quem sabe da poda.

É o nosso entretenimento, exibido todos os dias em prime time . Perante esta realidade que tenho dificuldade em adjetivar, não nos podemos queixar dos nossos alunos. Todos nós, nem que fosse apenas uma única vez, já fomos lá espreitar, já fomos lá "beber" tudo o que sabemos de antemão que a obrigação moral nos conduz a evitar, que não queremos esse modelo para nós nem para os nossos alunos. Porém não podemos mascarar o que é infelizmente visível. Milhares de jovens copiam literalmente comportamentos e atitudes que os meus olhos choram e idolatram estas criaturas no seu pior, no vazio de uma mensagem enviesada e nefasta. Pobre sociedade!

> "Nesta parafernália de simulação da vida real são todos convidados a jogar, a participar e a ligar para o concorrente que quer manter no jogo. Ou então, chutar para canto o jogador que assim fica no banco mas que a qualquer momento pode voltar a entrar."

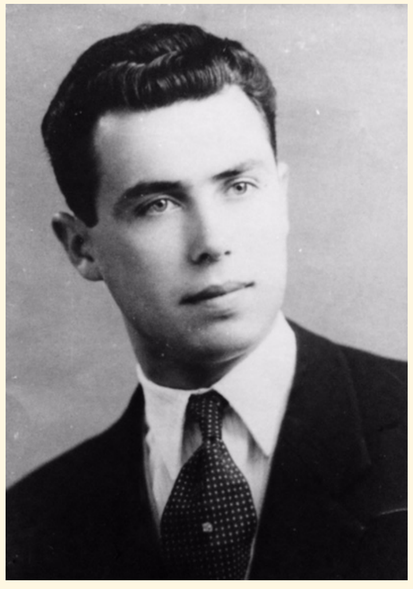
Dia 23 de Maio de 2020

Pai

Na generosidade e gigantismo da palavra Pai inscrever-se-á sempre o José do Nascimento Tiago.
O nosso amado pai será o nosso mágico aroma, a coragem nascente, afagos de poesia e rimas harmoniosas de união, na nossa caminhada.
Doravante o Zé Tiago será ainda mais, a força superior que nos continuará a mover, com sorrisos acesos nos céus altaneiros.
Indiscutivelmente o José Tiago pautou-se pela honestidade, dignidade, humanismo, sensatez, coragem e sobretudo pela ternura bordada em hinos de amor pela família e também pelo próximo.
Com pepitas de sabedoria e luz traçou o seu percurso coadjuvado pela nossa querida Tilinha.
O nosso Pai será sempre uma força superior, bastião de fórmulas de amor e responsabilidade no coração dos filhos Fernandinha e Jorge.
O José Tiago continuará como um manto de espiritualidade e ensinamentos no coração dos netos: Eduardo, Carolina, Francisco e João.
Também o Zé Tiago será colónias de afagos e ternura no coração da Maria Manuela e do Carlos Alberto.
Entre a intensidade de luares de amor e o brilho das estrelas leva no peito também a Raquel, o Luís, a Daniela e até a Ana.
Nesta sonata de responsabilidade familiar, o nosso amado Pai será sempre o nosso baluarte, a melodia de amor, a nossa estrela diamantina, que mesmo dormindo profundamente nos guiará com baladas de amor e ensinamentos.

23 de Maio, 2020

Fernanda Tiago



Eurovisão 2021

O festival do nosso Descontentamento

Carolina Rodrigues, 10ºA

Ano após ano, o Festival da Canção e, consequentemente, a Eurovisão têm motivado muitas críticas, não só pelas músicas interpretadas, como pelo idioma usado, mas também pelo formato dos eventos. A este propósito, a edição deste ano, que sagrou vencedor o grupo "The Black Mamba", com o tema "Love is on my side", não é exceção, pelo facto de ser cantada em inglês. Na minha opinião, a controvérsia faz sentido, pois julgo que as canções deveriam ser cantadas na língua oficial de cada país.

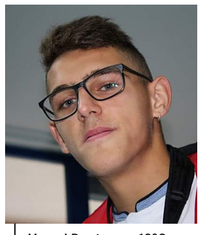
Em primeiro lugar, penso que idioma um dos seus integrantes, é muito importante a sua divulgação. Além disso, através da língua estarão mais percetíveis os traços de caráter, a identidade do país. Assim, falar ou cantar na língua materna é útil para um conhecimento mais profundo da língua e da cultura do país e potencia o turismo nacional.

De seguida, um dos idiomas mais utilizados atualmente a nível mundial é o inglês. Com efeito, a letra de uma grande quantidade de músicas encontra-se na língua britânica, em virtude de, para algumas mentes, ser mais rica, poderosa e com maior capacidade sonora. No entanto, uma percentagem da população, ainda que num número cada vez menor, não compreende o idioma supramencionado, portanto, é incapaz de perceber e interpretar a mensagem da canção, algo que é essencial, já que a essência de um tema e a capacidade de cada um se apropriar dele passa por essa compreensão.

Por último, dar a conhecer uma língua é uma questão de orgulho, logo interpretar o idioma materno é um prazer nacional que nunca deve ser esquecido, mas reforçado e exaltado. Além disso, numa época de confluência resultante de um projeto europeu comum e em que os produtos culturais são rapidamente absorvidos por todos os países, com clara preferência para aqueles em que a língua inglesa, sobretudo a variante americana, é usada, é fundamental que cada país defenda aquilo que o distingue e individualiza. A língua é o símbolo máximo de um país e elemento de união de todos aqueles que o sentem como pátria.

Concluindo, numa competição internacional, é fundamental a divulgação da língua nacional, não só a portuguesa, como também todas as outras, já que é um motivo de orgulho e fundamental para o conhecimento da nação.

A liberdade de escolher a língua



Manuel Domingues, 12ºC

A vitória da banda "The Black Mamba", no festival da Canção 2021, não foi recebida com entusiamo por todos os amantes da Eurovisão, de tal modo que iniciou um movimento nas redes sociais apelando ao facto de ser uma canção cantada na língua de Shakespeare e não na língua de Camões (ambos celebridades da cultura linguística Inglesa e Portuguesa, respetivamente).

A revolta só começou porque a música venceu o concurso e irá (de forma brilhante, diga-se de passagem) representar Portugal com uma canção intitulada "Love Is On My Side", que traduzindo significa O Amor Está Ao Meu Lado (Já que não podem contar com o apoio de todos os portugueses ao lado deles, ter amor já é muito bom!)

Se o facto de ser cantada em inglês está a ser uma problemática de tal tamanho, o Festival da Canção deveria (seriamente) colocar no regulamento de participação o seguinte artigo: "Para evitar constrangimentos futuros, a Organização do Festival da Canção determina que todas as canções a concurso devem ser cantadas em português". Se tal restrição não é imposta nem pelo regulamento nacional do Festival da Canção, nem pela própria Eurovisão, que razão existe para não apoiar a canção vencedora? Será a questão da língua argumento suficiente?

Sendo assim, porque é que apoiam Cristiano Ronaldo quando não joga numa equipa portuguesa? Sei que são coisas diferentes, mas, na minha opinião, acaba por ser o mesmo.

Assim, não me incomoda o facto de Portugal apresentar uma canção em inglês, pois convém relembrar que a banda é bem portuguesa e o caráter do país não se perde, portanto. Será que se o título fosse em português, a mensagem seria diferente? O seu espírito seria mais português? Será que a música não vale por si? Veja-se o que aconteceu com Salvador Sobral e a adesão da Europa à sua canção, ainda que não compreendesse a letra.

Concluindo, se a música é uma linguagem universal, será relevante a língua que a acompanha? Na minha opinião, não, e um evento como o Festival da Canção não deve impor a língua em que cada um escolhe cantar.

Cem Anos, Cem Emoções

Marta Marques, 12ºC

Não é por acaso que Gabriel Márquez foi considerado o pai do realismo mágico e foi vencedor de um prémio Nobel.

É quase impossível descrever este livro em tão poucas linhas. À primeira vista, parece retratar apenas a história das sete gerações da família Buendía e sua vida numa cidade fictícia denominada de Macondo.

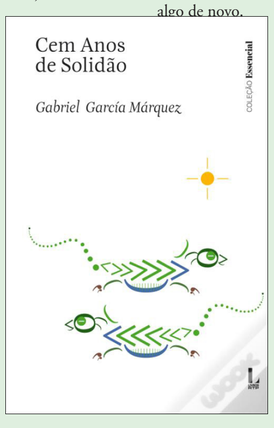
Todavia, à medida que avançamos na leitura é que nos damos conta da obra que temos em mãos. Não só pela sua linguagem clara, pelo seu enredo muito bem construído, na medida em que não há "pontas soltas" e pela leveza de leitura, mas também em função das personagens fortes e temáticas abordadas.

O tema da solidão é bastante evidente, pois estas sete gerações partilham, de uma forma geral, os mesmos vazios, tristezas e até destinos. O facto de os nomes "José Arcádio" e "Aureliano" se repetirem várias vezes na família é espantoso. Coloca em evidência que, com este família, o tempo não passa de forma "regular", mas sim de forma "circular", como se os personagens estivessem condenados a viver em "círculos", sempre repetindo os mesmos erros.

Também considerei incrível a relação que se pode retirar entre um acontecimento específico e a sociedade atual. O acontecimento de que falo diz respeito ao período de cinco anos de chuvas intensas que a população de Macondo é sujeita. Durante este período imensas pessoas decidiram apenas voltar a realizar tarefas quando a chuva findasse, isto é, deixavam sempre tudo para o dia seguinte. É tão visível atualmente as pessoas deixarem tudo para depois, apenas por preguiça, que eu achei esta parte do livro deveras interessante.

No entanto, a meu ver, as partes finais do livro foram as mais marcantes. Melquíades, "o cigano" que apareceu no inicio do livro, surpreendeu imenso. O facto de ele ter escrito uns pergaminhos numa língua que nenhum Buendía conseguia decifrar, e depois assistir ao último membro da família a conseguir traduzi-los foi de arrepiar. Além disso, nem há palavras suficientes para descrever a sensação que se sente quando verificamos que os pergaminhos contêm o passado, o presente e o futuro da família Buendía toda! Como se o livro que temos nas mãos fosse esses mesmos pergaminhos (se bem que este aspeto é mais uma consideração pessoal, visto que partiu da minha interpretação das linhas finais da obra).

Concluindo, "Cem anos de Solidão" é um livro que eu naturalmente recomendo, pois está recheado com tudo o que um leitor nato pode pedir numa obra: humor, emoções fortes, tristeza e aquele maravilhoso arrepio ao ler a última linha. É um livro que não se deve ler apenas uma vez, mas várias, pois em todas as releituras, certamente, iremos aprender algo de novo.



Evasões

6ºD (orientados por Ana Ferreira)

A história de uma vacina (2ª parte)

As vacinas indevidas
Já deram origem a demissões
Continuamos a fazer parte do problema
E nunca das soluções

Tinham mesmo de ser tomadas
Correndo o risco de perder a validade
Todos correram para a fila da frente
Independentemente da idade

Ora agora tomas tu
Ora agora tomo eu
Põe o bracinho de fora
Porque o critério esse é meu

Atingir a imunidade de grupo
É o objetivo primeiro
Lá para o ano 3000
Teremos mais no poleiro
70% da população
É o número ideal
Isto é tudo matemática
Não é um número banal

Há vacinas para todas as idades
Todas cientificamente testadas
Todas de uma eficácia inequívoca
E por isso vão ser lembradas

Tomas agora a primeira dose
Depois vens levar a segunda
E estás pronto a levitar

A história de uma vacina

Põe a vacina no congelador
Assim entra sem dor
Tem 100% de eficácia
Não é nenhuma falácia
É coisa séria e testada
Dói menos que uma bofetada
Não é obrigatória, é voluntária
A Covid é superior à malária
Juntem-se todos os grupos de risco
Eu quero, eu não quero, eu arrisco
Não sei o que isto vai dar
O que eu não quero é patinar
Preferimos usar máscara e desinfetar as mãos
Desde os mais novos aos anciãos
Atender ao distanciamento social
Tirar desta pandemia uma moral
Criar grupos de imunidade
Onde se encaixem todos independentemente da idade
Põe a vacina no congelador
Toma a primeira dose p'ra te dar calor
Depois a segunda é um ventinho
Que até serena as asas de um moinho
Põe a vacina no congelador
Assim não vais parar a um ventilador
Vais ser um dos recuperados
No universo sem fim dos infetados
Este é um mundo de incertezas
Dilemas, angústias e subtilezas
Um mundo amargo e infeliz
Onde a verdade é camuflada e não se diz

"A nova realidade"

Um vírus desconhecido
Abalou o universo
Trouxe insegurança e medo
E um continuar incerto

Vivemos dias difíceis
Que nos deixam atormentados
Um vírus demolidor
Que nos deixa desgastados

Foram meses de confinamento
Dias e dias sentados
E quando saímos à rua
Lá íamos nós mascarados

A máscara e a desinfeção das mãos
Ajudam a combater a doença
Tudo o que é solução
Deixamos nas mãos da ciência

A saúde é o nosso bem maior
Temos todos de a preservar
Se há receita p´ra isto
É ouvir e não pensar

Pandemia mundial esta
Atravessa todos os continentes
Não há fronteiras nem muros
Todos somos combatentes

No caos desta pandemia
Joga-se a sorte e o azar
Parece uma roleta russa
Sempre pronta a disparar

Isto é como uma guerra
Não há vencedores nem vencidos
Abarca o mundo inteiro
Desde os novos aos mais antigos

Para bem da economia
Há medidas a tomar
Cultura e restauração
São os primeiros a chorar

Não há motivos para alarme
Dizem os mais entendidos
Os casos sobem em flecha
Sobram os bem sucedidos

Por entre mortos e feridos
Alguém há de escapar
Esta nova realidade
Já tem muito que contar

Vamos todos manter a esperança
Na palavra acreditar
E que um futuro melhor
Virá até nós a brilhar

O coelhinho da Páscoa

Entretanto faz o teste
Ora positivo ora negativo
Isto é sério nunca falha
O resultado é que é relativo

E agora no segundo confinamento
Com um mar de restrições
Fique em casa cumpra as regras
Mas não esqueça as eleições

Depois desta crise pandémica
Vem a económica e social
Vamos todos pagar a faturinha
Deste nosso querido Portugal

Até que enfim! Já temos uma data, um marco, uma baliza que nos remete para o início do desconfinamento. É irrelevante se já existe um planeamento, se já se está a estudar o calendário, se é faseado ou repartido em amplas ou minúsculas fatias. Até que enfim! O coelhinho da Páscoa foi a figura do grupo dos roedores escolhida para marcar o fim do desconfinamento. As amêndoas, essas, continuam e continuarão duras de roer. Contudo, as famílias (nunca mais de cinco pessoas) terão o direito de degustar um folar inteirinho bem amassado mas desta vez de um amarelinho pálido a contrastar com as notícias fresquinhas, saborosas e, sobretudo. esclarecedoras. A propósito. Fiquei um pouco baralhada com a afirmação proferida pelo Sr. Presidente da República sobre os alunos terem já perdido cerca de dois anos na sua aprendizagem. Então a mim, que no primeiro confinamento, me mandaram para casa, me obrigaram literalmente a ser portadora de um computador, a dominar as plataformas sejam elas Zoom ou Teams e mais, e mais… Em suma, em prol da aprendizagem e do sucesso dos alunos imbuída do espírito do ensino à distância. Com todos os constrangimentos e adversidades, degrau a degrau, mitigando os seus efeitos nefastos. Com vontade e determinação, ainda assim, fazendo de uma aula uma aula verdadeira. Combatendo as desigualdades e tornando o ensino acessível a todos desde os mais longínquos aos mais carenciados. Ironia das ironias! Depois de toda esta azáfama, desta entrega e deste empenho, no regresso ao ensino presencial, foi-me comunicado oficialmente que durante o período de três semanas teria de trabalhar na recuperação das aprendizagens. Muito bom! Mesmo! E agora, neste segundo encerramento, onde ando a correr entre aulas síncronas e assíncronas, onde eu sim, tenho de fazer um verdadeiro planeamento e dar de mim o meu melhor, quando terminar este novo ensino à distância, quanto tempo me reservarão para recuperar as ditas aprendizagens. É bom que façamos juízos de valor e nos ponhamos em bicos de pés a reclamar o nosso profissionalismo e a nossa dedicação. Entretanto, vão-nos adoçando a boca com os chocolatinhos da Páscoa envoltos em pratas de todas as cores. O coelhinho, esse, continuará por cá. De orelhas arrebitadas a marcar o compasso da Semana Santa, tão perfeitinho e bonitinho que até temos pena de o desembrulhar.

Pelo meio, não deixemos de apreciar a dicotomia comédia / mistério presente no filme "Quem tramou Roger Rabbit?

Viagens através dos livros

Desumanização

Daniela Hanganu, 12ºC

O livro "Se Isto é um Homem" de Primo Levi foi publicado em 2013, pela editora Publicações Dom Quixote, traduzido por Simonetta Neto e insere-se na categoria de memórias. Este deu origem à peça teatral com o mesmo nome produzida pela Companhia de Teatro de Almada.

Nesse sentido, o escritor italiano de ascendência judaica nasceu a 31 de julho de 1919 em Turim e faleceu a 11 de abril de 1987 na mesma cidade. Este é licenciado em Química pela Universidade de Turim (1941), participou na resistência contra o regime nazi, e foi preso e internado no campo de concentração de Auschwitz entre 1943 e 1945, tendo sido com base nesta experiência pessoal que escreveu esta obra.

Com efeito, neste livro, Primo Levi descreve de forma impressionante a sua vivência num campo de concentração nazi, durante a Segunda Guerra Mundial, e relata pormenorizadamente o funcionamento, a organização e as regras desse local, sem prejudicar a escrita com excessos de sentimentalismo. Assim, aquando da sua chegada é submetido a par dos outros prisioneiros a uma desumanização sem precedentes: tiram-lhe as roupas, os sapatos, os cabelos. Todos são sujeitos a uma desinfeção e passam a ser tratados como números. Além disso, recebem vestuário, que não lhes retira o frio nem lhes dá qualquer tipo de conforto, e insuficientes e fracas porções de comida. E a crueldade atinge níveis impensáveis: trabalham sem o mínimo de condições; quando adoecem não têm direito a cuidados médicos adequados; são, várias vezes, agredidos sem motivo; deixam de ter qualquer voz ou escolha. No fundo, são privados do direito a uma vida digna, ou não fosse o "Lager" uma "grande máquina para os reduzir a animais".

Na minha opinião, a cena mais marcante foi aquela em que Levi conhece Lorenzo, um operário civil italiano, que lhe dá comida e uma camisola sem pedir nada em troca, o que o fez ter força e esperança na humanidade, apesar de se encontrar num local onde o Homem é escravizado e privado de qualquer direito. Um exemplo claro deste progressivo apagamento do Eu individual é a redução do Homem a números, que tão bem o narrador descreve, quando refere "O meu nome é 174517".

Relativamente à evolução psicológica de Levi, diga-se que este foi obrigado por força das circunstâncias a aprender a sobreviver. Apresenta desde cedo uma forte capacidade de adaptação, aprendeu as regras, a não se deixar roubar, a saber extorquir para viver um pouco melhor e utilizou a sua formação em Química para tentar ter um melhor trabalho. Durante o seu percurso, passou por períodos de tristeza e de esperança e viveu sempre consciente de que poderia não haver amanhã.

A meu ver, apesar de este livro não ser de fácil leitura devido à tragicidade do assunto e à quantidade de palavras em alemão utilizadas, considero a sua leitura fundamental, na medida em que possibilita a reflexão sobre as causas da desumanização e crueldade vivenciadas nessa época e alerta a sociedade para que jamais cometa os erros do passado. É inegável a qualidade narrativa e a criteriosa seleção de pormenores que permitem que o leitor visualize a situação dramática em que as pessoas se encontram. Algo que parece trivial, como cortar as unhas e ter uma escova de dentes, torna-se fundamental naquele lugar, só por ser retirado o direito de o poder fazer.

Além disso, o título adquire um sentido mais profundo depois de lermos a obra, pois somos confrontados a perceber que os prisioneiros dos campos de concentração não foram tratados como homens, mas como escravos desprovidos de qualquer direito.

Em suma, penso que este é um excelente livro, uma vez que, para além de ser um relato comovente de sobrevivência, coragem, sofrimento, consciência e alerta que mudou a minha visão sobre este acontecimento, é um dos mais pormenorizados que podemos encontrar sobre este trágico episódio e que tem a capacidade de nos fazer refletir sobre o que o Homem consegue fazer ao seu semelhante, sobre os limites da natureza humana. A este propósito, recorde-se alguns versos do poema que abre o livro:

"Considerai se isto é um homem /Quem trabalha na lama /Quem não conhece paz / Quem luta por meio pão / Quem morre por um sim ou por um não".

Será o Japão um lugar estranho?

Carolina Teixeira, 10ºA

O livro que li intitula-se "O Japão é um Lugar estranho" e tem como escritor o australiano Peter Carey. Peter Philip Carey é um escritor, jornalista e roteirista australiano que venceu o Prémio Booker dois vezes, em 1988, com a obra "Oscar and Lucinda", e ,em 2001, com o romance histórico "True History of the Kelly Gang". Esta obra despertou a minha atenção, não só pelo título, mais precisamente a referência ao país nipónico, mas também pela expressão "lugar estranho".

Nesta obra é narrada a viagem que o autor realiza com um dos seus filhos, Charley, a Tóquio. Apesar de ser a terceira viagem do progenitor à capital do país nipónico, nesta vez ele descobre e vivencia acontecimentos únicos. Esta viagem é uma oportunidade para Peter estabelecer laços familiares mais fortes com o jovem e, simultaneamente, divulgar aspetos culturais exóticos e surpreendentes para os ocidentais que desconhecem este país asiático. Charley, um adolescente de doze anos, começa a demonstrar interesse pelos aspetos japoneses após o contacto com os mundos de "anime" e "manga". No momento em que Peter lhe anuncia a viagem a Tóquio, ele fica, por isso, entusiasmado e pretende conhecer o melhor possível o país, não só fisica, mas também socialmente.

Com efeito, o título do livro, "O Japão é um Lugar Estranho", simboliza a diferença entre a mentalidade do mundo ocidental e a nipónica, bem como aspetos físicos, como por exemplo a gastronomia, a rede de estradas e comunicações e a informática. Todos estes pormenores provocam sentimentos de surpresa e ansiedade nos intervenientes da ação, que são transmitidos de uma forma precisa ao leitor.

Por outro lado, esta narrativa tem uma forte componente mensageira. Este facto é particularmente visível nos testemunhos de alguns japoneses, que descrevem as bombas atómicas e as guerras como sendo um inferno, apelando ao fim do fabrico de armas e, principalmente, ao desuso destas para fins violentos. Está ainda presente o princípio de um percurso para a globalização, pois no final a avó de Takashi beija a testa de Charley de uma forma ocidental, o que pode significar uma aproximação entre as duas culturas, mas também o perigo de perda das especificidades japonesas. Esta ideia é sugerida pelo narrador através de Takashi, que, em diversos momentos, copia modas americanas, evidenciando o fascínio por essa cultura.

Deste modo, as informações que esta obra transmite ao leitor são muito pertinentes, já que são retratados aspetos que raramente figuram nos guias turísticos e que são entusiasmantes. Além disto, também são reveladas algumas preocupações poéticas e artísticas de grande profundidade e sensibilidade comuns a todos os nipónicos.

Concluindo, a obra "Japão é um lugar estranho" é uma obra interessante e de fácil leitura, que valoriza as viagens e o enriquecimento proporcionado, bem como atualiza o leitor acerca das preferências dos adolescentes, que serão os adultos no futuro. Esta narrativa deixa patentes vários momentos únicos japoneses, muitas vezes desconhecidos do público em geral.

Ecos de "Memorial do Convento

Entrevista a Dom João V de Portugal, o Magnânimo

Dom João V foi rei de Portugal entre mil setecentos e seis e mil setecentos e cinquenta e adquiriu o cognome "O Magnânimo", devido à sua corte luxuosa, ao estilo de vida frívolo e às enormes construções que mandou erigir. Por outro lado, é uma das personagens mais odiadas de "Memorial do Convento". Por isso, vamos conhecer um pouco mais sobre esta figura histórica tão controversa.

Bem vindo, Dom João V. Obrigado por ter disponibilizado um pouco do seu tempo para responder a algumas perguntas.

Ora essa! Eu, agora que estou morto, tenho imenso tempo disponível. Só tenho algo a pedir, trate-me por Vossa Majestade, por favor. Posso já não estar vivo, mas continuo a ser relembrado como um dos melhores reis de Portugal.

Com certeza, Vossa Majestade. Começando, exatamente, por esse assunto. Diga-me, como foi governar o nosso país, na sua época?

Bom, como deve saber, eu tornei-me monarca no ano de mil setecentos e seis e governei durante uma era gloriosa para Portugal, pois vinha muito ouro das nossas colónias, principalmente, do Brasil. Nesse sentido, eu investi grande parte dessa riqueza em grandes obras, como o Aqueduto das Águas Livres, em Lisboa, a Biblioteca Joanina da Universidade de Coimbra e o célebre Convento de Mafra. Tudo isso pelos meus súbditos, embora eles não merecessem, já que eram, na sua maioria, gente pobre e ignorante. Penso que este luxo e ostentação marcaram o meu grande reinado.

Para além de mandar edificar grandes monumentos e liderar a nossa pátria, o que fazia durante os seus dias?

Eu passava muito tempo a visitar conventos e gostava muito de conviver com as freiras, mulheres muito simpáticas. Para além disso, assistia a inúmeros autos de fé. Eu adorava! Eram espetáculos maravilhosos, todo o povo gostava deles. Por outro lado, passava tardes inteiras a caçar com o meu irmão Dom Francisco, que tinha uma excelente pontaria, fruto, talvez, do treino com os marinheiros. Consequentemente, gostava muito de ouvir a minha filha, a Maria Bárbara, a tocar cravo, embora ela não demonstrasse grande interesse pela música, mas tinha um excelente professor, o ilustre Domenico Scarlatti. Por fim, conversava muito com o padre Bartolomeu Lourenço de Gusmão, que me convenceu a ajudá-lo, para ele poder construir uma máquina voadora, à qual, na minha corte, chamavam passarola. Eu sempre achei que ele era louco e, depois, isso confirmou-se, quando fugiu para Espanha e lá acabou por ficar. Eram assim os meus dias, muito atarefados!

Bem, Vossa Majestade, falemos, de novo, do convento de Mafra. É uma obra magnífica. É verdade que tudo nasceu de uma promessa que fez aos franciscanos?

Sim, é verdade. Já estava casado com a minha adorada Maria Ana Josefa há quase dois anos e ela ainda não tinha engravidado. Por isso, aceitei uma proposta que os frades franciscanos me fizeram, asseguraram-me que teria um herdeiro, se eu lhes construísse um convento em Mafra. Assim foi, e eu queria fazer algo grandioso, tão importante como a Basílica de São Pedro, em Roma, que eu tanto admirava, para mostrar o meu enorme poder!

Porém, para erigir esse monumento, milhares de homens sofreram, foram forçados a trabalhar, tratados como escravos e alguns até morreram, durante as obras, como revela José Saramago no seu romance "Memorial do Convento". O que tem a dizer sobre isso?

Em primeiro lugar, eu detesto esse livro. Que escritor é que considera as pessoas do povo heróis!? Por favor, gente analfabeta, pobre, defeituosa, enfim, horrível! Para além disso, não gosto nada da forma como o narrador me caracteriza. Faz com que eu pareça uma figura arrogante e está constantemente a criticar-me. Se ele o escrevesse na minha época, eu denunciava-o de imediato ao Santo Ofício.

Por outro lado, eu dei trabalho a esses milhares de homens de que fala e, hoje em dia, Mafra alberga um dos mais célebres edifícios de Portugal, quando era apenas uma pobre vila, repleta de montes. Nunca ninguém me agradeceu por eu lhe ter dado esse destaque.

As obras começaram em mil setecentos e dezassete e Vossa Majestade decidiu inaugurá-lo em mil setecentos e trinta, no dia do seu quadragésimo primeiro aniversário, quando aquelas ainda não tinham terminado. Chegou a ver o convento finalizado?

Eu tinha muito medo de morrer, pois a minha saúde era muito frágil, antes de inaugurar a minha majestosa construção, e foi por isso que antecipei a sua sagração. Mas, sim, o convento ficou pronto em mil setecentos e trinta e sete, albergando trezentos frades e com espaço para a família real e toda a corte. Portanto, como eu só morri no ano de mil setecentos e cinquenta, ainda pude vislumbrar, com muito orgulho, esse magnífico edifício!

Mais uma vez, obrigado, Vossa Majestade.

Chegamos, assim, ao fim desta entrevista a Dom João V, na qual ficamos a saber mais sobre o seu reinado, a sua vida e sobre a incrível história em torno do Convento de Mafra.

Francisco Madureira 12ºA

A viagem da "pedra-mãe" - Crónicas da construção do Convento de Mafra

Marta Marques, 12ºC

O transporte da chamada "pedra-mãe" decorreu durante oito longos dias, entre Pêro Pinheiro e para Mafra, e marcou o enormíssimo esforço realizado para a construção do Convento. Num percurso de cerca de 15 km, os trabalhadores carregaram a pedra que pesava mais de trinta toneladas, sendo precisas as forças de duzentas juntas de bois e de seiscentos homens que deram tudo, até a própria vida, para que a pedra pudesse chegar inteira a Mafra.

A partir da notícia de que era preciso ir até Pêro Pinheiro buscar a pedra destinada à varanda que iria ficar sobre o pórtico do Convento, os trabalhadores logo perceberam que iria ser uma tarefa que iria exigir não só muita força, mas também muitos bois, carros e empenho.

Um dos trabalhadores antes de partir afirmou que : "Em importa se o homem é o mais belo ou se é maneta, o mais importante é ter a força necessária, e esta, podemos ter a certeza que não lhes falta.

"Confesso que se alguém me pudesse ver por dentro, iria ver que eu bem gostaria de ser outra coisa", um trabalhador testemunhou enquanto limpava, por uns momentos, o suor da testa, "mas não temos outro remédio, não podemos ser outra coisa, apenas podemos ser aquilo que querem que sejamos".

Após uma longa noite, o sol nasceu e trouxe consigo um dia muito quente e nada apelativo para quem teria de trabalhar o dia inteiro. Alguns homens vão devagar, uns preferem o silêncio dos seus pensamentos, outros conversam com os que estão mais próximos e um em específico aproveitou para ir rápido até casa, para se despedir da família.

"Eu prometi à minha mulher que na volta passaria a noite inteira com ela. Devemos acampar nesta zona, por isso, vai ser fácil visitá-la! Eu prometi e hei de voltar", Francisco Marques alegou, assim que regressara da breve visita familiar mais animado e levemente ofegante.

Contudo, quando finalmente os trabalhadores chegaram a Pêro Pinheiro, não encontraram tendas nem barracas. Alguns comentaram, ironicamente e em surdina, que isso seria demasiada simpatia por parte de D.João V. Apenas encontraram os soldados de vigilância. Porém, o espaço rapidamente se encheu de tal forma que todos concordaram que mais parecia uma feira, pois os bois, os carros e os homens ocuparam tudo.

A viagem para Mafra, para onde seriam levados grandes blocos, incluindo a pedra mãe, ficara então marcada para o dia seguinte. Foram vários os suspiros de espanto que encheram o espaço assim que se viu finalmente a grandiosa pedra no seu real tamanho.

"É realmente um grande pedregulho, vamos ter que utilizar muita forç , senão o poder do nosso senhor el- rei D.João V, não vai ser tão grande de quanto esta pedra", isto dito pelo Sr. Alcino, um dos trabalhadores chocados com a tarefa que iriam ter, literalmente, em mãos.

Os homens da pedreira tiveram ainda que abrir uma larga avenida por onde baixaria o carro assim como uma rampa que daria acesso até à estrada. Só depois disso, a viagem até Mafra se poderia realizar. Desse modo, durante todo o dia, os homens cavaram a terra, tendo terminado a tarefa apenas no fim do dia.

Após uma noite particularmente quente, onde os trabalhadores nem direito a camas decentes tiveram, apenas o chão, tocou a corneta para mais um dia de trabalho. Descarregaram tudo o que era preciso até que chegou a vez "da nau da Índia" que, para além do trabalho todo que deu, ainda provocou um ferido.

"Foi um dos nossos que se distraiu e deixou ficar o pé por debaixo da roda. A viagem já começa mal", comentou Baltasar, visto que era o que estava mais próximo do local onde decorrera o infeliz evento.

Passaram a noite inteira a descer e a preparar a plataforma sendo que, quando o sol nasceu, ainda estavam a ser reforçados os últimos nós. Entre vários puxões, uns melhores que os outros, a laje finalmente começou a andar sobre a plataforma, até que se desequilibrou e os pobres dos homens tiveram que lhe introduzir por debaixo alguns calços e só assim, com o rasto do ferro, a plataforma começou finalmente a deslizar.

"Agora vai ser fácil", gritaram os homens com entusiasmo e com toda a força que ainda tinham dentro deles.

O dia passou-se assim, mas se a noite fora feita para os trabalhadores descansarem, tal não aconteceu com muita eficácia, pois, assim que fecharam os olhos, já a corneta tocava de novo, acordando-os para mais um dia infernal. Recolheram tudo e voltaram ao trabalho.

"Cuidado";" Êeeeeeeeiiii--ô";"Vamos lá", eram as palavras que mais se ouviam, se bem que é difícil saber se estavam a falar para os animais ou para os seus companheiros de obra. Talvez para os dois. O carro subiu meia rampa, cinquenta passos se tanto, sempre a oscilar duramente.

"Vai ser uma grande jornada! Daqui a Mafra, mesmo tendo el-rei mandado consertar as calçadas, o caminho é custoso. Digam o que disserem, é custoso!", testemunhou Xavier, quando conseguiu respirar por uns breves momentos.

Os moradores de Pêro Pinheiro saíram à rua para observar todo o aparato, contudo, neste primeiro dia, os trabalhadores não avançaram mais que quinhentos passos, pois a rua era estreita e isso dificultou vários movimentos.

Nesta noite, o trabalhador Manuel Milho decidiu contar uma história sobre um rei e uma rainha, sendo que Baltasar e Francisco Marques, entre outros, também se juntaram para ouvir a história. Contudo, aquele breve momento de calma fora tão pequeno que parecera que mal Milho terminara de falar, já o sol estava a nascer de novo.

Foi mais um dia de grandes aflições. Apesar da estrada ser mais larga, foi difícil passar o carro pelas curvas. Todavia, não houve grandes queixas daqueles que sofriam os sacrifícios, mesmo quando o caminho era a descer e os seus corações batiam imensamente rápido.

Neste segundo dia, desde do nascer do sol até ao fim da tarde, fizeram mil e quinhentos passos. À noite, os homens deitaram-se pelo chão sem forças, tentando descansar para no dia seguinte voltar à carga. Manuel Minho retomou a história do dia anterior, se bem que voltasse a não a terminar, ficando assim em suspenso, mais uma vez, para o próximo breve e confortável descanso da noite seguinte.

"Amanhã não pode ser pior", um trabalhador afirmou antes de cair exausto no sono, mas ainda ouviu uma resposta que transmitia o que todos estavam a pensar: " Amanhã vai ser mil vezes pior".

No dia seguinte, um dia ainda mais quente do que os anteriores, perto da hora de jantar, chegaram a um alto onde finalmente avistaram Cheleiros no fundo do vale.

"Esta noite a companhia da minha mulher ninguém ma tira!", Francisco Marques gritou animadamente. Assim que decidiram que a plataforma iria descer a pulso, começaram então a árdua tarefa. Era notável o olhar incrédulo dos trabalhadores quando avistavam ao longe as sombras frescas e as casas de Cheleiros, quase como se fossem alucinações provocadas pelas suas mentes cansadas.

"Se me vou lá abaixo, ainda vou julgar que é mentira", alguém disse dando voz aos pensamentos de vários.

O pior do caminho voltaram a ser as curvas aliadas à descida "demoníaca" como muitos lhe chamaram. Era preciso ter uma especial atenção ao carro para este não escorregar, assim como era preciso o quádruplo da força. Aplicaram-se alavancas nas rodas posteriores e tentaram deslocar o carro para o lado exterior da curva, até que, finalmente, este cedeu, deslocando-se um ou dois palmos.

Um dos homens que trabalhava nos calços era Francisco Marques, o homem de família que prometera ir ter com a mulher na volta a Mafra. Contudo, por momentos, o trabalhador distraiu-se e sem que muitos dessem conta, fugiu-lhe o calço da mão e no preciso momento que a plataforma deslizava, o seu corpo acabou por ficar por debaixo do carro. Acabaram por tirá-lo já sem vida, verificando com grande pesar todos os danos que ele sofrera. Infelizmente, esta morte não foi o único desastre fatal da viagem, pois ainda nesse dia, a plataforma desandou sobre um afloramento de rocha e entalou dois animais contra a encosta a pique, acabando por lhes partir as pernas. Nessa noite, deu-se o funeral de Francisco Marques onde se rezaram várias orações por ele e pela viúva.

"Todos os meus músculos doem, mais valia Deus ter feito um mundo rasinho como a palma da mão, levariam menos tempo a chegar as pedras malditas!"palavras proferidas por Cristovão na manhã do quinto dia. Durante a tarde, caiu um grande aguaceiro, que foi bem-vindo por todos os trabalhadores.

No sexto dia, mais precisamente no Domingo, houve sermão e uma missa. O padre pregou e motivou os trabalhadores dizendo frases como: "Deveis tomar esta transportação como penitência e também amorosa oferta"; "Levar esta pedra a Mafra é obra tão Santa como foi a dos antigos cruzados quando partiram a libertar os Santos lugares, sabei que todos quantos lá morreram gozam hoje da vida eterna"! Pelos olhares dos trabalhadores, é possível afirmar que eles não pareceram muito motivados com o discurso. Talvez fosse do cansaço extenuante que lhes pesava já sobre os ombros. "E ainda a obra vai no início. Não quero pensar já no cansaço que este convento vai dar, mas pelo menos no fim de tudo alcançarei a vida eterna. Primeiro morro de dor e depois morrerei sabendo que terei paz"!, comentou Tadeu, com um toque de ironia mal escondida na voz. Para o fim da tarde, armou-se uma zaragata entre cinco "cruzados desta cruzada", sendo que o conflito acabou por não passar de alguns murros. Foi Tadeu que, ironicamente, relatou o conflito, acabando por deixar um último comentário:" Tivessem morrido logo que iam diretos para o paraíso".

Os heróis dormiram ainda uma noite no caminho, contudo, o último dia finalmente chegara, após oito longos dias de viagem. Quando chegaram a Mafra, os trabalhadores pareciam que tinham acabado de voltar de uma guerra de tão sujos e sem riquezas que estavam. Talvez tivessem mesmo regressado de uma "guerra", pois houve um morto, um ferido, muito suor, assim como nenhuma recompensa pelo serviço que prestaram ao rei.

Todos os que viram a pedra relataram que a acharam realmente enorme e grandiosa, contudo Baltasar comentou, olhando para a basílica em construção com um olhar desolado, que a pedra parecia "bem mais pequena naquele momento".

Linguagem e Estilo de José Saramago

A escrita de José Saramago é marcada por um estilo e uma linguagem diferentes do que estamos habituados a ler e "Memorial do Convento" não foge a esse princípio.

Desta forma, o autor desafia as regras, com a ausência da pontuação convencional, portanto a vírgula é o sinal com maior relevância e recorre ao uso da maiúscula para marcar o início da fala de uma personagem, marcando estas irregularidade, portanto, a escrita de Saramago. Logo, o autor mistura o discurso direto com o discurso indireto, surgindo uma frase plurivocal, ou seja, a frase pode ser dita por mais que uma pessoa.

Por outro lado, é bastante interventivo ao longo da narrativa, sendo evidentes as críticas ao passado e ao presente, através da utilização de figuras de estilo como a metáfora, a enumeração, a ironia e o sarcasmo. Estas servem, sobretudo, para satirizar a sociedade e os seus aspetos mais marcantes. Nesta obra, critica o comportamento do povo, quando se encontra em eventos como as touradas, as procissões e os autos de fé, as classes mais altas pelo luxo, vaidade, exploração do povo, opressão e tirania. De forma subtil ou mordaz, a ironia está sempre presente nas palavras do autor. Mas também é evidente o elogio que faz ao povo trabalhador que sofre e agoniza para cumprir o capricho do rei, sendo esta homenagem o elemento central do romance.

Em suma, Saramago assume uma posição clara na defesa do povo e crítica ao poder do rei e do clero. Utilizando, para além da pontuação e das figuras de estilo a intertextualidade. Assim, diferencia-se dos restantes escritores por estes aspetos bastante peculiares, que tornam a sua escrita única e o transformam numa figura importante e incontestável da literatura portuguesa.

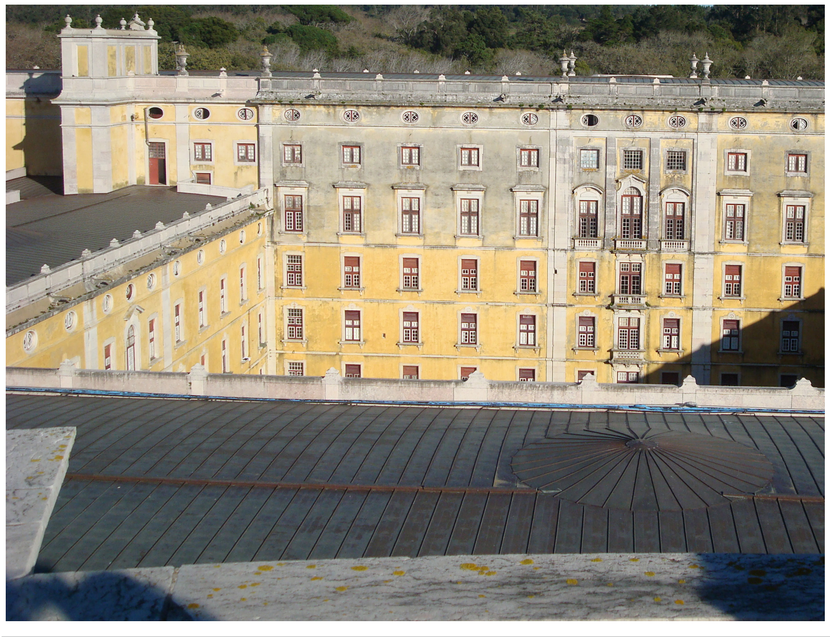
Ana Sofia Afonso Nº1 12ºC

A obra "Memorial do Convento", de José Saramago, é conhecida por muitos portugueses, tanto por ser de leitura obrigatória no 12º ano de escolaridade, tanto pela grandeza da mesma. Ao contrário de alguns livros, com a ação a decorrer no passado histórico, que contam a história de um reinado, esta é diferente.

Assim, tece críticas a uma sociedade repressora e bastante injusta, à igreja, através do comportamento dos membros da Inquisição, do Tribunal do Santo Ofício, e da descrição dos autos de fé, à ostentação, vida dissoluta, megalomania, vaidade e tirania por parte do rei.

É importante realçar, ainda, a diferença entre o romance que é habitual estar presente na maioria dos livros e o que nos é apresentado entre Blimunda Sete-Luas e Baltasar Sete-Sóis. que é único e transgressor à luz das convenções da época. É um amor puro e verdadeiro entre duas personagens que fazem parte do povo e, por isso, só querem viver a sua vida e o seu com a simplicidade e autenticidade possível.

Para concluir, basta referir que esta obra única é um "tesouro nacional" que Saramago deixou para nós podermos deliciar-nos com a leitura do mesmo.



Notícia de última hora

"A inauguração da primeira pedra"

No dia 17 de Novembro de 1717, sob as ordens do rei D. João V, deu-se a primeira bênção da pedra para a construção do convento de Mafra.

Esta celebração decorreu numa igreja-tenda ricamente decorada, onde estiveram presentes o rei, a corte e o povo, mas este nem sequer pode entrar na igreja mas foi notável o grande entusiasmo geral para a celebração deste evento.

Este convento estava previsto inicialmente para oitenta frades mas, mais tarde, foi alargado para trezentos frades, porque sua "majestade" estava indecisa face às dimensões da obra e também queria construir um palácio semelhante à Basílica de S. Pedro, porém o arquiteto alemão, João Frederico Ludwig, avisou-o de que a obra iria demorar anos e que o rei poderia morrer antes da inauguração do convento.

Para concluir, o lançamento da pedra foi uma ocasião especial, uma vez que foi uma oportunidade de o rei afirmar a sua propaganda do poder real, ou seja, este convento simboliza a grandeza do rei e do país.

Manuel Milho, o trabalhador que contava histórias

Aos 34 anos, Manuel Milho foi forçado a deixar a sua família, trabalho e terra para trás para trabalhar na construção do convento de Mafra.

O que sentiu quando o foram buscar à força?

Estava na horta a cuidar do pouco que a minha família tinha para comer quando, subitamente, me encontro rodeado de dois corregedores que, sem qualquer justificação, pegaram em mim e disseram que teria que ir para Mafra por ordem da Nossa Majestade. Senti a minha liberdade violada, mas o que poderia eu fazer?

Resistiu?

As vontades do Rei podem mais do que todas as coisas, assim fui sem saber quando voltaria a ver a minha família

Quem deixou para trás?

Deixei quatro filhos, a minha mulher e a minha mãe doente.

Quem iria cuidar da família?

Antes de ir deixei o meu filho mais velho, José de 11 anos a cargo da família.

Quantos homens viu a serem levados?

Devastou a minha aldeia inteira, olhava para todo o lado e todos estavam a despedir-se das suas mulheres, filhos e mães. Como eu, estavam todos os homens, todos nós deixamos tudo para trás com incerteza do futuro.

Como estava o ambiente?

As mulheres choravam a implorar que não as deixássemos, os filhos agarravam-se a nós e as nossas mães nada diziam de tão velhas e doentes que estavam, as poucas que falavam respeitavam a vontade de Deus e da Majestade.

Como foi o caminho para Mafra?

Foi muito difícil. Íamos acorrentados, como escravos. Apanhámos
muita chuva, passámos muita fome.

E quando chegou?

Vi tantos homens como nunca tinha visto, todos com um ar desesperado, como eu, exaustos e tristes por deixar uma vida inteira para trás, congelada.

Onde dormiam?

Em barracões, com vários beliches, estavamos acomodados aos montes, eram noites mal dormidas, quando estava frio, os nossos corpos aqueciam-se uns aos outros, mas quando estava calor eram os bichos de corpo em corpo.

O que mais o marcou?

Assisti à morte de um homem que chegou no mesmo dia que eu, falávamos das nossas famílias, da saudade, ficámos amigos. Franscisco Marques distraiu-se e acabou por morrer. Vi tudo a acontecer.

Teria resistido se pudesse voltar atrás?

Não. Saberia que me teria levado à morte. Apesar do sofrimento todo estou aqui e voltei a ver a minha família.

Ouvi falar de uma história que contou de um ermitao e de uma rainha...

Gosto muito de inventar histórias, ajudam a passar o tempo e, muitas vezes, são o reflexo da vida que temos ou da que sonhamos. Essas personagens estavam presas nos seus fatos sociais e nunca tinham vivido sem eles. Sonhavam ser outra coisa. Nas histórias podemos transformar as coisas...

Lara Silva, 12ºC

Quão atual é "Memorial do Convento"?

"Memorial do Convento", obra incontornável na literatura portuguesa e legado do único português a ter ganho o Prémio Nobel da Literatura, foi publicado em 1982, no entanto, a sua narrativa remete-nos para a primeira metade do século XVIII. Mas será que as críticas que o autor teceu à sociedade da época ainda permanecem atuais? Os jornais constatam que sim.

Neste sentido, vejamos um dos episódios mais sanguinários do livro: a tourada no Terreiro do Paço. No capítulo IX, este espetáculo visual alimenta o sadismo (embora a palavra na altura ainda não exista, como o autor esclarece, a atitude é essa) e a perversidade dos que assistem. A tauromaquia é um assunto na ordem no dia, pois, numa carta enviada a Marcelo Rebelo de Sousa, mais de cento e oitenta associações nacionais e internacionais apelam ao Presidente da República para promulgar os diplomas que efetivam medidas que visam o bem-estar animal. No seu entendimento, estas medidas demonstram uma evolução na atenção direcionada para as problemáticas do bem-estar animal, no entanto, continuam sem incluir outros animais, como os explorados na produção pecuária, touradas e usados na indústria de entretenimento.

Seguidamente, já no final da obra, capítulo XXIV, Blimunda assassina o frade dominicano que, aproveitando-se da sua vulnerabilidade, a tenta violar. Em Portugal, de acordo com os dados estatísticos da APAV, entre 2013 e 2018, regista-se um aumento percentual de 130% nos crimes sexuais, contando com um total de 4761 vítimas, das quais cerca de 92% são do sexo feminino. Em abril de 2021, a Assembleia da República rejeitou projetos de lei que visavam tornar a violação sexual um crime público. Os números de testemunhos, que, segundo as associações, ficam muito aquém da realidade, comprovam como a prática de abusos sexuais, principalmente, por parte do sexo masculino, ainda é um tema que a comunidade deve encarar com extrema importância.

Face a esta realidade, lembramo-nos de D. Maria Ana Josefa, esposa do rei, uma mulher devota e submissa, cujo papel se resume basicamente a dar herdeiros ao rei, vivendo, de forma passiva e insatisfeita, um casamento baseado na aparência, na sexualidade reprimida pela imposição de um código ético, moral e religioso, conseguindo apenas libertar-se da sua condição através dos sonhos, nos quais assume a sua feminilidade. Quantas D. Marias Anas Josefas conhecemos? Quantas são as mulheres deste país que são prejudicadas pela sua condição de mulher nas mãos de um sistema patriarcal?

Concluindo, há muitas outras temáticas que podem ser colocadas em paralelo com a sociedade do século XXI, como a espiritualidade, a censura, a exploração da mão de obra, a megalomania, entre outras. No meu entender, "Memorial do Convento" pôs a nu muitas realidades, que, por vezes, são escamoteadas, visando educar e estimular uma evolução civilizacional há muito necessitada e reclamada pela sociedade portuguesa, porque, na realidade, o país de D. João V aos olhos de José Saramago ainda é o país de todos nós.

Aníbal Fundo, 12ºB

Música, a melodia do mistério

Desde sempre, a música fez parte da vida do ser humano em múltiplas situações e até em contextos bastante díspares. Esta arte motivou a evolução social, científica e cultural e permite ao ser humano a expressão de sentimentos, emoções e sensações por meio de sons, fazendo parte do impalpável, que nos rodeia e que nos afeta permanentemente.

Nesse sentido, esta forma de expressão desenvolve a mente humana, promovendo o equilíbrio, proporcionando um estado de agradável bem-estar e facilitando a concentração e o desenvolvimento do raciocínio em questões reflexivas. Veja-se o poder introspetivo que a música clássica apresenta, que nos possibilita a tomada de consciência acerca da nossa condição, tornando as nossas decisões mais adequadas. Por conseguinte, o poder da música sobre o ser humano, bem como os efeitos de evasão e até curativos que a harmonia dos sons pode proporcionar são inquestionáveis.

Com efeito, na obra "Memorial do Convento", de José Saramago, a música é um elemento extremamente importante, simbólico e marcante, que está associado à perfeição, à harmonia e à complexidade.

Por um lado, esta arte surge como algo sublime, quase transcendente e com dom curativo, funcionando como uma terapia, pois é graças à melodia tocada incansavelmente por Scarlatti, ao longo de uma semana, no seu cravo, que transmite a Blimunda serenidade, equilíbrio, paz interior e harmonia, que ela recupera do estado de esgotamento em que se encontra depois da recolha das vontades duas mil vontades em plena epidemia de cólera e febre-amarela.

Por outro lado, a música tem um valor quase científico e transformador, o qual se manifesta através da admiração do Padre Bartolomeu Lourenço pela música do napolitano, chegando a afirmar que não se surpreendia que esta arte permitisse que a máquina voadora levantasse voo, contrariando a lei da gravidade, pois ele próprio se sente quase a levitar quando ouve as sinfonias de Scarlatti, podendo este ser o elemento essencial ao voo. Paralelamente, este saber funciona como uma companhia, na medida em que revela ser um elemento agradável que inspira Blimunda e Baltasar na construção da Passarola. Deste modo, este saber permite-nos alcançar o sonho de voar, ficando sugerida a ideia de que para a concretização dos sonhos do Homem é fundamental a conjugação da arte com o conhecimento científico.

Além disso, o facto de a infanta D. Maria Bárbara, apesar de possuir um dos melhores professores de música, ser pouco dotada para esta arte reflete que a magnificência e sublimidade da melodia são um impedimento para o seu entendimento e aplicação num local tão negativo como a Corte do rei, antro de gente ociosa e vazia que não tem nada para fazer.

Em suma, a música é uma forma de arte que apresenta extrema relevância na vida do ser humano e que nunca deixará de o acompanhar, já que funciona como um espaço de refúgio e possibilita a transfiguração do real, desempenhando o papel mediador entre o homem e o divino, que permite atingir a perfeição e tornar possível a ascensão do sonho.

O homem sonha e o mundo avança

Na obra "Memorial do Convento", da autoria de José Saramago, relata-se a construção de um objeto completamente diferente de qualquer coisa feita antes. Durante vários anos, o Padre Bartolomeu Lourenço, Blimunda e Baltasar, dedicam-se à construção deste objeto que era um grande sonho do Padre.

A criação deste objeto será um grande avanço na ciência em Portugal, já que esta não era muito valorizada durante o século XVIII.

Durante o reinado de D. João V, no séc. XVII, o nosso país vivia sob o domínio da igreja, pois esta dominava a mentalidade do povo com a ajuda da Inquisição, classificando tudo aquilo que não era possível explicar como heresia, ou seja, obra do Diabo. Assim, a construção da Passarola teve de ser realizada secretamente, pois se fosse descoberta todos os intervenientes seriam condenados e levados a julgamento pela Inquisição. Apesar disto, a construção da Passarola foi uma inovação, pois foram usados materiais desconhecidos até aquele momento como o âmbar e o éter, sendo necessário o Padre Bartolomeu ir à Holanda para adquirir mais informação sobre o éter.

Este projeto também vai mostrar uma alteração na mentalidade naquela época, pois o Padre, o inventor da Passarola, era também um religioso, mas que aceitava a ciência, mostrando assim vontade de conciliar estas duas áreas tão díspares, o que lhe causou intensos conflitos interiores.

Desta forma, a construção da Passarola é uma das principais linhas de ação da obra, conferindo-lhe alguma ficção, principalmente acerca dos poderes sobrenaturais de Blimunda, mas também por apresentar algo de novo para a sociedade, sendo um grande avanço científico.

Raquel Domingues, 12ºC

Entrevista ao Padre Bartolomeu Lourenço de Gusmão: a viagem do conhecimento

Focado na investigação, Padre Bartolomeu Lourenço de Gusmão viaja até à Holanda com a esperança de encontrar a solução para conseguir realizar o seu sonho. Assim sendo, temo-lo aqui presente, hoje, para podermos ficar a saber mais sobre o mundo lá fora.

Boa tarde, Padre Bartolomeu. Antes de mais, é um gosto estar aqui consigo e muito obrigado por aceitar o nosso convite.

Padre Bartolomeu: Boa tarde, eu é que agradeço.

Gostaríamos de saber um pouco mais sobre a sua viagem à Holanda e, antes de mais, porquê esse país?

P. Bartolomeu: Como sabem, eu andava a trabalhar no meu sonho e notei que, em Portugal, é verdade que encontrava os materiais necessários e as pessoas para trabalharem, tenho os meus companheiros, ou melhor, os meus amigos, que me ajudam. Porém notei que precisava de um elemento, uma força que, aqui, não iria obter. Uma vez que as pazes com França foram apregoadas já não correria risco maior do que viajar por mar. Então, surgiu a Holanda que, de facto, é uma terra de muitos sábios.

Falou em "companheiros, ou melhor, (…) amigos". Eles viajaram consigo?

P. Bartolomeu: Não. Como meus confidentes, deixei-os encarregues de vigiar e proteger parte do projeto, apesar de saber que está seguro, pois guardo-o em terras que El-Rei me confiou.

Viajou sozinho, portanto, não teve dificuldades por lá?

P. Bartolomeu: Eu já sabia que ia para o desconhecido, mas encontrei sábios e alquimistas que me encaminharam e ensinaram o que pretendia aprender.

Como descreveria a ciência e ofícios dessa terra?

P. Bartolomeu: Nada comparado ao que se desenvolve em Portugal. Como vemos, este país é muito dependente do mundo. Importa muitos materiais e a sorte é que algumas aprendizagens desembarcam aqui com eles. No entanto, o país não valoriza o conhecimento. A ciência lá e o desenvolvimento da mesma são muito valorizados, assim como noutros grandes países.

Quanto tempo esteve na Holanda? Foi suficiente para a sua pesquisa?

P. Bartolomeu: Parti em 1713 e regressei em 1716, precisamente três anos. Quando regressei, tratei de tudo o que era necessário e tornei ao meu seminário na ilustre cidade de Coimbra. Lembrando, claro, que nele não há sábios nem alquimistas como em Zwolle, Ede e Nijkerk – cidades daquele país magnífico.

Para finalizar, poderá dizer se encontrou o que procurava e acha que vai conseguir concretizar o seu sonho?

P. Bartolomeu: Para ser sincero, eu seria até capaz de dizer o que pretendo fazer. Respondendo à sua questão, sim, encontrei. Já disse isto uma vez a um amigo meu: O homem primeiro tropeça, depois anda, depois corre, um dia voará. Tudo é possível se a vontade do Homem for grande e se ele sentir necessidade, eu estou cheio de vontade.

Entrevistador: Muito obrigado pelas suas palavras, Padre Bartolomeu.

Terminada a entrevista, assim conhecemos um pouco dos pormenores deste sonhador e da sua aventura. Esperemos que a mensagem deixada pelo mesmo tenha sido motivadora.

Maria Freitas, 12ºB

Notícia de Última Hora

Objeto voador estranho avistado

Foi avistado esta manhã um objeto voador no ar. Este não tem uma identificação, mas sabe-se quem o construiu Os construtores deste objeto são Blimunda, Baltasar e o Padre Bartolomeu, que dizem ser o grande mentor deste objeto.

O objeto que foi avistado pela população voou para Lisboa e de seguida para Mafra, porém, o voo foi bastante curto, pois a máquina, ao entardecer acabou por perder a altitude e desaparecer, não se sabe em que lugar caiu.

Sabemos também que o grande mentor desta máquina desapareceu sem deixar rasto e, sendo assim, não obtivemos respostas que nos pudessem esclarecer sobre este misterioso acontecimento. Dizem que era uma passarola.

Miriam Custódio, 12ºC

A Inquisição em "Memorial do Convento"

A obra "Memorial do Convento" de José Saramago aborda a época inquisitorial do Portugal do século XVIII. A Inquisição era uma instituição com um enorme poder, que nem o poderoso e absolutista rei D. João V conseguia contrariar: "El-rei, sendo caso duvidoso, só fará o que o Santo Ofício lhe disser que faça."

Na verdade, estávamos perante uma época em que o Santo Ofício tinha o poder de julgar todos aqueles que eram considerados "transgressores" dos ideais católicos, obrigando-os a confessar o que consideravam ser a verdade: "bem sabem que, querendo o Santo Ofício, são más todas as razões boas, e boas todas as razões más, e quando umas e outras faltem, lá estão os tormentos da água e do fogo, do potro e da polé, para fazê-las nascer do nada e à discrição". Sendo assim, os hereges, judeus, cristãos-novos e feiticeiros eram levados em procissão para, posteriormente, serem enviados para o desterro ou queimados na fogueira: "[…] juntando-se no Rossio para ver justiçar a judeus e cristãos-novos, a hereges e feiticeiros, fora aqueles casos menos correntemente qualificáveis, como os de sodomia, molinismo, reptizar mulheres e solicitá-las, e outras miuçalhas passíveis de degredo ou fogueira."

Tendo em conta a leitura da obra, deparamo-nos então, com este ritual. Esta concentração ocorria frequentemente no Rossio, pelo que era motivo de grande festa quer por parte da população, quer mesmo pelo próprio rei, que apreciava o espetáculo e jantava com grande pompa na inquisição, após ter terminado o auto de fé: "[…]diante das fogueiras armou-se um baile, dançam os homens e as mulheres, el-rei retirou-se, viu, comeu e andou, com ele os infantes, recolheu-se ao paço no seu coche puxado a seis cavalos, guardado pela sua guarda[…]".

É-nos descrita a procissão de forma pormenorizada em que os dominicanos tomavam a dianteira, segurando a bandeira de São Domingos, os inquisidores, de seguida e, finalmente, os sentenciados com círios na mão, destacando-se os que iriam morrer pela diferença dos adornos "gorro" e "Sambenito"; quanto às mulheres, que acabavam queimadas na fogueira, eram facilmente reconhecidas devido ao facto do crucifixo estar de costas voltadas para elas.

É de realçar, ainda, que o Sambenito amarelo com a cruz de Santo André a vermelho simbolizava a morte; muitas vezes, reconhecia-se o retrato do condenado cercado de diabos e labaredas.

Perante este espetáculo, o povo assistia com grande excitação, gritando impropérios aos condenados e as mulheres insurgiam-se debruçadas nos peitoris: "Grita o povinho furiosos impropérios aos condenados, guincham as mulheres debruçadas dos peitoris, alanzoam os frades, a procissão é uma serpente enorme que não cabe direita no Rossio e por isso se vai curvando e recurvando como se determinasse chegar a toda a parte ou oferecer o espetáculo edificante a toda a cidade.".

Numa destas ocasiões, a mãe de Blimunda (Sebastiana Maria de Jesus) foi enviada para o degredo, uma cristã-nova que, por ter visões e revelações seria condenada a ser açoitada em praça pública e a oito anos de degredo no reino de Angola.

O padre Bartolomeu de Gusmão também foi perseguido devido aos seus ideais que não eram concordantes com a igreja e a sua linha de pensamento.

No final da obra, depois de Blimunda ter procurado Baltasar durante nove anos, conseguiu encontrá-lo pela sétima vez que passara pelo Rossio. Havia uma enorme multidão em S. Domingos, archotes, fumo negro e fogueiras. Mais uma vez, os sentenciados, que eram onze, iam ser condenados. Além de António José da Silva, autor das comédias de bonifrates encontrava-se Baltasar que ardia já na fogueira identificado pela ausência da mão esquerda e pela barba enegrecida pelo fumo: "Caminhava no meio de fantasmas, de neblinas que eram gente. Entre os mil cheiros fétidos da cidade, a aragem noturna trouxe-lhe o da carne queimada. Havia multidão em S. Domingos, archotes, fumo negro, fogueiras. Abriu caminho, chegou-se às filas da frente, Quem são, perguntou a uma mulher que levava uma criança ao colo, De três sei eu, aquele além e aquela são pai e filha que vieram por culpas de judaísmo, e o outro, o da ponta, é um que fazia comédias de bonifrates e se chamava António José da Silva, dos mais não ouvi falar.

São onze os supliciados. A queima já vai adiantada, os rostos mal se distinguem. Naquele extremo arde um homem a quem falta a mão esquerda. Talvez por ter a barba enegrecida, prodígio cosmético da fuligem, parece mais novo."

Concluindo, estes rituais repetitivos no reinado de D João V (século XVIII) configuraram uma "mancha negra" na essência e nos direitos do ser humano.

De entre todos os livros que tive de ler no âmbito da disciplina de Português, "Memorial do Convento" foi dos livros que mais me marcou.

Não só pelo casal magnífico da obra, Baltasar e Blimunda, mas também pela amizade entre estes dois com o Padre Bartolomeu. É indescritível a forma como o leitor se sente comovido com as interações destas personagens, assim como pelos finais que cada um deles teve.

Além disso, a simbologia presente nesta obra, a meu ver, é literalmente mágica. O Sol, a Lua, o sete, o nove…. todos estes símbolos enriqueceram a leitura ainda mais. É um livro que nos faz refletir sobre a própria condição humana e que nos faz também perceber que há sempre "um lado na história" que muitas vezes ninguém conta, neste caso, a história dos "fazedores do capricho", usando um título de um quadro de José Santa-Bárbara.

Por isso, é, sem dúvida, uma daquelas obras que, quando lemos a última frase e fechamos o livro, nos deixa com um misto de sentimentos perdidos entre o carinho que a história nos trouxe e a sensação de perda.

Marta Marques, 12ºC

Biografia de Baltasar Mateus

Baltasar Mateus, ou Sete-Sóis, como também é conhecido, nasceu em Mafra, filho de Marta Maria e João Francisco.

Antes de partir para a guerra, era um camponês analfabeto, foi abandonado pelo exército quando ficou inválido por perder a mão esquerda na Guerra de Sucessão Espanhola (1704-1712).

Tinha 26 anos quando conseguiu chegar a Lisboa, e assim conheceu Blimunda de Jesus, por quem se apaixonou à primeira vista, que estava a assistir ao Auto de Fé em que Sebastiana de Jesus, sua mãe, estava a ser condenada. Após o Auto de Fé, Baltasar e Blimunda unem-se e consumam o seu amor. Baltasar começa a trabalhar no açougue em Lisboa.

Influenciado pelo Padre Bartolomeu de Gusmão, vai envolver-se na construção da passarola, onde vai exercer o trabalho manual, ficando responsável pela máquina de voar, quando o Padre Bartolomeu se ausenta para ir à Holanda adquirir o conhecimento cientifico de que necessita e quando desaparece em Espanha.

Baltasar parte para Mafra, com Blimunda, onde vai reencontrar a sua família e explicar a perda da sua mão, deixando a abegoaria, que lhe tinha sido responsabilizada, ao abandono. Passados três anos, quando Bartolomeu regressa ,vai à procura de Baltasar e Blimunda, encontrando-os em Mafra onde conversam sobre a passarola.

Baltasar e Blimunda regressam, então, a Lisboa, agora ambos com as suas funções bem definidas: Blimunda irá recolher as vontades e Baltasar irá construir a passarola. Durante este processo, Baltasar conhece Scarlatti, que vai ajudar Blimunda a recuperar da doença que a atingiu depois de recolher as duas mil vontades dos moribundos, necessárias ao voo da passarola.

Após a fuga do padre Bartolomeu à Inquisição, depois do voo inaugural da passarola, Baltasar regressa a Mafra onde vai trabalhar como construtor no convento. De vez em quando, vai ao Monte Junto, onde se encontra a passarola para a tenar preservar, numa atitude de claro respeito pelo seu criador. Numa dessas visitas à passarola, Baltasar despede-se amorosamente de Blimunda e acaba por, inadvertidamente, entrar na passarola e precipitar o seu voo, desaparecendo com ela.

Blimunda começa a sua jornada de procura de Baltasar, que vai durar nove anos, e que vai terminar no Rossio em Lisboa, quando este está a ser condenado à fogueira num Auto de Fé.

Soraia Silva, 12ºC